

REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 15

# *Rituais e Cerimónias*



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS  
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1993

## LITURGIA HIGIENISTA NO SÉCULO XIX

### Pistas para um estudo

*uti, non abuti*

*"A voz da ciência, pregando a redenção física do homem, irmana-se com a voz divina daquele que anunciou a sua redenção moral. E ao seu apelo também agora uma religião se inaugura, a da salvação corporal dos povos; a sua crença é a exterminação dos flagelos, o seu rito é um perscrutar incessante no altar da experiência, nos seus templos nunca se apaga o fogo sagrado; o fervor oficiante e a vigilância do espírito nem às dos ascetas se comparam. Dum extremo*

(\*) Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Bolseira da J.N.I.C.T..

(\*\*) Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra. Bolseiro da J.N.I.C.T..

Manifestamos os nossos agradecimentos ao Sr. Prof. Doutor Luís Reis Torgal pelo incentivo que nos tem vindo a transmitir, há alguns anos, de cultivarmos a investigação histórica no domínio das ideias científicas. Estamos-lhe, também, reconhecidos por todas as ocasiões que nos tem oferecido de apresentarmos resultados da nossa investigação, como seja, no *Congresso História da Universidade — 7- Centenário* (Coimbra, 5 a 9 de Março de 1990), no *Ciclo de Conferências* organizado pelo Centro de Recursos da Direcção Regional de Educação do Centro em Abril e Maio de 1991, no volume V da *História de Portugal* editada pelo Círculo de Leitores e coordenado pelos Profs. Doutores Luís Reis Torgal e João Lourenço Roque.

*ao outro do mundo civilizado criou devotos e evangelistas; quantas vezes sobre a glória do apostolado se não cruzam as palmas do martírio!"*

**(Ricardo Jorge, 1900)**

*"Com razão pode dizer-se que a Higiene é uma ciência enciclopédica: são dela tributárias todas as demais ciências e todas as artes (...) tudo abrange o domínio da Higiene: ao homem vai ela receber do seio materno, para, depois, o dirigir e acompanhar nas sucessivas fases da vida até ao finamento; e ainda depois da morte a Higiene inspeciona a decomposição orgânica, a transformação da matéria que volve ao seu primitivo estado de simplicidade. "*

**(Januário Peres Furtado Galvão, 1845)**

### *O espírito redentor da higiene*

Os higienistas de oitocentos não concebiam a sua disciplina como *uma* entre tantas outras. A higiene era a "filha dilecta da civilização moderna" (1), aquela ciência que, de modo fundamentado, pugnava pelo cumprimento do ideal de bem-estar físico-moral tanto do indivíduo como da sociedade. Não admira que a higiene oitocentista se tenha visto a si mesma como a *religião do futuro*. Nenhum culto podia igualar-se à providência higienista dada a validade universal dos seus desígnios e o seu utopismo firmemente alicerçado no trabalho científico. A consumação do *Bem físico e moral*, quer no plano da existência singular, quer na esfera da vida do corpo social público, estava ao alcance de *todos* através da religião higienista

(1) **Ricardo Jorge**, *Hygiene social applicada à Nação Portuguesa. Conferencias feitas no Porto, Porto, Livraria Civilisação de Eduardo da Costa Santos-Editor, 1885, p. m.*



Fig. 1 — Reprodução de uma caricatura de Ricardo Jorge, da autoria de Rafael Bórdalo Pinheiro. O artista, sintomaticamente, chamou-o de "Inocencio VI da Higiene". (*A Parodia*, Lisboa, vol. 1, nº 6, 21 Fev. 1900, p. 12).

Em 1888 Ricardo Jorge já pregava energicamente a nova religião. E, então, clamava: "Às edilidades e às gentes dos grandes centros se endereçam as epístolas e os sermões dos missionários da salubridade, que, como os apóstolos na quadra primeira do cristianismo, assentaram a sua propaganda nas cidades populosas e dirigentes do mundo" (Ricardo Jorge, *Saneamento do Porto. Relatório apresentado à Comissão Municipal de Saneamento, 1888*, reproduzido in Fernando da Silva Correia, *A vida, obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge*, Lisboa, Edição do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge, 1960, p. 56).

que, nas palavras de Ricardo Jorge, era "a da salvação corporal dos povos" (2).

A universalidade do objecto do seu cuidado, fazia da higiene "uma ciência enciclopédica" (3), pois ela tinha de colocar ao serviço da sua missão sanitária, educadora e perfectiva todo o universo científico que se vinha estruturando em tomo da vida do corpo humano e dos corpos microscópicos (4) que o habitavam. Estamos face a uma disciplina que, "intimamente relacionada com o desenvolvimento monstruoso das ciências, das artes e das indústrias" (5), se assume como o saber-construtor do *homo hygienicus*. Ela incorpora em si o capital científico do tempo para dar resposta a problemas radicais e irreduzíveis: problemas que atraíam a morte e tiravam a vida; problemas que alienavam a felicidade física e moral do indivíduo e da espécie no padecimento doloroso da finitude antecipada; problemas que impediam o melhoramento da condição humana em toda a sua complexidade físico-psico-social e política. Com toda a legitimidade se afirmou o carácter enciclopédico da higiene pois, como se verá, a objectivação dos problemas do seu campo colocou em jogo um vasto leque de saberes e de poderes.

## I. ALICERCES INTERNACIONAIS

### 1. *Policar e vacinar*

O racionalismo setecentista fizera-se sentir de forma marcante na problemática higienista. A prová-lo está o primeiro tratado de *polícia médica* da autoria do médico vienense Johann Peter Frank, dado à estampa, em vários volumes, entre 1786 e 1792.

(2) Ricardo Jorge, "Camara Pestana", *O Dia*, 15 de Novembro de 1900. Artigo reproduzido por Fernando da Silva Correia, *A vida, obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge*, Lisboa, Edição do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge, 1960, p. 143.

(3) Januário Peres Furtado Galvão, *Curso elementar d'higiene*, Porto, Typographia Commercial, 1845, p. V.

(4) Vide Jean Théodoridès, "La mentalidad etiopatológica", in *Historia universal de la medicina* dirigida por P. Lain Entralgo, vol. 6, Barcelona, Salvat Editores, 1982, pp. 175-192.

(5) Ricardo Jorge, *Higiene social applicada à Nação Portuguesa. Conferencias feitas no Porto*, *ob. cit.*, p. III.

**Johann Peter Frank, M. D.**  
Öffentlichen Lehrers der praktischen Arzneywissenschaft an  
der k. k. hohen Schule zu Pavia, und Directors des  
dortigen gr. k. k. Krankenhauses, Mitglieds  
verschiedener gelehrten Akademien,

**S y s t e m**  
einer vollständigen  
**medizinischen Polizey.**

**Erster Band.**

Von Fortpflanzung der Menschen und Ehe-Ansätzen, von Er-  
haltung und Pflege schwangerer Mütter, ihrer Leibesfrucht  
und der Kind-Doctoresinnen in jedem Gemeinwesen.

**Dritte verbesserte Auflage.**

Mit einigen Zusätzen von F. August v. Wasserberg.



**W J & N,**

gedruckt bey Johann Thomas Edlen von Trattner,  
k. k. Hofbuchdrucker und Buchhändler

**1 7 8 6**

Fig. 2 — Rosto do primeiro volume da obra de Johann Peter Frank, *Sistem einer vollstandigen medicinischen polizey* publicado em 1786 (Reprodução do exemplar cedido aos Serviços de Referência da B.G.U.C. pela Staatsbibliothek Preufischer Kulturbesitz — Berlim — Alemanha).

Intitula-se *Sistema Completo de uma Polícia Médica (System einer vollständigen medicinischen Polizey)* e é considerado o primeiro tratado de higiene moderna (6). A obra de Frank representa exemplarmente um género de trabalhos que situa a higiene no plano médico-institucionalista, isto é, que faz depender a resolução dos problemas atinentes à conservação da saúde e à prevenção da doença, fundamentalmente, da articulação do poder político com o poder médico. De acordo com a lógica do iluminismo médico não admira que Frank tenha dado especial relevo às questões relacionadas com a assistência sanitária na infância (7). Esta preocupação higienista com as primeiras idades traduz um dos sentidos da valorização social da criança, no quadro da própria consciência histórica iluminista. A abordagem que J. P. Frank faz de temas relacionados com as elevadas taxas de mortalidade da criança (8) não é redutível aos seus termos médicos, propriamente ditos, mas é estruturada no horizonte da administração policial, isto é higiénica, da sociedade. Esta estratégia problematizante que vincula o *higiénico* ao *político* é comum a todos os blocos temáticos expostos por J. P. Frank e constitui o primeiro vector de renascimento do higienismo oitocentista.

A par do "sistema de polícia médica" de Frank, o espírito científico das luzes, nesta área, atinge um momento alto com a introdução do conceito (9) de *vacinação* pelo médico britânico Edward Jenner. Foi precisamente em 1796 que Jenner, fortemente entusiasmado por Hunter, executou a primeira vacinação, culminando, desse modo,

(6) Veja-se sobre este assunto Juan Riera, *Historia, medicina y sociedad*, Madrid, Ediciones Pirámide, 1985, p. 341 ss. Tivemos oportunidade de consultar o exemplar facultado à B.G.U.C. pela Staatsbibliothek Preufischer Kulturbesitz – Berlim – Alemanha.

(7) Cf. Francisco Guerra, *Historia de la Medicina*, vol. 2, Madrid, Ediciones Norma, 1985 p. 427 ss.

(8) A varíola fornecia importante contributo para a elevada taxa de mortalidade. Recorde-se que antes da expansão da vacina a partir de 1800, a varíola vitimava em França de 50 000 a 80 000 indivíduos. Depois da difusão da vacina jenneriana, nos primeiros anos de oitocentos, os casos mortais rondavam os 10 000. Sobre este assunto confrontar Pierre Darmon, "A cruzada antivariolosa", in Jacques Le Goff, *As doenças têm história*, Mem Martins, Terramar, 1985, pp. 293-308.

(9) Cf. Pedro Marset Campos, Elvira Ramos Garcia, "Medicina y sociedad en el romanticismo", in P. Lain Entralgo, *Historia Universal de la Medicina, oh. cit.*, vol. 5, 1984, p. 344 ss.

INDAGAÇÃO  
SOBRE  
AS CAUSAS, E EFEITOS  
DAS  
BEXIGAS DE VACCA,  
MOLESTIA DESCOBERTA EM ALGUNS DOS CONDADOS OCCIDENTAES  
DA INGLATERRA, PARTICULARMENTE NA COMARCA  
DE GLOUCESTER, E CONHECIDA PELO NOME  
DE  
VACCINA,  
POR EDUARDO JENNER, M. D. F. R. S. ETC.  
— *Quid nobis certius ipsis  
Sensibus esse potest, quo vera ac falsa notemus.*  
Lucretius.  
SEGUNDA EDIÇÃO  
PUBLICADA EM LONDRES EM 1800.  
TRADUZIDA DO ORIGINAL INGLEZ POR ORDEM  
DE  
SUA ALTEZA REAL  
O PRINCIPE REGENTE N. S.

POR J. A. M.



LISBOA,  
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAPHICA.

1803.



Fig. 3 — Rosto da tradução portuguesa da obra de Edward Jenner, *Indagação sobre as causas, e efeitos das bexigas de vacca, molestia descoberta em alguns dos condados occidentaes da Inglaterra, particularmente na comarca de Gloucester, e conhecida pelo nome de vaccina* (1803). A descoberta da vacina é uma aquisição científica que ilustra paradigmaticamente o processo de produção de conhecimentos na era do racionalismo moderno (Reprodução a partir do exemplar pertencente à B.N.L.).



todo um percurso científico que abriu uma das portas principais para a higiene contemporânea.

Entre 1796 e 1797 Jenner enviou à Royal Society de Londres os resultados das suas observações mas viu negada a publicação dos seus trabalhos. Volvido um ano, em 1798, Jenner publicou por si as conclusões dos seus trabalhos com o título *An Inquiry into the Causes and Effects of the Variolae Vaccinae, a Disease Discovered in Some of the Western Counties of England, Particulary Gloucestershire, and Known by the Name of the Cow Pox* <sup>(10)</sup>. Após uma breve discussão em torno da validade do processo que se revelava inteiramente original e revolucionário, a proposta jenneriana acabaria por ser unánimemente aceite. Jacques-Louis Moreau de la Sarthe (1771-1826) foi o seu primeiro grande divulgador com a publicação, em 1801, da obra intitulada *Traité historique et pratique de la vaccine* em Paris. Por toda a Europa a difusão da descoberta de Jenner foi rápida, transpondo a breve trecho as fronteiras europeias <sup>(11)</sup>.

As repercussões da revolução vacínica adivinham-se imediatamente. Elas traduziam-se, desde logo, na possibilidade de se reduzir a mortalidade infantil o que não tardou a ser confirmado pela prática da vacinação, ultrapassando-se, assim, a técnica <sup>(12)</sup>

<sup>(10)</sup> Cf. José Luis Peset, "Terapêutica y medicina preventiva", in P. Lain Entralgo, *Historia Universal de la Medicina, ob. cit.*, vol. 5, 1984, p. 102. Também consultámos a tradução portuguesa da obra da obra de Edward Jenner: *Indagação sobre as causas, e efeitos das bexigas de vacca molestia descoberta em alguns condados occidentaes da Inglaterra, particularmente na comarca de Gloucester, e conhecida pelo nome de vaccina*, Lisboa, Regia Officina Typographica, 1803. Esta obra é um reportório das experiências que Jenner fez durante aproximadamente três décadas até à confirmação da possibilidade da inoculação da vacina.

<sup>(11)</sup> Cf. José Luis Peset, "Terapêutica y medicina preventiva", in P. Lain Entralgo, *Historia Universal de la Medicina, ob. cit.*, vol. 5, 1984, p. 103.

<sup>(12)</sup> Anterior à técnica da vacinação existia um processo preventivo da varíola designado por *variolação*. Esta técnica tirava partido da inoculação de pústulas de varíola humana em indivíduos sãos para suscitar a imunidade à doença. Se o organismo fosse capaz de desenvolver defesas e combater essa doença, então o indivíduo ficaria imune. Contudo, o risco de contrair a varíola era muito grande. A revolução jenneriana — a *vacinação* — permite elevar para níveis incomparavelmente superiores a taxa de probabilidade de sucesso na imunização do organismo humano à varíola. Jenner, ao saber que as vacas portadoras de cow-pox, produziam pústulas que ao contaminarem os ordenhadores lhes comunicavam defesas contra a varíola humana, estudou e

então corrente de prevenção da varíola. Essa técnica denominada *variolação* era um método de risco e sem eficácia significativa no combate à varíola já que podia, ele próprio, conduzir à propagação da doença. Todavia, era utilizado como um mal menor porque o índice de mortalidade nos indivíduos inoculados com as pústulas era mais baixo do que o índice decorrente da contracção da doença.

Com a revolução vacínica introduzida por Edward Jenner por um lado, e em função dos resultados práticos que ela permitia alcançar, o campo da higiene ganha uma materialidade inquestionável. Na verdade, a diminuição da taxa de mortalidade e a subida da média de vida era algo de visível e resultava da prática da vacinação. É que, a eficácia da vacina podia provar-se no curto prazo enquanto que os resultados de outras medidas como, por exemplo, as relacionadas com as condições de habitabilidade da população não eram tão evidentes e como tal era mais difícil avançar, por exemplo, com uma pedagogia higienista do que vacinar.

Tem de se sublinhar o impacto da vacina no processo de institucionalização da higiene enquanto área das ciências médicas. Pode mesmo considerar-se a vacina como tendo sido uma das práticas decisivas para a valorização da higiene no interior das ciências médicas, o que teve necessariamente reflexos nos planos institucional e profissional. E foi através da afirmação do campo higienista que as ciências médicas reforçaram a consciência do seu valor social e político. Esta consciência acentuar-se-á por todo o século XIX à medida que novos meios e processos de intervenção sanitária, pública e privada, vão sendo estabelecidos em virtude de variados factores, entre os quais é de realçar o progresso bio-médico.

adaptou este processo. A sua descoberta, alcançada após muitos anos de pesquisa, conquistou todo o mercado científico médico. Com efeito, a 14 de Maio de 1786, depois de vários anos de observação e de experiências, Jenner executou a primeira inoculação no corpo de uma criança, James Phipps, tirando partido da administração de linfa captada no braço de uma leiteira que havia sido contaminada com cow-pox. Algum tempo depois, Jenner fez na mesma criança a inoculação de pús de varíola humana e verificou que a criança se encontrava absolutamente imune ao contágio. Vide, entre outros, J.A.M.A.G., *Manual da vacinação*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1822; Manuel Joaquim Henriques de Paiva, *Preservativo das bexigas e dos seus terríveis estragos ou historia da origem e descobrimento da vaccina*, Lisboa, Na Offic. de João Procopio Correa da Silva, 1801; M. Weatherall, *In search of a cure*, Oxford, New York, Tokyo, Oxford University Press, 1990, p. 12 ss.



Fig. 4 — A origem da vacina. Reprodução de uma gravura existente na Bibliothèque Nationale (Paris-França) a partir da obra de Pierre Huard, *Sciences, médecine, pharmacie. De la révolution à l'empire (1789-1815)*, Paris, 1970.

Em resumo, Frank e Jenner projectam duas frentes básicas do higienismo por todo o século XIX. Com eles erguem-se dois princípios fundamentais, interdependentes, que a consciencia higienista de oitocentos irá esculpir em termos nacionais mas também internacionais. São eles: 1<sup>o</sup> a *conversão da saúde num objecto de administração e legislação estatais*; 2<sup>o</sup> a *prevenção vacínica*.

## 2. O pilar químico

Nesta apreciação introdutória, não pode omitir-se que o desenvolvimento da química, a partir de Lavoisier, colocou ao serviço da medicina uma série de utensílios para a conservação da saúde e prevenção da doença. Basta referir o exemplo das fumigações com gases de Guyton de Morveau. Recorde-se que a descoberta do oxigénio do ar pelo sueco Scheele (1742-1786) e pelo britânico Priestley (1733-1804) articulada com os trabalhos laboratoriais de Lavoisier (1743-



Fig. 5 — Urna das primeiras experiências sobre a técnica da vacinação. Trata-se de um ensaio realizado numa criança de cinco anos de idade no dia 16 de Março de 1798 — João Baker (Reprodução da estampa nº 2 inserta na obra de Jenner *Indagação sobre as causas, e efeitos das bexigas de vacca molestia descoberta em alguns dos condados occidentaes da Inglaterra, particularmente na comarca de Gloucester, e conhecida pelo nome de vaccina*).

1794) permitiram ao cientista francês lançar as bases para uma nova concepção da ciência química <sup>(13)</sup> demonstrando a inviabilidade da teoria do flogisto de Stahl <sup>(14)</sup>. Ao retirar o poder a esta concepção

<sup>(13)</sup> Cf. Robert Siegfried, "The chemical revolution in the history of chemistry", *Osiris*, vol. 4, 1988, pp. 34-52. E, entre outros, Bernardette Bensaude-Vincent, "Lavoisier: une révolution scientifique", in Michel Serres, *Éléments d'histoire des sciences*, Paris, Bordas, 1989, pp. 363-385.

<sup>(14)</sup> De acordo com a teoria de Ernest Stahl durante uma combustão de um metal, isto é, durante a calcinação de um metal origina-se uma cal e a

química, Lavoisier e seus seguidores, como Guyton de Morveau (1737-1816), Fourcroy (1755-1809) e Berthollet (1748-1822) lançaram as bases da química do oxigénio, de uma nova nomenclatura química e de novas leis químicas <sup>(15)</sup>. Ora, os estudos feitos com gases, nomeadamente as fumigações, foram determinantes para uma nova etapa no combate epidemiológico como demonstrou Guyton de Morveau ao utilizar gases de cloro no combate a determinadas epidemias em finais do século XVIII.

O laboratório químico passava a assumir-se como um precioso auxiliar da medicina em geral e da higiene em particular. Por isso, não será de estranhar que em função das novas tecnologias e dos novos processos químicos, se tenha iniciado a longa série de descobertas de substâncias activas, os *princípios activos*, responsáveis pelas acções terapêuticas de diversos produtos da natureza. É enorme a série de princípios activos isolados, mesmo no primeiro quartel oitocentista <sup>(16)</sup>. Rapidamente essas substâncias activas se difundem

libertação do flogisto; deste modo, um metal seria o resultante da adição do flogisto com a cal metálica. Toda a interpretação deste fenómeno está fortemente impregnada de considerações especulativas acerca da natureza do flogisto. A interpretação de Lavoisier da calcinação do metal dá prioridade à quantificação dos intervenientes na reacção. Sabendo-se que um óxido (o resultante da calcinação do metal) é mais pesado do que o metal, Lavoisier define que a combustão consiste numa reacção entre o metal e o oxigénio do ar; o óxido seria o produto daquela reacção e muito naturalmente, seria mais pesado do que o próprio metal.

<sup>(15)</sup> Merecem ainda referência os trabalhos de Joseph Black (1728-1799) e de Henry Cavendish (1731-1810), este último partidário da teoria do flogisto e cujos trabalhos versaram a descoberta do hidrogénio.

<sup>(16)</sup> É longa a lista de substâncias descobertas ou isoladas e que vieram completar o arsenal terapêutico. Este já nada tinha a ver com a polifarmácia galénica que, nos finais de setecentos, havia chegado ao termo da sua vigência na terapêutica. Assim, foram isolados ou descobertos a narcotina por Derosne, em 1803; a morfina por Sertumer, em 1805; a cinchonina por Bernardino António Gomes, em 1810; a vera trina por Meissner, em 1818; a cafeína por Runge, em 1820; a estricnina por Pelletier e Caventou, em 1818 e, por estes mesmos cientistas, a quinina, em 1820. Posteriormente, refiram-se as descobertas e os isolamentos, entre outros, da solanina, da nicotina, da narceína, da codeína, da atropina, da digitalina, etc. Uma listagem exaustiva das principais descobertas médicas, farmacêuticas e químicas encontra-se incluída em G. Bratescu, *Dictionar cronologic de medicina si farmacie*, Bucaresti, Editura Stiintifica Si Enciclopedica, 1975.

na preparação de medicamentos aumentando assim o campo de actuação da terapêutica curativa e preventiva, compreendendo situações epidémicas.

Portanto, queremos sublinhar que o processo de cientificação da higiene implicava o domínio de contributos justamente de tipo experimentalista e laboratorial.

Max Von Pettenkofer, falecido em 1901 com oitenta e três anos <sup>(17)</sup> realiza os primeiros trabalhos laboratoriais de higiene pública. Dada a sua formação química, aplica a metodologia laboratorial, nomeadamente físico-química, à resolução de problemas sanitários. Destes, merecem especial destaque as análises de águas de consumo, de águas termais, de alimentos <sup>(18)</sup> e de esgotos, sem dúvida, quatro dos campos em que a experimentação se revelou mais fértil. Rapidamente, as análises hidrológicas e bromatológicas se afirmaram no plano higiénico. No que respeita especificamente às águas, não só as de consumo eram objecto de estudo, mas também todas as outras dotadas de propriedades mineromedicinais, sabendo-se, agora, *porquê*, efectivamente, o eram.

### 3. *Inimigos fatais: animálculos invisíveis*

O entusiasmo crescente face aos resultados obtidos com a aplicação de métodos e tecnologias laboratoriais à higiene viria ainda

<sup>(17)</sup> A sua morte foi anunciada em periódicos portugueses da especialidade. Por exemplo, *A Medicina Contemporânea* apresenta a seguinte notícia: Pettenkofer — Os jornais trouxeram esta semana a notícia da morte de Pettenkofer, que num acesso de tristeza se matou com um tiro de revólver. Este nome é conhecido de todo o mundo científico, como o do mais legítimo fundador da higiene moderna, e isto nos dispensa de nos demorarmos em pormenores da sua vida científica, uma vida de trabalho do mais útil, que aos 83 anos foi tão bruscamente cortada", Lisboa, sér. 2, vol. 1, nº 8, 1901, p. 67. Também por ocasião do seu jubileu a *Coimbra Médica* traz uma notícia apontando-o como um dos "criadores da higiene moderna", "O Jubileu do Professor Pettenkofer", *Coimbra Médica*, vol. 9, nº 1, 1889, p. 15.

<sup>(18)</sup> Não queremos com isto dizer que a análise de águas e alimentos se tenha iniciado apenas na segunda metade do século XIX. Muito pelo contrário: esta preocupação não foi lançada pelo saber oitocentista. Mas, a análise em termos *quantitativos*, subsidiária da química orgânica e da análise química, constitui uma inovação sem paralelo.

a acentuar-se aquando das descobertas pasteurianas <sup>(19)</sup>. Se, na verdade, Pettenkofer laboratorializa a higiene pública, também é inegável que ele o faz fundamentalmente sob o ponto de vista físico-químico. Toda a vertente etiológica se encontrava ausente nesta perspectiva de Pettenkofer, o fundador do primeiro *Instituto de Higiene*, em Munique, em 1875 <sup>(20)</sup>. É a revolução pasteuriana que vem preencher esta lacuna dando assim um novo impulso ao processo de cientificação da higiene. Com Pasteur e seus seguidores <sup>(21)</sup>, as descobertas de microorganismos responsáveis por determinadas doenças infecciosas, abrem um novo horizonte às preocupações higienistas do tempo. Depois da laboratorialização da higiene e das descobertas microbianas, sabia-se que certos estados patológicos relacionados com determinadas condições sanitárias tinham como origem microorganismos <sup>(22)</sup> definidos.

Assim, por exemplo, depois de identificado o vibrião colérico, e conhecidas as condições da sua propagação, tão útil como evitar a sua disseminação era, precisamente, atingir o próprio microorganismo responsável pela patologia.

A articulação do ponto de vista físico-químico com a vertente bacteriológica surge na sequência dos trabalhos de Pasteur, de Koch

<sup>(19)</sup> Vide L. Pasteur, *Ceuvres complètes, réunies par Pasteur Vallery-Radot*, Paris, Masson et Cie Editeurs. Vol. 1 — Dissymétrie moléculaire, 1922, 480 pp. Vol. 2 — Fermentations et générations spontanées, 1922, 664 pp. Vol. 3 — Etudes sur le vinaigre et sur le vin, 1924, 519 pp. Vol. 4 — Etudes sur la maladie des vers a soie, 1926, 761 pp. Vol. 5 — Etudes sur la bière, 1928, 361 pp. Vol. 6 — Maladies virulentes, virus-vaccines et prophylaxie de la rage, 1933, 550 pp. Vol. 7 — Mélanges scientifiques et littéraires, 1939, 666 pp.

<sup>(20)</sup> Cf. por exemplo, a obra de Max Von Pettenkofer, *Cholera: how to prevent and resist it*, London, Baillière, Tindall, 1883.

<sup>(21)</sup> Referimo-nos concretamente, entre outros cientistas, aos trabalhos de Pasteur, Roux, Chamberland, Thuillier, Straus, Nocard, Chauveau, Joubert, Metschnikoff, Koch, Kitasato, Neisser, Eberth, Rosenbach e Frankel.

<sup>(22)</sup> Não nos cabe aqui abordar em pormenor as grandes controvérsias em tomo das descobertas bacteriológicas e, especificamente, sobre o problema da propagação da doença. Contudo, convirá salientar que todo o processo em tomo da implantação da teoria microbiana da propagação das doenças foi altamente controverso e polémico. De facto, a teoria do contágio até então vigente caía por terra face às teorias pasteurianas. O mesmo aconteceu à teoria da geração espontânea, definitivamente arredada do panorama científico por Pasteur.

e seus colaboradores <sup>(23)</sup>. A partir deles toda a comunidade passava a dispor da identificação de algumas entidades responsáveis por determinadas patologias contagiosas, o que se havia de traduzir num avanço muito significativo em termos de higiene pública.

Assim se compreende que as conferências sanitárias internacionais de Paris (1851, 1859, 1894, 1903), de Constantinopla (1866), de Viena (1874), de Washington (1881), de Roma (1885), de Veneza (1892,1897), de Dresden (1893) tivessem versado, em primeiro lugar, questões relacionadas com doenças contagiosas (cólera, peste e febre amarela), tanto no quadro da investigação laboratorial como no plano da administração sanitária <sup>(24)</sup> das diversas populações, especialmente das grandes cidades.

#### 4. Enciclopedismo da higiene científica

Além dos contributos já sumariados, o processo de cientificação da higiene envolveu o recurso a outras disciplinas, como é o caso da matemática social. Com efeito, os estudos estatísticos da sociedade forneciam à higiene uma analítica das populações em termos sócio-profissionais e económicos, facultando-lhe meios para a determinação do seu estado sanitário. A matemática social, tal como Ricardo Jorge a praticou <sup>(25)</sup>, permitia localizar focos epidémicos e correlacionar determinadas condições sanitárias com determinados estados patológicos donde resultavam vantagens evidentes para o progresso higienista e, em última análise, para a saúde individual e pública. É claro que esta dialéctica entre os interesses e as necessidades do corpo social e a actuação higienista não podia processar-se com eficácia à

<sup>(23)</sup> Sobre a revolução pasteuriana veja os diversos textos insertos na obra dirigida por Claire Salomon-Bayet, *Pasteur et la révolution pasteurienne*, Paris, Payot, 1985. Sobre o mesmo assunto consulte, ainda, a obra organizada por Michel Morange, *L'Institut Pasteur. Contributions à son histoire*, Paris, La Découverte, 1991.

<sup>(24)</sup> Uma listagem exaustiva das Conferências Sanitárias Internacionais encontra-se em Claire Salomon-Bayet, *Pasteur et la révolution pasturienne*, Paris, Payot, 1986, anexo não paginado.

<sup>(25)</sup> Vide Ricardo Jorge, *Demographia e Hygiene da cidade do Porto. I Clima-População- Mortalidade*, Porto, Repartição de Saude e Hygiene da Camara do Porto, 1899.



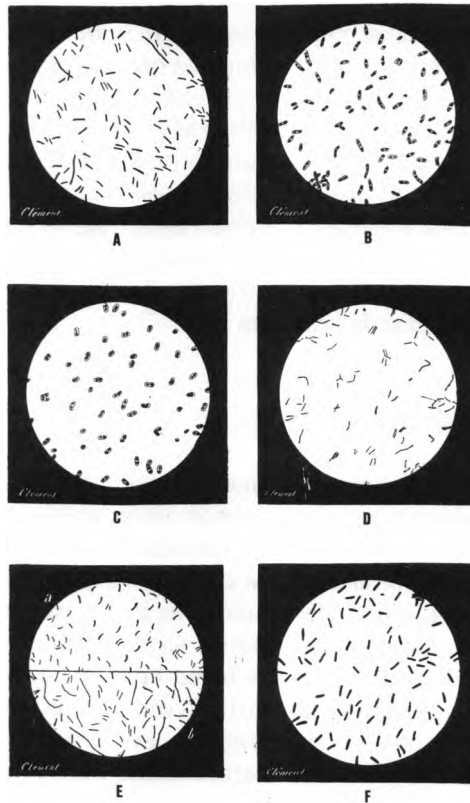


Fig. 6 — Observação microscópica de alguns microorganismos em meios de cultura. Estas figuras foram reproduzidas a partir da obra de Fernand Bezançon, *Précis de microbiologie clinique*, Paris, 1910. A- bacilo de Eberth (responsável pela febre tifoide. Descoberto em 1880 por Cari Joseph Eberth); B — pneumococo (micróbio da pneumonia. Pasteur isolou-o em 1881 mas só a partir de 1884 Frankel iniciou o estudo das suas características microbianas); C- pneumobacilo (este microorganismo interveniente na pneumonia foi isolado em 1882 por Cari Friedlander); D- bacilo de Koch (bacilo responsável pela tuberculose do homem e que foi descoberto em 1882 por Robert Koch); E- vibriões coléricos (foi Robert Koch quem em 1883 descobriu o microorganismo responsável por algumas das principais epidemias que assolaram a Europa oitocentista — a cólera. De tal modo esta descoberta elucidou a origem daquela espécie morbífica que rapidamente toda a comunidade científica se rendeu ao valor da descoberta); F- colibacilo (microorganismo descrito pela primeira vez por Eschrich em 1885).

margem da objectivação do social em moldes estatísticos e demográficos.

Em resumo: a estatística fornecia o panorama demográfico-sanitário; a análise química fazia avanços significativos no âmbito da hidrologia (análises de águas), da bromatologia (análises de alimentos) e da toxicologia aplicadas à higiene; a microbiologia com a descoberta dos microorganismos (por exemplo, os responsáveis pela cólera, pela tuberculose, pela raiva) possibilitava um combate higiénico a dois níveis: no plano preventivo através da vacinação e do controlo de focos infecciosos (exemplo: águas de consumo) e no plano propriamente terapêutico com a medicação anti-microbiana.

Se a estes alicerces juntarmos a emergência de uma nova farmacoterapia, fundada na quimioterapia de síntese e na terapêutica experimental, temos de concluir que estavam reunidas as condições básicas para caminhar no sentido da prevenção científica da doença e, portanto, também, para a valorização institucional da higiene no quadro das ciências médicas, o que só por si é sinal inequívoco da preocupação oitocentista com o estado da "moralidade física dos povos" (Ricardo Jorge). É ainda neste período que se inicia a industrialização do medicamento, acompanhada de larga difusão publicitária, o que, a seu modo, contribuiu para a afirmação duma sensibilidade higienista sobretudo ao nível das classes burguesas.

Com este panorama selectivo pretendemos mostrar a segurança dos alicerces teóricos e práticos sobre os quais a higiene se viria a afirmar ao longo de todo o século XIX, como uma área central no interior das ciências médicas e como um saber decisivo "na gerência social moderna" já que "para o progredimento das nacionalidades é tão fundamental fomentar a economia das vidas como fomentar a riqueza e a instrução" (26).

Se é certo que Lain Entralgo (27) tem razão ao defender que a higiene é uma disciplina médica socialmente condicionada, não é menos fundado dizer-se que a higiene é uma engenharia médica socialmente condicionante no sentido positivo em que avalia os "danos

(26) Ricardo Jorge, *Saneamento do Porto. Relatório apresentado à Comissão Municipal de Saneamento, 1888*, reproduzido in Fernando da Silva Correia, *A vida, obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge, oh. cit.*, p. 54.

(27) Cf. P. Lain Entralgo, *Historia de la Medicina*, Barcelona, Salvat Editores, 1982, p. 311 ss..

mórbidos" e procura "reprimir o mal físico" (28). Por isso, ela é também a economia das economias pois combate pelo Bem supremo, pelo "capital dos capitais" (29) que é a "integridade sanitária".

## II. O CASO PORTUGUÊS

### 1. A "medicina política" de Ribeiro Sanches

Um dos primeiros indicadores de preocupações higienistas em moldes *médico-políticos* foi a publicação em 1756 da obra de Ribeiro Sanches intitulada *Tratado da Conservação da saúde dos povos* (30). Este tratado reflecte claramente a perspectiva iluminista de saúde pública, tomando-a como uma questão em que a normatividade médica deve atingir os indivíduos através do poder político, designadamente de estruturas administrativas da disciplina vital das populações. Esta articulação da saúde com o poder, traduzindo-se no estabelecimento de condições objectivas, impulsionaria a conservação do bem-estar corpóreo dos povos e a prevenção de debilidades morbíficas em graus diversos.

É este o sentido capital do tratado de Ribeiro Sanches:

"Nele pretendo mostrar a necessidade que tem cada Estado de leis, e de regramentos para preservar-se de muitas doenças, e conservar a Saúde dos súbditos; se estas faltarem toda a Ciência da Medicina será de pouca utilidade: por que será impossível aos Médicos, e aos Cirurgiões, ainda doutos, e experimentados, curar uma Epidemia, ou outra qualquer doença, em uma cidade, onde o Ar fôr corrupto, e o seu terreno alagado. Nem a boa dieta, nem os mais acertados conhecimentos nestas artes produzirão os efeitos desejados; sem primeiro emendar-se a malignidade da atomosfera, e impedir os seus estragos. Somente os Magistrados, os Capitães Generais nos seus exércitos, e os Capitães de mar e guerra, serão aqueles que pelo vigor

(28) Ricardo Jorge, *Saneamento do Porto*. Relatório apresentado à Comissão Municipal de Saneamento, 1888, reproduzido in Fernando da Silva Correia, *A vida, obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge*, ob. cit., p. 54.

(29) *Idem, ibidem*, p. 55.

(30) Antonio Nunes Ribeiro Sanches, "Tratado da conservação da saúde dos povos", in *Obras*, vol. 2, Coimbra, Universidade, 1966, pp. 149-391.

**das leis decretadas poderão remediar em semelhantes ocorrências a destruição daqueles, que estiverem a seu cargo" (31).**

De facto, Ribeiro Sanches, discípulo do médico holandês Boerhaave (32), introduz um novo olhar sobre o problema do estado higiénico e sanitário das populações. Esta nova abordagem consiste em fazer depender a eficácia do saber e do poder médicos das condições políticas do seu exercício desde as condições jurídicas até às condições ecológicas, como é testemunhado pelo excerto acima transcrito.

Assim se compreende a sua ideia de "medicina política" e a sua intenção pedagógica de a transmitir às elites científica e política do tempo. E que, estas elites tanto em Portugal como no resto da Europa, em seu entender, não estavam ainda sensibilizadas para colocar o problema nos moldes referidos:

**"Até agora parece que esta sorte de Medicina Política não entrou como deveria, na consideração dos Tribunais da Europa, ainda que vejamos nos Reinos mais civilizados dela manterem-se algumas leis para a Conservação da Saúde dos Povos, é certo serem defeituosas, o que mostrará todos este Tratado" (33).**

Para Ribeiro Sanches não fazia sentido que, no século em que a razão se assumia também como razão prática, persistissem sombras densas numa matéria tão decisiva em todos os planos da existência humana. Impunha-se, por isso, abordar o problema em toda a sua latitude e apresentar à consideração dos poderes públicos medidas concretas a tomar no quadro de uma orgânica sanitária global arquitectada segundo os ditâmes das aquisições médicas mais avançadas na época.

Assim, todos os aspectos sanitários implicados na conversão de uma *cidade* numa *cidade saudável* são considerados pormenori-

(31) António Nunes Ribeiro Sanches, "Tratado da conservação da saúde dos povos", *ob. cit.*, p. 153.

(32) Vide David Williemse, *António Nunes Ribeiro Sanches — élève de Boerhaave et son importance pour la Russie*, Leiden, E. J. Brill, 1966 e Maximiano Lemos, *Ribeiro Sanches. A sua vida e a sua obra*, Porto, Eduardo Tavares Martins, 1911.

(33) António Nunes Ribeiro Sanches, "Tratado da conservação da saúde dos povos", *ob. cit.*, p. 154.

zadamente: desde o ar que se respira e a água <sup>(34)</sup> que se bebe, desde as condições de habitabilidade das casas, de hospitais, navios, casernas e igrejas, ao clima e a outros factores geográficos, passando por técnicas de desinfecção e preceitos diversos de higiene pública, obviamente, de acordo com os meios científicos então disponíveis.

Não há dúvida que o *Tratado da Conservação da Saude dos Povos* é já um tratado de *higiene pública* que se debruça sobre aqueles que não-de ser os temas constantes e efectivos das preocupações higienistas futuras, a saber: necessidade de se perspectivar a saúde de um ponto de vista administrativo-político; a criação e a divulgação de pedagogias da saúde; o controlo de dois elementos determinantes na preservação da saúde e prevenção da doença: a água e o ar.

As repercussões da obra de Ribeiro Sanches, quer do *Tratado da Conservação da Saude dos Povos*, quer do *Método para aprender e estudar a Medicina* <sup>(35)</sup> são, de algum modo, visíveis nos Estatutos médicos da reforma pombalina da Universidade de Coimbra.

## 2. *A dinâmica valorativa da higiene introduzida pela reforma pombalina*

Com efeito, os Estatutos apontam no sentido da institucionalização de uma área científica dedicada à higiene na Faculdade de Medicina e toda a argumentação desenvolvida plasma o entendimento que Ribeiro Sanches <sup>(36)</sup> tinha da matéria em causa. Assim, nos Estatutos pombalinos de 1772, a higiene é tomada no sentido de medicina preventiva e arte de conservar o estado saudável exactamente como Ribeiro Sanches preconizava. Por outro lado, o

<sup>(34)</sup> O problema da composição química das águas também foi focado, o que revela que Sanches tinha nítida consciência dos serviços que a ciência química poderia vir a prestar à medicina. "Pela química se podem indagar as águas, se contém, ou não saís, de qualquer natureza que forem: mas sempre ficaremos na dúvida se conterão partículas arsenicais, para o conhecimento das quais não temos instrumento certo que as possa indicar". (António Nunes Ribeiro Sanches, "Tratado da conservação da saude dos povos", *ob. cit.*, p. 227).

<sup>(35)</sup> António Nunes Ribeiro Sanches, "Método para aprender e estudar a Medicina", in *Obras*, vol. 1, Coimbra, Universidade, 1959, p. 1-200.

<sup>(36)</sup> vide Luís de Pina, *A marca setecentista de Ribeiro Sanches na história da higiene político-social portuguesa*, Sep. de *O Médico*, nº 283, 1953.

sentido tutelar do Estado na preservação da saúde pública através da Universidade parece-nos reflectir, pelo menos no plano programático, a posição de Ribeiro Sanches atrás enunciada. Por isso, os Estatutos indicam: "que na mesma Universidade se criem Médicos verdadeiramente úteis à saúde dos meus Vassallos, e que sejam dignos da Minha Confiança, e do crédito público" (37).

Neste sentido, era de inteiro cabimento a introdução no curso médico de matérias que versassem, precisamente, a problemática da higiene. Assim, os alunos depois terem aprendido as bases da matéria médica, da farmácia e da anatomia, tinham de fazer uma cadeira multidisciplinar que congregava domínios da fisiologia, da patologia, da semiótica, da higiene e da terapêutica. Essa cadeira, correspondente ao terceiro ano do curso denominava-se *Instituições*. No que concerne especificamente à higiene, os Estatutos de 1772 são peremptórios na sua valorização:

**"Esta é a parte mais importante da Medicina, e que tão infelizmente tem sido pouco cultivada pelos Modernos, esquecidos do exemplo dos Antigos; os quais, procurando fazer-se mais úteis à Humanidade, trabalharam muito em estudar, e ensinar as Regras, que se devem guardar para a conservação da saúde: Objecto, que além da sua grande importância, tem a vantagem de se poder melhor conseguir, pois que é mais fácil conservar a saúde, do que restitui-la depois de perdida" (38).**

As doenças devem ser evitadas e a higiene tem como objectivo, precisamente, a prevenção da doença e a conservação da saúde. Os Estatutos também sublinham que o recurso à terapêutica deve ser seguido apenas nas situações em que a higiene *ainda não* pode ou *já não* pode controlar:

**"A Terapêutica se deriva teoricamente da Patologia, assim como a Higiene da Fisiologia; e nela consiste a segunda parte da Medicina: Porque não podendo conservar-se sempre a saúde; e evitar-se sempre a doença pelos meios, e preceitos estabelecidos na Higiene, é de uma triste, e frequente necessidade o recurso à Arte Terapêutica; na qual**

(37) *Estatutos da Universidade de Coimbra (1772)*, vol. 3, Coimbra, Universidade, 1972, p. 7.

(38) *Estatutos da Universidade de Coimbra (1772)*, ob. cit., p. 53.

**se ensinam os meios para remover a doença, e restabelecer a saúde perdida" (39).**

Pelo que fica exposto se conclui que os Estatutos espelhavam implicitamente a lição de Ribeiro Sanches. A "medicina política" era aquela que procurava por meios científicos, jurídicos e administrativos eficazes, expulsar a morbidez do seu horizonte, impedindo a actuação de agentes patogénicos.

A atribuição de um lugar à higiene no quadro curricular da Faculdade de Medicina decorria directamente da *fisiologia* conforme é explicitado no texto transcrito. Por essa razão de ordem epistemológica, em 1772, a higiene encontrava-se inserida na cadeira de *Instituições*, que compreendia também a fisiologia, a patologia, a semiótica e a terapêutica. Não admira que, umas largas décadas mais tarde (sessenta e quatro anos), em 1836, a reforma de ensino de Passos Manuel, crie na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra uma disciplina intitulada *Fisiologia e Higiene* para o segundo ano e outra denominada *Medicina Legal, Higiene Pública e Polícia Médica* para o quinto ano do curso (40). A higiene associada à fisiologia é no fundo a *higiene privada* e portanto dirige-se ao corpo individual; por seu turno, a higiene ligada à polícia médica é a *higiene pública* e dirige-se ao corpo social globalmente considerado. Este duplo sentido da higiene já estava presente, embora não de uma forma explícita, quer na reforma pombalina quer na obra de Ribeiro Sanches.

Mas, sendo o corpo individual também um corpo social pois ele é um ser com os outros num meio que é partilhado por todos, compreende-se que haja uma relação muito estreita entre a vertente privada e a vertente pública da higiene. Iguamente se torna compreensível porque é que os Estatutos de 1772 insistiram mais na diferença entre a *higiene científica* e a *higiene não científica* do que em assinalar essa distinção entre o *privado* e o *público* que, de resto, só se torna ideologicamente eficaz com a ascensão do liberalismo em Portugal.

Assim, os Estatutos demarcam a autêntica higiene alicerçada na doutrina fisiológica da "higiene superficial" alheia à medicina:

(39) *Estatutos da Universidade de Coimbra (1172), ob. cit., pp. 53-54.*

(40) Vide B.A.S. Mirabeau, *Memoria historica e commemorativa da Faculdade Medicina, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872, p. 181.*

"Pelo que Encarrego gravemente ao Lente, que nesta parte se não deixe levar pelo nocivo exemplo dos Institutários modernos, que tratam da Higiene superficial, e perfunctoriamente, como se fosse coisa alheia da Medicina: E lhe ordeno, que trate fundamentalmente esta matéria, como requer a sua importância; mostrando os diferentes meios, que se devem empregar para a conservação da saúde, conforme a diversa compleição, temperamento, idade, sexo, e profissão das pessoas" (41).

A higiene médica aspirava à constituição do seu território e este devia distingui-la de outras práticas higienistas extra-científicas. O seu estatuto científico e institucional, à partida, desautorizava todas as restantes práticas "que tratam da Higiene (...) como se fosse coisa alheia à medicina", conforme se lê no excerto transcrito.

Isto não quer dizer que a higiene médica dominasse a questão da causalidade morbífica ou tivesse fixado um conceito universal de saúde e de doença. É certo que se estava na fase terminal de vigência da filosofia galénico-hipocrática segundo a qual a saúde ou a doença resultavam respectivamente do equilíbrio ou desequilíbrio de humores orgânicos (bílis amarela, bílis negra, sangue e fleuma) e, de acordo com os humores assim a "compleição" da pessoa. Também é verdade que, em finais do século XVIII, as noções de *saúde* e de *doença* começavam a ser entendidas em função de uma nova e complexa causalidade. Complexa porque são várias e distintas as teorias que se ocupam da questão desde Cullen, Brown a Broussais (42). Mas, o que importa relevar é que cada uma por si procurava impôr-se como *a grande doutrina médica*, demarcando-se das outras e remetendo para os anais da história tanto a doutrina humoral galénico-hipocrática como a síntese boerhaaviana que, por toda a Europa, começou a entrar em declínio quando nos aproximamos do fim do século XVIII (43). Não admira pois que no texto dos estatutos médicos da reforma pombalina não encontremos uma posição doutrinal bem definida. E, na verdade, ela não é exclusivamente boerhaaviana.

(41) *Estatutos da Universidade de Coimbra (1772)*, *ob. cit.*, p. 53.

(42) *Vide*, entre outros, José M. Lopez Piñero, *Ciencia y enfermedad en el siglo XIX*, Barcelona, Nexos, 1985, sobretudo p. 9 ss.

(43) Fundamentalmente, em 1753, o grande fisiólogo suíço Haller afirmou que Boerhaave era o preceptor da comunidade científica europeia. Cf. prefácio de A. Haller a Hermanni Boerhaave, *Methodus Studii Medie*, tomo 1, Venetiis, Typographia Remondiniana, 1753.



Se a valorização da higiene ocorre num quadro médico-filosófico complexo, isso não impedia que se tivesse consciência clara de que o reforço da sua posição no conjunto das disciplinas médicas dependia da investigação do problema da causalidade morbífica. Por isso, os estatutos pombalinos advertiam que a defesa da higiene obrigava a que se investigasse "como se devem remover, e apartar as causas das enfermidades; e como se há-se corrigir a influência das causas inevitáveis; e enfim como se deve proceder no uso das bebidas, dos alimentos, do movimento, do descanso, do sono, da vigia, e de tudo o mais, que contribui para o mesmo fim" (44).

### 3. *Tendencia normalizadora da prática higienista: o exemplo da farmacopeia oficial*

A reforma pombalina atribuía poderes à Universidade para proceder à regulamentação de determinadas áreas da saúde pública e, por conseguinte, da higiene. Neste âmbito, um dos aspectos mais significativos foi a recomendação, pelos estatutos de 1772, da execução de uma farmacopeia oficial, de uma farmacopeia que normalizasse determinados aspectos da saúde das populações directamente relacionados com as boticas, a produção de medicamentos e a cedência dos mesmos. A publicação desta obra oficial, concretizou-se em 1794, vinte e dois anos depois de ter sido preconizada pelos estatutos universitários de 1772, e é um dos sinais mais expressivos da perspectiva tutelar do Estado em matéria de saúde pública. Tanto quanto se sabe, existiam farmacopeias em Portugal desde 1704, embora de cariz não oficial. Com a nova farmacopeia oficial (45)

(44) *Estatutos da Universidade de Coimbra (1772)*, ob. cit., p. 53.

(45) *Pharmacopeia Geral para o reino e dominios de Portugal*, 2 vols. Lisboa, Regia Officina Typografica, 1794. Sobre os estudos farmacêuticos instituídos pela reforma pombalina e sobre a publicação da primeira farmacopeia oficial portuguesa, vide o artigo de João Rui Pita, "O ensino da farmácia na reforma pombalina da Universidade de Coimbra", *Kalliope — De Medicina*, vol. 1, n.º 2, 1988, pp. 41-45. Este mesmo autor tem estudado especificamente a *Pharmacopeia Geral para o reino e dominios de Portugal*. Deste estudo resultaram as seguintes comunicações: "The first official Portuguese pharmacopeia and the University statutes of 1772" (comunicação apresentada ao "João Jacinto Magalhães conference on physical sciences in the XVIII century" — Coimbra, 7 a 10 de Novembro de 1990. Em publicação nas Actas do mesmo congresso)

procurava-se normalizar certo tipo de procedimentos no âmbito da saúde pública ou, como se lê no alvará de 7 de Janeiro de 1794 "regular a necessária uniformidade das (...) preparações, e composições; sendo certo que, sem que haja esta uniformidade, é impossível, que a Medicina se pratique sem riscos da vida, e saúde de Meus fiéis vassalos" (46).

Este alvará que autorizava a publicação da farmacopeia, indicava claramente o objectivo normalizador da mesma ao obrigar todos aqueles que seguiam a arte farmacêutica a qualificarem-se segundo os seus ditâmes:

"Que esta mesma Farmacopeia seja para instrução de todos, os que aprenderem a arte farmacêutica, dos quais nenhum poderá examinar-se, depois do tempo competente de prática, sem que seja segundo os elementos de Farmácia e segundo o método de preparar, e compor cada um dos medicamentos contidos na dita Farmacopeia Geral, mostrando um perfeito conhecimento de uma e outra coisa, assim como dos simples pelo modo, que nela se descreve" (47).

A mesma intenção disciplinar está patente na obrigatoriedade da existência da *Pharmacopeia Geral* nas boticas, bem como na penalização daqueles que não cumprissem as regras impostas pelo referido alvará. A *Pharmacopeia Geral*, da autoria de Francisco Tavares, lente da Faculdade de Medicina, utilizava uma nomenclatura pré-lavoisieriana e vigorou até 1835, ano em que o *Código Pharmaceutico Lusitano ou Tratado de Pharmaconomia* (48) de Agostinho Albano da Silveira Pinto, médico e doutor em Filosofia (49), assumiu o papel de farmacopeia oficial.

e "A farmacopeia de 1794 e as operações farmacêuticas" ('poster' apresentado ao 3º Congresso Nacional de Ciências Farmacêuticas/1º Congresso Mundial de Farmacêuticos de Expressão Portuguesa — Lisboa, 16 a 19 de Maio de 1991).

(46) Vide texto do alvará publicado nas páginas iniciais (não paginadas) da *Pharmacopeia Geral*, *ob cit.*

(47) Cf. Alvará de 7 de Janeiro de 1794 in *ob. cit.*

(48) Agostinho Albano da Silveira Pinto, *Código Pharmaceutico Lusitano*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1835.

(49) As questões científicas que se levantaram em tomo da substituição da farmacopeia de 1794 pela obra de Silveira Pinto podem ser apreciadas pelas Actas das Congregações da Faculdade de Medicina de Coimbra de 10 de Abril, de 29 de Maio, de 15 de Outubro, 22 de Outubro de 1835, fl. 119 ss. A.U.C. — *Actas manuscritas da Faculdade de Medicina, 1822-1841* (IV-1ºD-3-1-85).

O que importa sublinhar neste artigo é que a *Pharmacopeia* (tanto a de 1794 como a de 1835) é uma prova inequívoca de um novo olhar sobre o estado físico, orgânico e moral das populações: um olhar *político iluminante* que aspira ao controlo higiénico do corpo social mediante práticas transparentes e uniformes ditadas soberanamente. Daqui para diante, esta estratégia de governo sanitário conhece uma progressiva acentuação e diversificação. Alguns protagonistas neste processo tem de ser invocados.

#### 4. *Configuração da polícia higiénica*

Assim, o químico e médico Henriques de Paiva, conhecido membro maçónico, contribuiu de uma forma relevante para a definição de uma estratégia de governo sanitário das populações<sup>(50)</sup>. O autor traduziu e adaptou muitas obras estrangeiras no domínio da higiene<sup>(51)</sup> insistindo, por regra, em dois princípios: o *valor político da saúde* e a sua afirmação através de uma *pedagogia eficaz*. Portanto, o seu

<sup>(50)</sup> A criação da Junta de Saúde em 1813, bem como a actividade legislativa sobre esta matéria, inscrevem-se neste processo. Esta vertente do tema merecia um estudo particular. *Vide Collecção de Leis e Regulamentos Geraes de sanidade urbana e rural, Edição official, 2 vols. Lisboa, Imprensa Nacional, 1878; M.D. Tello da Fonseca, Historia da Farmácia através da sua legislação, 3 vols., Porto, Empresa Industrial Gráfica do Porto, 1935-1941.*

<sup>(51)</sup> Estão neste caso, entre outras, as seguintes obras: o *Aviso ao povo sobre as asphyxias ou mortes apparentes, e sobre os socorros que convém aos afogados, às creanças recém-nascidas com apparendas de mortas, e aos suffocados por uma paixão vehemente d'alma, pelo frio ou calor excessivo, pelo fumo do carvão, ou pelos vapores corruptos dos cemitérios, cloacas, canos, prisões, etc.* (1786), o *Aviso ao povo, ou signaes e symptomas das pessoas envenenadas com venenos corrosivos, como seneca, solimão, verdete, cobre, chumbo, etc., e dos meios de as socorrer* (1787), o *Aviso ao povo, ou summario dos preceitos mais importantes, concernentes à criação das creanças, às differentes profissões e officios, aos alimentos e bebidas, ao ar, ao exercido, ao somno, aos vestidos, à intemperança, à limpeza, ao contagio, às paixões, às evacuações regulares, etc., que se devem observar para prevenir as enfermidades, conservar a saude e prolongar a vida* (1787), a *Exposição dos meios chimicos de purificar o ar das embarcações, isto é, de destruir as particulas malignas que resistem aos meios mechanicos, e de conhecer a existencia das mesmas particulas malignas na atmospheria* (1798), as *Reflexões sobre a communicação das enfermidades contagiosas por mar e sobre as quarentenas que se fazem observar em alguns paizes, etc.* (1803), o *Preservativo das bexigas e de seus terríveis estragos, ou historia da origem e*

trabalho de divulgador <sup>(52)</sup> de princípios científicos e de medidas concretas referentes à conservação da saúde não esgotava a sua visão do problema. É lícito afirmar que Henriques de Paiva pugnava pela "democratização" do conhecimento de variados aspectos higienistas. É que, sem a sensibilização da consciência pública para os problemas da conservação da saúde e sem a colaboração de todos neste processo, as imposições legislativas, normalizadoras e penalizantes, revelar-se-iam improfícuas: "Tendo a Medicina por objecto dois importantíssimos fins, que são a conservação, e restabelecimento da saúde dos homens, parece que se há alguma Ciência ou Arte, que deva ser popular, é sem dúvida esta"<sup>(53)</sup>.

Henriques de Paiva não pretendia popularizar a medicina no sentido em que todos pudessem ser *polícias-médicos* de si próprios ou em que qualquer pessoa pudesse ter acesso ao livre exercício da medicina. O que defendia era uma pedagogia da população em termos sanitários, isto é, a efectivação social do higienismo. Assim, por exemplo, dever-se-ia colocar ao alcance de todos a higiene da casa, da alimentação, das águas, do vestuário, do repouso, do trabalho, etc.. Todos deviam conhecer as normas higiénicas básicas para viver um quotidiano saudável, pois só assim se garantia a sua (sobre)vivência colectiva.

Além dos trabalhos de Henriques de Paiva, outras obras participaram na definição da moldura da polícia médica na primeira metade do século XIX, como sejam por exemplo: Francisco José de

*descobrimto da vaccina, e dos seus effeitos ou symptomas, e do methodo de fazer a vaccinação, etc.* (1801) e, ainda, a tradução acrescentada do *Aviso ao Povo acerca da sua saúde* (1- ed. em 1787), de Tissot e a tradução da *Medicina domestica* (1- ed. em 1787) de Buchan. Esta lista pretende apenas fornecer uma ideia do trabalho desenvolvido nesta área pelo autor.

<sup>(52)</sup> A difusão das novas ideias científicas em Portugal através de Manuel Joaquim Henriques de Paiva, fundamentalmente das ideias químicas e farmacêuticas com aplicação à medicina foi estudada por João Rui Pita, Amorim da Costa e J.P. Sousa Dias e apresentada na comunicação "Manuel Joaquim Henriques de Paiva e a difusão das novas doutrinas e práticas da química e farmácia em Portugal" feita no "Congresso Internacional Louis Proust — teoria, prática e difusão científicas en la química europea del s. XVIII" — Segóvia — Espanha —18 a 22 de Maio de 1992 (Em publicação nas Actas do mesmo congresso).

<sup>(53)</sup> Guilherme Buchan, *Medicina Doméstica*, vol. 1, Lisboa, Typografia Morazziana, 1787. Tradução de Manuel Joaquim Henriques de Paiva.

Almeida, *Tractado da educação physica dos meninos*, 1791 <sup>(54)</sup>; António de Almeida, *Historia da febre que grassou na cidade de Penafiel*, 1792 <sup>(55)</sup>; Melo Franco, *Elementos de hygiene*, publicada em 1814, 1819 e 1823 <sup>(56)</sup>; Joaquim Xavier da Silva, *Breve tratado de hygiene militar e naval*, 1819 <sup>(57)</sup>, reeditado também em 1836.

Por outro lado, tendo sido versadas, com grande frequência, questões relacionadas com a prevenção da doença e a preservação da saúde, de acordo com os moldes científicos higienistas e as preocupações político-pedagógicas da época, em publicações periódicas como por exemplo o *Jornal Encyclopedico* <sup>(58)</sup>, *O Investigador Portuguez em Inglaterra* <sup>(59)</sup>, *Annaes das Sciendas, das Artes e das*

<sup>(54)</sup> Francisco José de Almeida, *Tractado da educação physica dos meninos*, Lisboa, Academia Real das Sciendas, 1791.

<sup>(55)</sup> António de Almeida, *Historia da febre que grassou na cidade de Penafiel*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1792.

<sup>(56)</sup> Consultámos a edição de 1823. Melo Franco, *Elementos de hygiene*, Lisboa, Academia Real das Sciendas, 1823.

<sup>(57)</sup> Joaquim Xavier da Silva, *Breve tratado de hygiene militar e naval*, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1819.

<sup>(58)</sup> Consultámos todos os números que foram dados à estampa; desde 1779 a 1791. *Vide*, entre outros artigos: "Carta sobre a inoculação das bexigas", Julho, 1779, p. 66 ss.; "Noticia do modo como se extinguiua huma epidemia", Julho, 1779, p. 68 ss.; "Observações sobre o uso da Saponaria officinal nas enfermidades venereas", Agosto, 1788, p. 207 ss.; "Relação de hum parto de quatro crianças, conservando-se todas, e a mãe com perfeita saude", Julho, 1791, p. 26 ss.; "Novas observações sobre os perigos a que se expõem as pessoas que vão habitar para cazas acabadas de novo", p. 304 ss..

<sup>(59)</sup> Consultámos todos os vinte e três volumes deste jornal literário e político, de 1811 a 1818. *Vide*, entre outros artigos: "Ensaio em que se examina ate que ponto os effluvios dos corpos animais mortos, passando pelo processo natural da putrefacção são aptos a produzir Febres Malignas Pestilenciaes; e ate que ponto taes effluvios são capazes de excitar hum movimento putrefactivo, nas substancias animaes vivas expostas à sua açãõ?", vol. 2, 1811, p. 282 ss.; vol. 3, 1811, p. 630 ss.; "Reflexoens, e observaçoens sobre a pratica da Inoculação da Vaccina e suas funestas consequências, feitas em Inglaterra", vol. 6, 1811, p. 173 ss.; vol. 7, 1812, p. 352 ss.; "Estabelecimento para a propagação da Vaccina mandado crear na Corte do Rio de Janeiro por S.A.R. o Príncipe Regente Nosso Senhor", vol. 9, 1812, p. 58 ss.; "Memoria sobre o methodo de limpar, e conservar limpa a cidade de Lisboa", vol. 21, 1813, p. 46 ss..

*Letras* <sup>(60)</sup>, *Jornal de Coimbra* <sup>(61)</sup> — não será desmedido supor que esta actividade editorial participou na configuração da "polícia médica".

Por outro lado, todos estes materiais nos dizem de forma clara e inequívoca que a higiene estava a ganhar terreno não so no interior das ciências médicas como ãas esferas do poder político-administrativo e, de modo geral, na opinião das élites ilustradas. Se não se verificasse a conjugação de interesses científicos, políticos e pedagógicos com o desejo público de melhoria das condições existenciais, talvez não se constatasse tão significativo índice de presença destes assuntos nos referidos periódicos.

##### 5. A "polícia médica" de Freitas Soares

Atenção especial é devida ao *Tratado de Policia Medica* <sup>(62)</sup> de José Pinheiro de Freitas Soares publicado em 1818. Nele o autor aborda explícita e valorativamente o tema da prevenção da saúde sob a tutela do Estado enquanto instância responsável pelos problemas sanitários.

Esta obra, e de acordo com o seu subtítulo, dava indicações "para organizar um regimento de polícia de saúde, para o interior do reino de Portugal" <sup>(63)</sup>. A justificação dada para a constituição de um *regimento de polícia de saúde* era de tipo económico e político: população saudável é sinónimo de riqueza, fonte de outras riquezas que se traduzem em vantagens positivas na concorrência entre os povos.

Por isso, a *polícia médica* compreendendo a administração sanitária e o código normativo higienista que o Estado devia publicitar e fazer cumprir para garantir o bom estado físico da população, era

<sup>(60)</sup> Consultámos a colecção completa desde 1818 a 1822. *Vide*, entre outros artigos: "Considerações sobre os venenos, seus efeitos, antídotos, tratamento, e caracteres dis tincti vos", vol. 2,1818, p. 41 ss.; "Breve Instrucção sobre os meios de prevenir os contagios, e de suster os progressos das febres epidemicas", vol. 3,1819, p. 112 ss.; "Dos Retretes moveis, e sem cheiro", vol. 7, 1820, p. 104 ss.; "Das Aguas naturaes e da sua Analyse", vol. 11, 1821, p. 33 ss..

<sup>(61)</sup> Consultámos o jornal na íntegra, desde 1812 a 1820.

<sup>(62)</sup> José Pinheiro de Freitas Soares, *Tratado de Policia Medica*, Lisboa, Typografia da Academia Real das Sciendas, 1818.

<sup>(63)</sup> José Pinheiro de Freitas Soares, *Tratado de Policia Medica, oh. cit.,* rosto.

TRATADO  
DE  
POLICIA MEDICA,  
NO QUAL SE COMPREHEDEM TODAS AS MATERIAS, QUE PODEM  
SERVIR PARA ORGANIZAR HUM REGIMENTO DE POLICIA DA  
SAUDE, PARA O INTERIOR DO REINO DE PORTUGAL;  
OFFERECIDO  
A' ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS  
DE LISBOA  
PELO SEU SOCIO  
JOSE' PINHEIRO DE FREITAS SOARES,  
*Membro da Junta da Saude.*



LISBOA  
NA TYPOGRAFIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS.  
1818.  
*Com licença de SUA Magestade.*

Fig. 7 — Rosto do *Tratado de policia medica* (1818) de José Pinheiro de Freitas Soares (Reprodução a partir do exemplar pertencente à B.G.U.C.).

considerada prioritária a todos os títulos. Num certo sentido, o reconhecimento do valor da higiene em termos de vantagens económicas e socio-políticas na dinâmica histórica é um dado novo (64) relativamente à perspectiva de Ribeiro Sanches. Não admira que assim seja: o *Tratado de Policia Medica* é concebido cerca de setenta anos depois do *Tratado da Conservação da Saúde dos Povos* e, portanto, é posterior à revolução higienista operada por J.P. Frank. O próprio título de "Policia Medica" espelha o sentido social e político da higiene, justamente aquele que devém a moldura fixa do higienismo oitocentista. Freitas Soares, de resto, foi bem explícito nesta matéria: "sem um Código de Policia não pode haver harmonia social, segurança pública, e boa ordem" (65). A Policia Médica não se cingia ao *minimum vitalis* porque "versando sobre a direcção das faculdades físicas, e morais do homem, e sobre a salubridade dos diferentes objectos, que tem relação com a sua existência" (66), ela afecta toda a vida social nos seus diversos níveis.

Isto equivale a dizer que todo um conjunto de vivências, comportamentos e rituais tem de ser objectivado higienicamente e controlado pela policia médica como é o caso dos enterramentos, dos casamentos, dos expostos (67), de instituições como cadeias, hospitais, matadouros e outras. Na verdade, Freitas Soares objectiva todas estas realidades, aparentemente tão distintas, sob o mesmo ângulo e em função do mesmo interesse higienista. Obviamente, o autor dava particular realce à policia médica do casamento, tendo em vista assegurar a boa descendência dos portugueses:

"Nascem com o homem os desejos de se reproduzir; e esta poderosa Lei da Natureza influe muito na prosperidade dos Estados por meio dos casamentos. Mas nem todos os homens estão nas circunstâncias de cohabitar sem dano da sua saúde, e nem todos

(64) Vide José Pinheiro de Freitas Soares, *Tratado de Policia Medica*, ob. cit., sobretudo capítulos I, V, VI, VIA, IX, XXIX e XXX.

(65) José Pinheiro de Freitas Soares, *Tratado de Policia Medica*, ob. cit., p. 1.

(66) José Pinheiro de Freitas Soares, *Tratado de Policia Medica*, ob. cit., p. 1.

(67) Fruto do olhar higienista sobre os expostos é, por exemplo, o trabalho de José Pinheiro de Freitas Soares, "Memoria sobre a preferencia do leite de vaccas ao leite de cabras para o sustento das crianças, principalmente nas grandes casas dos expostos; e sobre algumas outras materias, que dizem respeito à criação delles", *Memorias económicas da Academia Real das Sciendas*, vol. 5, 1815, pp. 278-335.



podem dar uma descendência sadia, e vigorosa; e daqui vem a necessidade de se deverem tomar medidas sobre os casamentos" (68).

No tratado de Freitas Soares os médicos e os cirurgiões são vistos como agentes da polícia médica e nessa medida detentores de poderes cujo exercício implicava uma firme consciência deontológica (69).

#### 6. *Atualização médica-higienista do ideal de perfectibilidade humana das Luzes*

A partir do *Tratado de Policia Medica* bem como dos contributos atrás apontados é possível fazer uma ideia da extensão do campo higienista e das suas problemáticas fundamentais. No entanto, é muito significativo verificar que o ideário *perfectibilista* das Luzes não foi recalçado. Isto é: a consciência higienista destas primeiras décadas de oitocentos não tem como limites as questões transversais do bem-estar orgânico e moral das populações. Para atestar que os princípios iluministas do *progresso da humanidade* e da *perfectibilidade do género*

(68) José Pinheiro de Freitas Soares, *Tratado de Policia Medica, ob. cit.*, p. 378.

(69) Para que não houvesse opiniões diversas e opostas sobre a responsabilidade do médico em determinados resultados, Freitas Soares explicita os casos imputáveis à actuação do médico ou do cirurgião. Esses casos eram os seguintes: "1º Quando se tenha ensaiado um remédio ou desconhecido, ou que pertença à classe dos venenos, do qual evidentemente tenham resultado graves inconvenientes para o doente. 2º Quando, sem a necessidade urgente, o Professor tiver dado a qualquer mulher pejada alguns remédios, dos quais se tenha seguido o aborto. 3º Quando em uma doença grave o Professor se puser em inacção, deixando morrer o doente sem os necessários remédios. 4º Quando praticasse alguma operação, que não fosse necessária, e da qual resultasse ou a morte, ou a perda de algum membro ao doente: quando a não tivesse praticado nos casos, em que ele era indispensável: ou finalmente quando a não tivesse feito a tempo de salvar o doente. 5º Quando o resultado de uma necessária operação fosse desgraçado, por faltas cometidas pelo operador. 6º Quando em casos graves o Professor assistente não tivesse recorrido a ouvir os votos dos seus Colegas em conferência; ou que recusasse ouvi-los, se a conferência lhe fosse proposta. 7º Quando o Professor desamparasse os seus doentes sem motivo; ou se os deixasse morrer por sua negligência, e falta de assistência". Cf. *Tratado de Policia Medica*, pp. 373-374.

humano foram reactualizados, basta invocar a obra *Memoria Filosófica sobre a Megalanthropogenesis, ou arte de aperfeiçoar a espécie humana*, da autoria do médico higienista Jerónimo José de Melo. Não há nada de surpreendente no facto de um médico que também era político e professor de higiene (70) se preocupar com a "perfectibilidade" humana. Sabe-se que a consciência da imperfeição humana confrontada com a assunção iluminista do poder da razão prática gerou a aspiração a uma "arte de aperfeiçoar a espécie humana" tanto no plano físico como na sua realidade moral. Ora, escreve Jerónimo José de Melo, como o moral "não é mais que o físico olhado debaixo de certas relações" (71) cabia à medicina, em particular à sua vertente profiláctica ou propriamente higiénica, operar "a produção da boa espécie humana" (72). Dela é que era legítimo esperar a realização deste ideal iluminista. Ela detinha o saber fundamental capaz de desafiar o Criador, dando resposta ao inconformismo da razão humana perante as imperfeições da obra divina. A medicina colocando ao serviço do aperfeiçoamento da espécie humana todos os recursos que tinha ao seu alcance e investindo mesmo em novos meios para a corrigir, realizaria aquele nobre e superior ideal.

Assim sendo, a higiene médica não é redutível ao policiamento das condições sanitárias das populações tanto intra-orgânicas como ecológicas com vista à conservação da saúde e prevenção da doença. Ela faz seu o ideal de aperfeiçoar física e moralmente a espécie humana, embora não possuísse os meios capitais para lhe dar corpo, além de que a concretização desse ideal optimista implicava todo um trabalho cultural na longa duração. Isto é: sem vencer as resistências ideológicas, a força da tradição, dos hábitos e dos interesses particulares, sobretudo em matéria de disciplina reprodutiva, a *higiene da espécie*, que outra coisa não é a *megalanthropogenesis* dificilmente poderia cumprir-se.

O essencial a reter aqui é que a primeira higiene médica de oitocentos, embora concentrada em questões primárias da saúde

(70) A.U.C. — MELO, *Jerónimo José de* (IV-1ºD-7-4-); processo manuscrito. Vide, também, Manuel Augusto Rodrigues, *Memoria Professorum Universitatis Conimbrigensis*, Coimbra, Arquivo da Universidade, 1992, p. 216.

(71) Jeronimo José de Melo, *Memoria Filosófica sobre a Megalanthropogenesis, ou arte de aperfeiçoar a espécie humana*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1822, p. 5.

(72) *Idem, ibidem*. Sublinhado nosso.

pública, não abandona o sonho de uma *cidade* física e moralmente perfeita, em que, no mínimo, a doença e a morte não surpreendessem os seus habitantes em qualquer idade, condição e lugar, como era norma, no tempo.

### 7. *A vacina: "objecto político" prioritário*

Nas *Memorias da Academia Real das Sciendas de Lisboa* (73), com muita frequência, são abordados temas relativos ao higienismo. Entre estes incluem-se os trabalhos e relatórios da *Instituição Vacínica*, fundada em 1812 no âmbito da Academia das Ciências (74). As razões que o regulamento da Instituição Vacínica da Academia Real das Ciências de Lisboa invoca para legitimar a utilidade da referida instituição podem agrupar-se em dois tipos: 1º — a Instituição é fundada porque a vacina não se tinha ainda divulgado em Portugal (75). 2º — a Instituição é fundada para "o progresso das

(73) Consultámos os volumes correspondentes aos anos que vão desde 1780 a 1856.

(74) Vide António de Almeida "Annaes vaccinieos de Portugal ou Memoria Chronologica da Vacinação em Portugal, desde a sua introdução até o estabelecimento da Instituição Vacciniea da Academia Real das Sciencias de Lisboa", *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. 4, nº 2, 1816, pp. 40-64.

(75) O relatório fundamental da investigação de Jenner foi traduzido para português e publicado em 1803; vide Eduardo Jenner, *Indagação sobre as causas, e efeitos das bexigas de vacca, molestia descoberta em alguns condados occidentaes da Inglaterra, particularmente na comarca de Gloucester, e conhecida pelo nome de vaccina*, Lisboa, Regia Officina Typographic, 1803. Entre nós houve alguma polémica sobre a eficácia vacínica. Por exemplo, Heleodoro Jacinto de Araújo Carneiro, depois de uma viagem científica (1804-1805) feita aos principais centros médicos da Europa e com o objectivo de captar sobretudo as inovações no âmbito da higiene, pronunciou-se contra a vacina. Vide *Actas das Congregações da Faculdade de Medicina (1772-1820)*, vol. 2, Coimbra, Arquivo da Universidade, 1985; Heleodoro Jacinto de Araujo Carneiro, *Reflexoens, e Observaçoens sobre a pratica da inoculação da vaccina e as suas funestas consequendas feitas em Inglaterra*, Londres, Mr. Cox, Filho, e Baylis, 1808, 136 pp. Vide, também, B.A.S. Mirabeau, *Memoria historica e commemorativa da Faculdade de Medicina*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872, p. 118 ss. Este opúsculo, na opinião do eminente Bernardino António Gomes, teve o mérito de suscitar a desconfiança no público relativamente à

ciências e do bem público" designadamente através da disponibilização de "o antídoto das bexigas gratuito, e ao mais fácil alcance de todos os (...) habitantes que quisessem precaver esta terrível enfermidade" (76). Para combater o indiferentismo público relativamente à revolução vacínica e à nova instituição colocada ao serviço de todos, o governo fez circular entre os padres diocesanos em 19 de Junho de 1813 a seguinte recomendação:

"Sendo a vacina reconhecida por todas as Nações civilizadas, como preservativo inocente da funesta epidemia das Bexigas, que sem ele poucos deixavam de ter, e muitos morriam; e já felizmente muito experimentado neste Reino, e até com o Paternal exemplo, que deu o Príncipe Regente N.S. fazendo vacinar seus Augustos Filhos: são obrigados todos os que não têm tido Bexigas a vacinarem-se, e os chefes de Família a fazerem vacinar nas mesmas circunstâncias a todas as pessoas que deles dependem. Para esperar esta obrigação, e facilitar o uso geral do mesmo preservativo, de que tanto bem resulta à humanidade, e ao Estado, a Academia das Ciências fundou a Instituição Vacínica (...)" (77).

Em quatro meses de funcionamento, segundo a estatística de B. A. Gomes, a Instituição Vacínica tinha vacinado "195 indivíduos" repartidos da seguinte forma: 85 — "vacina regular"; 30 — "vacina duvidosa"; 12 — "falsa vacina"; 19 — "vacina nula", sendo desconhecidos os resultados em 49 outros indivíduos (78).

Não se pode afirmar que o impacto vacínico tenha sido significativo. Pelo contrário. E isso é visível no discurso de José Maria

vacinação e, portanto, de produzir efeitos contrários àqueles que era necessário desencadear junto da comunidade, mal informada e, regra geral, analfabeta. Vide Bernardino António Gomes, "Conta dada na congregação dos membros da Instituição Vacciniea da Academia Real das Sciencias em 15 de Outubro de 1812", in *Collecção de opúsculos sobre a vaccina*, nº I e II, Lisboa, Typografia da Academia, 1812, p. 23.

(76) Vide "Regulamento da Instituição Vacciniea da Academia Real das Sciencias de Lisboa", in *Collecção de opúsculos sobre a vaccina*, nº I e II, Lisboa, Typografia da Academia, 1812, p. 7.

(77) Bernardino António Gomes, "Recopilação historica dos trabalhos da Instituição Vacciniea durante o seu primeiro anno", *Memorias de Mathematica e Physica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. 3, nº 2, 1814, p. XC.

(78) Bernardino Antonio Gomes, "Recopilação historica dos trabalhos da Instituição Vacciniea durante o seu primeiro anno", *art. cit.*, p. 23 ss.

Soares de 24 de Junho de 1820 <sup>(79)</sup>, entre outros, como também em variadas estatísticas demográfico-sanitárias efectuadas no decurso do século XIX ou já no século XX <sup>(80)</sup>. Mas, o valor higienista da vacina nem por isso deixou de ser sublinhado por muitos <sup>(81)</sup>, entre os quais o próprio Bernardino António Gomes que se pronunciou nestes termos: "É neste ponto de vista político, e interessantíssimo, isto é, como muito capaz de fazer aumentar a população, que a vacina deve também ser olhada, e tem sido por todos os Governos civilizados. Por meio dela, segundo o cálculo do Sr. Marino Miguel Franzini, pode Portugal aumentar cada ano em população até 9.500 indivíduos e, segundo os princípios de Mr. Duillard, pode em 134 anos fazê-la

<sup>(79)</sup> Vide José Maria Soares, "Discurso historico sobre os trabalhos da Instituição Vaccinea lido na sessão publica de 24 de Junho de 1820", *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. 7, 1821, pp. XXVIII-XLII. A fraca repercussão da vacina ainda se agravou em determinados períodos históricos. O autor para exemplificar um destes "declínios" da vacina em Portugal referia que em 1817 foram vacinados 19 999 indivíduos e que três anos depois esse número havia baixado para 5 630.

(so) p<sub>or</sub> exemplo: Femando da Silva Correia afirma que "a média anual causada pelas bexigas foi de 1902 a 1910 de 1 589 e de 1916 a 1925 de 1 705 (...). É raro o ano em que morrem menos de 500 pessoas com varíola (...). A maior mortalidade é até aos 5 anos, antes da idade escolar, em que a obrigatoriedade da vacina é mais vigiada, embora esteja longe da perfeição. A renitência do povo à vacinação é proverbial, como índice claro da imprevidência nacional. É vulgar encontrar pessoas de categoria com cicatrizes de varíola...". Cf. Femando da Silva Correia, *Portugal sanitário*, Coimbra, Dissertação de doutoramento, 1937, pp. 213-214. Vide, também, o trabalho de Rui Cascão para o período compreendido entre 1809 e 1890, in "Demografia e sociedade", *História de Portugal*, dirigida por José Mattoso, vol. 5, "O Liberalismo (1807-1890)", coordenado por Luís Reis Torgal e João Lourenço Roque, Círculo de Leitores, 1993, pp. 424-439.

<sup>(81)</sup> Por exemplo Manuel Joaquim Henriques de Paiva, *Preservativo das bexigas e dos seus terríveis estragos ou historia da origem e descobrimento da vaccina, dos seus symptomas, e do methodo de fazer a vaccinação &c.*, Officina de João Procópio Corrêa da Silva, 1801. Vide, igualmente, J.A.M.A.G., *Manual da vaccinação*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1822. E, ainda J. Benevides, "A vacinação obrigatória", *Gazeta Illustrada*, Coimbra, vol. 1, n<sup>o</sup> 26, Nov. 1901, pp. 301-302. Recorde-se que a obrigatoriedade da vacinação antivariólica foi imposta pela Lei de 2 de Março de 1899, o que não quer dizer que tenha sido cumprida!

chegar a 4.923.575, que se aproxima ao duplo da actual" (82). Este optimismo higienista que se assume explicitamente como sendo um optimismo político é partilhado, igualmente, por Inácio Benevides. No seu *Discurso historico sobre os trabalhos da Instituição Vacciniea*, recitado na sessão pública da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 24 de Junho de 1818 sublinha que "*todos os Governos têm olhado a Vacina como um objecto Político da maior importância, e talvez que não tenha havido outro para que devam dirigir as suas vistas mais circunspectamente, como para a Vacina, quando se trata do aumento de população*" (83). Apesar da iniciativa estatal em matéria de higiene pública-privada e apesar da força da lei, nem assim as populações depositaram total confiança na prática vacínica. Não era propriamente o reconhecimento médico, nem o reconhecimento político da necessidade de higienizar a sociedade portuguesa que travava a resolução dos problemas.

Com efeito, é também a consciência higienista tanto da elite médica como da elite política que está na base da criação do *Conselho de Saúde Pública* por Passos Manuel em 1837 (84). Os seus membros

(82) Vide Bernardino António Gomes, "Conta annual da Instituição Vacciniea da Academia Real das Sciencias de Lisboa, pronunciada na sessão publica de 1815", *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. 4, nº 2,1816, p. 34. Sublinhado nosso.

(83) Vide Inácio António da Fonseca Benevides, "Discurso historico sobre os trabalhos da Instituição Vacciniea, recitado na sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 24 de Junho de 1818", *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. 6, nº 2,1819, p. XXVII. Sublinhado nosso.

(M) Vide Decreto de 3 de Janeiro de 1837 in *Collecção de Leis e Regulamentos Geraes de sanidade urbana e rural Edição official*, vol. 1, Lisboa, Imprensa Nacional, 1878, pp. 123-139. O decreto de 3 de Dezembro de 1868 extingue o *Conselho de Saúde Pública* do Reino de 1837 (artº 1º), cria a *Junta Consultiva de Saúde Pública* (artº 3º) que é presidida pelo ministro e secretário de estado dos negócios do reino (artº 5º). A competência desta Junta reduzia-se basicamente a dar pareceres sobre matérias sanitárias, por exemplo "sobre os meios adequados para promover a propaganda da vacina" (artº 9º). Cf. *Collecção de Leis... oh. cit.* pp. 5-40. Com esta nova reorganização os serviços de saúde pública não só perdiam a sua autonomia pois a administração sanitária ficava subsumida na administração geral, mas também viam limitado o seu campo de actuação. Comparando os dois regulamentos de saúde pública, verifica-se que a reforma de Passos Manuel era mais radical e ambiciosa conforme se pode calcular pelo artº 6º do Decreto de 3 de Janeiro de 1837: "*Ao Conselho de Saúde Pública compete a fiscalização superior em tudo o*

reconheciam o bem-estar corpóreo como um *direito*: o direito físico e higiénico enquanto *direito* simultaneamente *individual* e *social*. Portanto, havia uma consciência (liberal) da saúde enquanto bem jurídico, enquanto *garantia* e fundamento do exercício dos direitos naturais e individuais do cidadão (segurança, propriedade e liberdade). De facto, os membros do referido Conselho opinavam que: "a saúde pública é uma das primeiras garantias dos povos, é uma das primeiras leis dos estados e um dos primeiros deveres dos governos em todas as nações. Segurança, propriedade e liberdade são os três direitos naturais e individuais do cidadão; mas eles supõem primeiro a sua existência e conservação, e para existirem e conservarem-se, é necessário manter-se a saúde pública (...). É por conseguinte prévia a todas as garantias, a primeira garantia, a conservação individual; prévio a todos os deveres dos governos, o seu primeiro dever, a saúde pública" (85). Perante esta consciência higienista que desde Ribeiro Sanches se vem estruturando em moldes médico-políticos e que os membros do Conselho de Saúde Pública assumem mesmo como um imperativo jurídico-político, somos levados a julgar, com Ricardo Jorge, que na problemática higienista portuguesa os problemas mais difíceis de ultrapassar eram de tipo administrativo (86). Mas este reconhecimento da saúde como um direito (e um dever) privado e público pouco adiantaria se, entre outros factores, o trabalho científico não fosse abrindo o caminho a uma inteligibilidade mais eficiente dos problemas sanitários.

#### 8. *Afixação de campos: o público e o privado*

Com efeito, no decurso da segunda metade do século XIX, a higiene alarga o seu campo de afirmação dividindo-se em três áreas distintas mas complementares. Nos termos de Januário Furtado Galvão, "diremos *individual* a higiene, que tiver por objecto o

*que respeita aos diversos ramos de saúde, a saber: 1º Educação física dos habitantes. 2º Prática de Medicina, Cirurgia, e Farmácia. 3º Polícia Médica", Collecção..., ob. cit., p. 125 (sublinhado nosso).*

(85) Cf. Ricardo Jorge, *Hygiene social applicada à Nação Portuguesa. Conferencias feitas no Porto, ob. cit., p. 7.*

(86) *Vide Ricardo Jorge, Hygiene social applicada à Nação Portuguesa, ob. cit., pp. 1-45.*

indivíduo; *sexual* a que tomar por tema a espécie. A que considera o indivíduo isolado denomina-se *privada*; a que o encara na sociedade *pública*" (87). Embora a higiene privada se tenha desenvolvido paralelamente à higiene pública (pelo menos vários indicativos (88) assim o revelam), o mesmo não ocorre quanto à *higiene da espécie* já que os meios de que esta dispunha eram muito reduzidos comparados com os recursos que foram colocados à disposição da higiene pública e da higiene privada na esteira das revoluções química e microbiológica.

Sem dúvida, em meados do século, Furtado Galvão era partidário de uma higiene 'eugénica' mas esta não possuía ainda instrumentação técnica e laboratorial para definir o seu campo concreto. Julgamos que o autor foi especialmente sensível a esta área da higiene. Conforme escreve:

**"É hoje incontroverso que, à imitação do indivíduo, pode modificarse a espécie, de cujo aperfeiçoamento deve também a Higiene ocupar-se: os meios são um regime adequado, e uma acertada união sexual; aperfeiçoar os indivíduos para depois pela congruente escolha, e procriação destes, melhor ar se a espécie (...). Graças, porém, aos progressos da fisiologia e da química orgânica! A ciência interpretando melhor fenómenos, de há muito tempo registados na prática agrícola, na criação e educação dos animais domésticos, vê cada dia multiplicarem-se os factos, que nos hão-de levar à cabal resolução deste filantrópico problema (...) cremos que virá um dia em que a ciência possa formular adequados preceitos práticos de melhorar a espécie"** (89).

Como o excerto deixa ver à transparência, Furtado Galvão aponta o caminho radical da selecção artificial para higienizar a espécie humana, caminho advogado por alguma utopia perfectibilista internacional, umas largas décadas depois.

No entanto, logicamente, o objectivo prioritário da higiene não era melhorar a espécie mas combater a doença e conservar a saúde. Neste âmbito, o que ganha objectividade, no decurso da segunda metade do século XIX, é a distinção entre higiene pública e higiene *privada*. Se até meados do século a higiene era uma só, no sentido em

(87) Januário Peres Furtado Galvão, *Curso elementar d'hygiene*, Porto, Typography Commercial, 1845, p. VI. Sublinhado do Autor.

(88) Veja-se, adiante, o nosso estudo da revista *A Illustração*.

(89) Januário Peres Furtado Galvão, *Curso elementar d'hygiene*, ob. cit., pp. VI-VII. Itálico nosso.



que consistia num bloco de problemas em que o público e o privado se interpenetravam e muitas vezes se confundiam, após a reforma de Passos Manuel e, sobretudo a partir da década de quarenta, a distinção público-privado torna-se significativa. Neste sentido apontam os trabalhos académicos realizados na segunda metade do século XIX. Pelo menos, as teses <sup>(90)</sup> apresentadas à Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra entre 1841 e 1897 contemplam a problemática higienista nas duas vertentes em causa. Nelas a higiene é dividida em dois blocos, justamente o domínio privado e o domínio público, tratados de forma autónoma, cada um com o seu campo específico, embora, evidentemente, os problemas de ambos se cruzem e até se sobreponham na prática. Dos temas mais abordados no âmbito da higiene privada, refiram-se os seguintes: o aleitamento, a educação física, a alimentação, a nutrição infantil, a utilização de cabeleiras postiças, a hidroterapia, desinfecção de quartos, etc.. Concernentes à higiene pública eram abordados, entre outros, os temas relacionados com: epidemias (cólera, febre tifoide, febre amarela, sífilis, etc.); a incineração de cadáveres; a polícia higiénica; o isolamento de tuberculosos; o trabalho escolar; problemas relacionadas com as condições das residências de habitação, a alimentação e outros factores sanitários nas escolas, nos internatos e noutras instituições.

A título ilustrativo do domínio público da higiene veja-se esta proposição de António Maria Henriques da Silva: "A polícia higiénica exige sem demora a criação de institutos bacteriológicos, pelo menos, em Coimbra, Lisboa e Porto" <sup>(91)</sup>. E, ainda, este ponto de Adriano Xavier Lopes Vieira: "A emigração é o melhor preservativo contra a invasão de uma epidemia reinante" <sup>(92)</sup>. E para a higiene privada leia-

<sup>(90)</sup> Sendo a lista das teses consultadas demasiado extensa para figurar em nota, optámos por colocá-la no final do artigo, em anexo.

<sup>(91)</sup> António Maria Henriques da Silva, *Theses de Medicina Theorica e Practica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1890, p. 21.

<sup>(92)</sup> Adriano Xavier Lopes Vieira, *Theses de Medicina Theorica e Practica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1875, p. 15. Adriano Xavier Lopes Vieira veio a ser lente de Higiene Pública e Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra entre 1892 e 1909. A.U.C. — VIEIRA, Adriano Xavier Lopes (IV-1ºD-9-3); processo manuscrito. Vide, igualmente, Manuel Augusto Rodrigues, *Memoria Professorum Universitatis Conimbrigenis, 1772-1937*, Coimbra, Arquivo da Universidade, pp. 241-242. Note-se as variações gráficas existentes neste período histórico para certas palavras como por exemplo prática.

se, por exemplo, esta proposição de Luís Pereira da Costa: "O uso do chinó prepara e determina principalmente no homem o aparecimento de doenças graves" (93).



Fig. 8 — Capa da obra de A. Coriveaud: *A saúde dos nossos filhos. Higiene da primeira infância* (s.d.).

Não deixa de ser significativo que problemas da higiene da espécie não sejam abordados autonomamente. As proposições desta área são defendidas no foro da higiene pública como é, por exemplo, o caso deste ponto defendido por Sousa Refoios: "consideramos necessária e justa uma lei que proíba o casamento aos indivíduos afectados de molestia grave, incurável e transmissível por herança" (94).

(93) Luís Pereira da Costa, *Theses de Medicina Theorica e Practica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1887, p. 13.

(94) Joaquim Augusto de Sousa Refoios, *Theses de Medicina Theorica e Practica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1879, p. 15.

## 9. Higiene: o nome da ciência do biopoder

A par deste processo de estruturação básica, sumariamente enunciado, a higiene científica procura reafirmar-se na prática através do reconhecimento político do seu valor disciplinar e do seu poder correctivo, preventivo e até perfectivo.

Com efeito, a higiene *científica* encontrou na sociedade portuguesa, em plena segunda metade do século do século XIX, um campo extremamente fértil para a sua actuação. As diversas epidemias que assolaram o país <sup>(95)</sup> se por um lado ameaçavam dizimar as populações, por outro estimulavam a afirmação política e profissional da higiene. Assim, Macedo Pinto, lente de *Medicina legal, higiene pública e policia médica* na Universidade de Coimbra <sup>(96)</sup>, defendeu o *primado da higiene na organização política da sociedade*:

"um bom governo, para ser o guarda tutelar da saúde dos povos, não deve tentar reforma alguma sem atender aos preceitos da Higiene (...). Qualquer que seja a organização duma sociedade, a Higiene deve sempre presidir às suas instituições políticas, religiosas e economico-industriais, para elucidar o governo sobre as modificações de que um dado povo é susceptível (...). Nas instituições políticas, no que respeita ao governo de um povo, a Higiene tem subida importância. Assim, na parte judicial, deve o higienista elucidar o criminalista sobre os meios de prevenir os crimes, e de avaliar os casos que careçam de imputação criminosa (...). O higienista deve igualmente esclarecer o legislador em muitas questões sobre as melhores garantias dos *direitos do cidadão*, sobre a *divisão, constituição e transmissão da propriedade*, sobre o sistema tributário, etc." <sup>(97)</sup>.

Apesar deste período histórico ser profundamente sensível ao *vivo* e ter mesmo construído uma *cultura da vida* inspirada no modelo

<sup>(95)</sup> Vide, Fernando da Silva Correia, *Portugal sanitário, ob. cit.*, pp. 465-476; Magda Pinheiro, "Crescimento e modernização das cidades no Portugal oitocentista", *Ler História*, vol. 29, 1990, pp. 79-107.

<sup>(96)</sup> A.U.C. — PINTO, José Ferreira de Macedo (IV-10D-7-4); processo manuscrito. Vide, também, Manuel Augusto Rodrigues, *Memoria Professorum Universitatis Conimbragensis, 1772-1937*, Coimbra, Arquivo da Universidade, 1992.

<sup>(97)</sup> Vide José Ferreira de Macedo Pinto, *Medicina administrativa e legislativa. Primeira Parte: Hygiene Pública*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1862, pp. 8-11. Sublinhado nosso.

médico, não é óbvio que o higienista devesse o "legislador" em matérias económicas, religiosas, judiciais e outras. Mas a possibilidade de um higienista, da craveira de Macedo Pinto, pensar a higiene como aquela ciência que tem capacidade teórica e prática para indicar a direcção a seguir em matérias aparentemente tão díspares como o sistema tributário e a criminalidade, é algo que não pode passar despercebido, pois testemunha inequivocamente o alto valor social que a higiene a si mesma se atribuía e pretendia ver reconhecido na prática.

Aliás, este tópico é uma constante em toda a literatura médico-higienista de oitocentos. Ele acentua-se na segunda metade do século (98) e não admira que tenha sido Ricardo Jorge a elevá-lo ao seu máximo expoente programático: "é uma verdade pura e conquistante que o *reinado da demo-medicina avança* impetuoso e por ele a nossa ciência e a nossa arte entrarão, entraram já, na hegemonia intelectual e moral que domina e agita a mole humana" ("). Tal era o valor social e político atribuído à higiene pelos seus cultores: um valor decorrente do seu objecto, mesmo que o domínio exercido sobre esse objecto (a vida, as suas fronteiras e os seus inimigos) ficasse aquém das aspirações higienistas. Era, portanto, prioritário o reconhecimento da autoridade da higiene no terreno da organização da vida privada e pública. Por isso, Ricardo Jorge julgou que o real exercício do poder higienista impunha a realização de um trabalho básico, a saber: a análise regular da estrutura e dinâmica demográficas do país em termos anatómicos, fisiológicos e patológicos, como base fundante duma "profilaxia e terapêutica sociais" (100). Segundo a argumentação de Ricardo Jorge, o domínio estatístico da realidade demográfica do país, nos termos enunciados, é também um conhecimento sociológico e, portanto, a higiene e a sociologia "vivem irmanamente abraçadas (...) a análise demográfica serve de par os interesses sanitários e os interesses sociais, políticos e morais. Muitas das nossas páginas o provam. Porque no homem social tudo converge" \*102

(98) Veja-se também Lopes Vieira, "Hygiene publica e policia sanitaria com vista aos governantes", *Coimbra Medica*, vol. 15, nº 7, Mar. 1885, pp. 97-102.

(") Vide Ricardo Jorge, *Demographia e Hygiene da cidade do Porto. I Clima-População- Mortalidade*, Porto, Repartição de Saude e Hygiene da Câmara do Porto, 1899, p. VI. Sublinhado nosso.

(100) *Idem, ibidem*.

e se enleia; tal causa moral se expressa rudemente por um fenómeno numeral demográfico; tal causa económica é capaz de perturbar a fundo toda a demogenia" (101). Por tudo isto, julgamos que a *higiene científica* tem de ser interpretada segundo uma orientação que respeite o lugar que ela reclamava para si, tanto epistemologicamente como no plano da normalização da vida social. É este princípio de inteligibilidade que nos guia na indagação dos caminhos que a *higiene científica* percorreu, entre nós, nesta segunda metade do século.

#### 10. *Expansão da higiene científica*

Sabe-se que neste período histórico, Portugal acompanhou a inovação científica produzida sobretudo na Alemanha, na França e na Grã-Bretanha. Para provar esta afirmação basta ter em conta a considerável divulgação de assuntos médico-higiénicos em publicações periódicas médicas, as obras científicas publicadas e a fundação de instituições (laboratórios e outras) directamente relacionadas com problemas médico-higiénicos e microbiológicos (102). Nomes de autores como Bernardino António Gomes (filho), Januário Peres Furtado Galvão, Augusto Filipe Simões, Macedo Pinto, Manuel Bento de Sousa são alguns dos que se dedicaram à problemática higienista em termos *científicos*. Contudo, três vultos merecem referência especial. São eles: Câmara Pestana pelos seus trabalhos bacteriológicos, Ricardo Jorge pela sua obra demográfico-higienista e de política sanitária e Augusto Rocha pela sua investigação no domínio da microbiologia aplicada à higiene. Dos três cientistas referidos foi Ricardo Jorge (103) aquele que, na era do cientismo, se impôs como primeira autoridade portuguesa de renome mundial em matéria de higiene pública. Para tanto, contribuiu, por um lado, a sua doutrina do poder normalizador da higiene e, por outro lado, a

(101) *Idem, ibidem*, pp. VI-VII.

(102) Remetemos, neste caso, para a obra de Fernando Correia, *Portugal sanitário, ob. cit.*, onde o autor faz um levantamento exaustivo dos autores bem como das publicações médicas que mais contribuíram para a afirmação da *higiene científica*.

(103) Para uma apreciação dos primeiros trabalhos de Ricardo Jorge, *vide*: Maximiano Lemos, *A obra científica de Ricardo Jorge*, Porto, Typographia a vapor de Arthur José de Souza e Irmão, 1905, 52 p.

reforma dos serviços de saúde pública que arquitectou e concebeu de acordo com a sua filosofia higienista. Esta reforma institucionalizou-se juridicamente com a publicação do "Regulamento geral dos serviços de saúde e beneficência pública" <sup>(104)</sup> em 1901. No mesmo documento consagrava-se a existência do *Instituto Central de Higiene* que, em 1929, recebe o nome do Dr. Ricardo Jorge <sup>(105)</sup>. Mas esta data não significava o fim de uma obra científica e administrativa <sup>(106)</sup>, no sentido em que ela continuou a projectar-se pelas décadas seguintes.

Também, a fundação de outras instituições como, por exemplo, o *Laboratório de Microbiologia* da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra ou o *Instituto Bacteriológico* Câmara Pestana testemunham o processo de cientificação da higiene entre nós, pela articulação fecunda entre microbiologia e higiene. O Laboratório de Microbiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra foi criado em 1882 por iniciativa de Augusto Rocha com o nome de Gabinete de Microbiologia. Pela reforma de estudos de 28 de Dezembro de 1901, esse gabinete passou a designar-se por Laboratório de Microbiologia e Química Biológica, estando congregadas a partir dessa data a microbiologia e a química biológica <sup>(107)</sup>. As atribuições deste laboratório inscrevem-se directa e explicitamente na área da higiene pública. Assim, o laboratório estava incumbido do ensino prático da bacteriologia, parasitologia e epidemiologia; de fazer análises microbiológicas e serológicas e preparar vacinas para os Hospitais da Universidade; de fazer análises hidrológicas às águas de Coimbra, de dois em dois meses; de fazer análises bacteriológicas de carnes para consumo público provenientes do matadouro municipal da cidade de Coimbra; de realizar trabalhos de investigação. Com efeito, os títulos dos trabalhos efectuados, só por si, demonstram

<sup>(104)</sup> Veja-se *Diário do Governo*, nº 292, 26 de Dezembro de 1901, pp. 3598-3615.

<sup>(105)</sup> Veja-se "Decreto nº 16.861, de 11 de Maio de 1929", *Diário do Governo*, 1- Serie, nº 113,21 Maio 1929, p. 1205.

<sup>(106)</sup> Vide Luís de Pina, "Um capítulo português da história da higiene em Portugal", *Portugal Médico*, Porto, vol. 39, nºs 8/9/10,1955, pp. 461-477 e 538-572.

<sup>(107)</sup> Cf. *Ligeiro resumo histórico sobre o Laboratório de Microbiologia e Química Biológica*, Coimbra, 1937, pp. 5-6 e Charles Lepierre, *Laboratoire de microbiologie et de chimie biologique. Notice historique*, Coimbra, Imprimerie de l'Université, 1906, pp. 5-8.

a forte relação de dependência da higiene relativamente aos progressos científicos de tipo *laboratorial* como é o caso da *microbiologia* e da *química biológica* (108). O Instituto Câmara Pestana de Lisboa foi fundado pelo decreto de 29 de Dezembro de 1892 e recebeu mais tarde este nome em homenagem a Câmara Pestana que morreu vítima da peste bubónica no Porto em 15 de Novembro de 1899. Saliente-se o facto deste Instituto ter sido fundado dez anos após a abertura do Gabinete de Microbiologia de Coimbra e no mesmo ano em que foi criado o Laboratório Municipal de Higiene do Porto sob a responsabilidade de Ricardo Jorge, um dos primeiros laboratórios *municipais* de bacteriologia do mundo (109).

Também a participação portuguesa em inúmeras reuniões internacionais e congressos versando temáticas médico-sanitárias, muito direccionadas para a conjugação das ciências bacteriológicas com a higiene, testemunha a dinâmica higienista portuguesa nas décadas finisseculares. Por exemplo, Bernardino António Gomes, na qualidade de delegado do governo português, participou na *Conferência Sanitária Internacional* reunida em Constantinopla em 1866 com um trabalho intitulado *Aperçu historique sur les épidémies de choléra-morbus et de fièvre jaune en Portugal, dans les années de 1833-1865* (110). Outro exemplo: Sousa Martins participou na *Conferência Sanitária Internacional* reunida de 1 de Julho a 10 de Agosto de 1874 em Viena, tendo como temas prioritários a cólera (etiologia e profilaxia) e o projecto de uma Comissão Internacional permanente das epidemias, apresentado por Adrien Proust (França) (111). É

(108) Cf. *Ligeiro resumo histórico sobre o Laboratório de Microbiologia e Química Biológica, ob. cit., pp. 8-22.*

(109) Cf. Ferreira de Mira, *História da medicina portuguesa*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1947, p. 454. Cf. Fernando Correia, *Portugal sanitário, ob. cit., p. 501. Vide também Augusto Rocha, "Instituto bacteriológico de Lisboa (criação)", Coimbra Medica, vol. 13, n.º 2, 1893, pp. 17-19; Maximiano Lemos, A obra científica de Ricardo Jorge, ob. cit., p. 43 ss; Fernando da Silva Correia, A vida, obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge, Lisboa, Edição do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge, 1960, pp. XIII-XIV.*

(110) Cf. Bernardino António Gomes, *Aperçu historique sur les épidémies de choléra-morbus et de fièvre jaune en Portugal, dans les années de 1833-1865*, Constantinople, 1866; Claire Salomon-Bayet, *Pasteur et la révolution pastoriene*, Paris, Payot, 1986, Annexe F.

(111) Cf. Claire Salomon-Bayet, *Pasteur et la révolution pastoriene, ob. cit. Annexe F; Cf. igualmente J. T. de Sousa Martins, Relatório dos trabalhos da Conferência Sanitária Internacional reunida em Viena de Austria em 1874, Lisboa,*

também significativa a posição de Augusto Rocha no artigo, *Portugal no Congresso de Hygiene e de demographia de Londres*. O Congresso realizou-se de 10 a 17 de Agosto de 1891 e tinha as seguintes secções: "Medicina preventiva; Bacteriologia; As relações das moléstias dos animais para o homem; Infância, mocidade, vida escolar; Química e física em relação com a hygiene; Architectura em relação à hygiene; Engenharia relativamente à hygiene; Hygiene militar e naval; Hygiene do estado". Nesta última secção tratou-se especialmente da organização dos serviços sanitários e da relação do estado com a investigação científica <sup>(112)</sup>. Os títulos das secções, so por si, dão uma ideia definida das grandes áreas da hygiene, em finais do século.

Para melhor se avaliar o significado desta dinâmica, importa acrescentar que a hygiene foi cultivada por profissionais com formações científicas diversas, embora lhe fosse reconhecido o estatuto de disciplina médica. É o caso do químico e do farmacêutico. Todavia, muitas outras profissões estavam ligadas à disciplina higienista do corpo social. Como escreveram Cunha Belém e Guilherme Enes: "três classes sociais professam e praticam mais especialmente a hygiene: os médicos, os architectos e os engenheiros, e as autoridades administrativas. Se se acrescentar os farmacêuticos, os químicos, os físicos, os meteorologistas, os veterinários, os higienistas amadores, os professores de hygiene" <sup>(113)</sup> ver-se-á que a hygiene, sobre ser científica era *social*, e quão lógica era não só a sua aspiração ao governo da urbe, "à grande comunhão religiosa que tem por lema generoso a *salus urbis*" <sup>(114)</sup>, mas também o seu impacto público,

1874. Outro exemplo: a "Exposição de hygiene urbana em Paris (notas de viagem)", por J.M.Teixeira de Carvalho, *Coimbra Médica*, vol. 6, nº 15, 1886, pp. 228-232; vol. 6, nº 16, 1886, pp. 249-253; vol. 6, nº 17, 1886, pp. 264-267; vol. 6, nº 18, 1886, pp. 283-286; vol. 6, nº 19, 1886, pp. 297-301; vol. 6, nº 20, 1886, pp. 313-316; vol. 6, nº 21, 1886, pp. 327-331; vol. 6, nº 22, 1886, pp. 344-347; vol. 7, nº 2, 1887, pp. 26-27; vol. 7, nº 3, 1887, pp. 38-43. Veja-se também o Congresso Internacional de Hygiene e Demografia realizado em Viena, em 1887 e as conclusões do mesmo por A.M. Cunha Belém e Guilherme Enes, "O Congresso Internacional de Hygiene e Demographia de Vienna de 1887", *Coimbra Médica*, vol. 9, nºs 8/10, 1889, pp. 117-123 e 156-159.

<sup>(112)</sup> Augusto Rocha, "Portugal no Congresso de Hygiene e demographia de Londres", *Coimbra Médica*, vol. 11, nº 17, 1891, pp. 253-255.

<sup>(113)</sup> A. M. da Cunha Belém e Guilherme fosé Enes, "O Congresso Internacional de Hygiene e Demografia de Viena de 1887", *Coimbra Médica*, Coimbra, vol. 9, nº 8, 1889, p. 121.

<sup>(114)</sup> Ricardo Jorge, *Saneamento do Porto*. Relatório apresentado à Comissão



através da imprensa da época. Por esta ordem de razões não admira que muitos jornais e revistas de áreas científicas distintas da medicina incluam nas suas páginas, com muita frequência, e pode dizer-se mesmo, por regra, artigos divulgativos e trabalhos de investigação do foro reconhecidamente higienista, em particular na área da higiene pública. A este título é elucidativa a consulta de publicações tais como o *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana* <sup>(115)</sup>, *Gazeta de Pharmacia* <sup>(116)</sup>, *A Pharmacia Portuguesa*, publicada no Porto a partir de 1886, o *Archivo Pharmaceutico*, publicado no Porto a partir de 1892, *Revista de Chimica Pura e Applicada*, fundada por A. J. Ferreira Silva, Alberto de Aguiar e José Pereira Salgado. Vários artigos nelas publicados atestam o empenho do farmacêutico <sup>(117)</sup> e de outros profissionais <sup>(118)</sup> na afirmação das condições sanitárias das populações.

**Municipal de Saneamento, 1888, reproduzido in Fernando da Silva Correia, *A vida, obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge*, Lisboa, Edição do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge, 1960, p. 55.**

<sup>(115)</sup> *Vide*, entre outros, Júlio Maximo d'Oliveira Pimentel, "Memoria e estudo chymico da agua mineral de S. João do Deserto, em Aljustrel", 2ª série, vol. 3, 1852, pp. 102-122; Joaquim José Alves, "Falsificações do oleo de fígado de bacalhau, pelo Sr. Berthé", 3ª série, vol. 2, 1856, pp. 417-418; Joaquim Urbano da Veiga, "Nota sobre a conservação das substâncias alimentares e organicas", 4ª série, vol. 4, 1863, pp. 21-22.

<sup>(116)</sup> Por exemplo: (s.a.) "Investigação do baccilus thyphicus", *Gazeta de Pharmacia*, Lisboa, 2ª série, vol. 6, nº 25, 1888, pp. 184-185. Outro exemplo: (s.a.), "Cremação", *Gazeta de Pharmacia*, Lisboa, vol. 1, nº 12, 1883, pp. 8-9. Esta notícia reporta-se a um dos problemas mais delicados da higiene pública e abre com estas palavras: "O Sr. Dr. Alves Branco distinto médico, actual presidente da Sociedade das ciências médicas desta capital e vereador do pelouro de higiene, apresentou em sessão da câmara uma proposta tendente a tomar facultativa a incineração dos cadáveres, e a tomá-la obrigatória em casos de epidemia", p. 8.

<sup>(117)</sup> Alguns farmacêuticos publicaram trabalhos valiosos mesmo em revistas médicas. Veja-se, por exemplo, na *Coimbra Médica* entre 1891 e 1894 os trabalhos de Joaquim dos Santos e Silva no domínio da análise química das águas. Outros farmacêuticos colaboraram com químicos como é o caso de Vicente José de Seica que trabalhou com Charles Lepierre (*Vide, Analyse chimica das aguas de Coimbra sob o ponto de vista hygienico, ob. cit., infra*). Um outro caso, ainda: o farmacêutico Aureliano José dos Santos Viegas e o decurião de química e física da Escola Brotero de Coimbra, José António dos Santos, fizeram trabalhos de interdisciplinaridade entre as suas especialidades como, por exemplo, a *Analyse chimica das aguas da arrifana (trabalho do Laboratorio chimico da Eschola Brotero)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1898.

<sup>(118)</sup> *Vide*, entre outros, o trabalho de Agostinho da Silva Vieira, lente do

Nesta apreciação geral tem de se assinalar os estudos desenvolvidos por químicos como A. J. Ferreira da Silva <sup>(119)</sup> e Charles Lepierre <sup>(120)</sup>, designadamente sobre águas de consumo público, águas termais, águas mineromedicinais, vinhos e aguardentes, óleos, leites e laticínios diversos.

Pelo que fica dito, julgamos que a *higiene científica* estava na posse de alguns meios de actuação que lhe permitiam minorar a *indigência orgânica* (Filipe Simões) das populações, e portanto, legitimar a sua ambição epistemológica e política assente no princípio da "*moralidade física dos povos*", considerado, "por excelência primeiro princípio de direcção social", e mesmo "princípio dirigente (...) que amanhã será insculpido na magna carta dos deveres políticos" <sup>(121)</sup>. E, se é verdade que a higiene pública teve significativas repercussões na prevenção epidemiológica, também se revelou operante no controlo de epidemias declaradas como foi o caso da epidemia verificada em Coimbra em 1809 e da peste bubónica que ocorreu no Porto em 1889.

**Instituto Industrial do Porto, intitulado *Adultrações e pureza das principaes substancias alimenticias, obra escrita quanto possivel ao alcance de todas as intelligencias*, Porto, Vieira e Reis & Monteiro, 1882,204 pp..**

<sup>(119)</sup> Vide, por exemplo, a obra *Documentos sobre os trabalhos de chimica applicada à hygiene do Laboratorio Municipal de Chimica do Porto (1884-1904)*, Porto, Imprensa Portuguesa, 1904,366 pp..

<sup>(120)</sup> Vide, por exemplo, *Analyse chimica das aguas de Coimbra sob o ponto de vista hygienico*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1898, 60 pp. incluindo 16 quadros. Parece-nos pertinente acrescentar que os autores preocuparam-se em fornecer indicações concementes ao uso quotidiano das águas, tendo, ainda, alertado as populações para problemas vitais detectados nas águas da Sé Nova, da Sé Velha, de S. Bartolomeu, de Castanheiro, de Celas, da Madalena, do Jardim da Manga, etc., consideradas quimicamente "péssimas águas (...) devendo o seu uso limitar-se à lavagem das ruas e canos de esgoto", p. 60. E os autores prosseguem: "Lembramos que por vezes a água da Sé Nova, Sé Velha e S. Bartolomeu deu origem ao desenvolvimento de febres tifoides, encontrando nelas, em 1887, os Snrs. Drs. Augusto Rocha e Filomeno da Câmara o B.(bacilo) tífico (...) e que em 1894,1895 e 1896 foram encontrados o B. coli e suas variedades pelo Sr. Dr. Luis Pereira da Costa e um dos autores deste trabalho (Charles Lepierre), o que deu lugar à restrição do uso deste água", p. 60.

<sup>(121)</sup> Ricardo Jorge, *Saneamento do Porto*. Relatório apresentado à Comissão Municipal de Saneamento, 1888, reproduzido in Fernando da Silva Correia, *A vida, obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge, ob. cit.*, p. 54.

ANALYSE CHIMICA  
DAS  
AGUAS DE COIMBRA

SOB O PONTO DE VISTA HYGIENICO

POR

Charles Lepierre

Professor de chimica na Escola Industrial Brotero,  
Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa,  
Socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, Membro da Sociedade Chimica de Paris,  
Official da Ordem de S. Thiago, etc.

E

Vicente José de Seiza

Director do Dispensatorio Pharmaceutico dos Hospitales da Universidade,  
Membro da Sociedade Chimica de Paris, Socio honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana,  
Socio benemerito do Centro Pharmaceutico Português, etc.

---

Trabalho feito no Laboratorio Chimico da Escola Industrial Brotero

COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
1898

Fig. 9 — Reprodução do rosto da obra *Analyse Chimica das aguas de Coimbra sob o ponto de vista hygienico* (1898). Este trabalho testemunha uma articulação entre domínios científicos diversos ao serviço da higiene pública. Charles Lepierre era professor de química e Vicente Seiza farmacêutico. Do mesmo modo representa uma das preocupações mais sérias e legítimas da era higienista pós-pasteuriana: a análise de águas de consumo.

## 11. Provas reais da higiene científica

A epidemia de 1809 verificada em Coimbra, ou como se diz na documentação da época o "contágio" (seria febre tifóide? febre amarela? porque não cólera? se bem que se julgue como seguro que a cólera entrou na Europa apenas nos anos trinta!) foi combatida com "fumigações do Gás ácido muriático oxigenado", segundo o *Diario que offerecem ao publico os DD. Thomé Rodrigues Sobral e Jeronymo Joaquim de Figueiredo das operações por elles executadas em as vistas de attalhar o contagio, que nesta cidade de Coimbra se começava a experimentar* (122). Fosse qual fosse a identidade da epidemia o que queremos sublinhar é que ela foi combatida com um método higienista resultante da aplicação da química lavoisieriana e portanto ilustra bem as vantagens médico-sociais e políticas resultantes do processo de cientificação da higiene. Os métodos higienistas tributários da química tiveram que enfrentar resistências várias para se impor. Por exemplo o químico Tomé Rodrigues Sobral e o médico Jerónimo Joaquim de Figueiredo, lentes da Universidade de Coimbra, insurgiram-se contra os métodos populares infrutíferos e contraproducentes e propugnavam por uma "polícia ilustrada e zelosa". O método das fumigações revelou algum poder de disciplinar o deficiente estado sanitário resultante do contágio. Ele deve ter sido mesmo bastante eficaz porque, dez anos mais tarde, Francisco Solano Constancio (123) nos *Annaes das Sciendas, das Artes e das Letras*, entre outros processos metodológicos, descreve o referido método e expõe os princípios científicos responsáveis pela sua eficácia.

Igualmente paradigmática da eficiência higienista foi a administração científica da peste bubónica (124) no Porto, com realce

(122) Cf. *Minerva Lusitana*, Coimbra, 143,9 Set. 1809, não paginada.

(123) Francisco Solano Constando, "Breve instrução sobre os meios de prevenir os contagios e de suster os progressos das febres epidemicas", *Annaes das Sciendas, das Artes e das Letras*, Paris, 3, Jan. 1819, pp. 112-143.

(124) Vide Angelo da Fonseca, *A Peste*, Porto, Typographia Occidental, 1902. Dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas; Ricardo Jorge, *A peste bubónica no Porto — 1899. Seu descobrimento. Primeiros trabalhos*, Porto, Repartição de Saude e Hygiene da Camara do Porto, 1899. Souza Junior, *Peste bubonica (Estudos da epidemia do Porto)*, Porto, Typ. a vapor de Arthur José de Souza e Irmão, 1902. A autora do presente artigo, Ana Leonor Pereira, num trabalho de síntese programática intitulado "Novas sensibilidades científico-culturais em Portugal na aurora do século XX", in *Estudos de história*

para o protagonismo de Ricardo Jorge, ao tempo Director da Repartição de Saúde e Higiene da Câmara do Porto. Mas, mais do que prova real do poder higienista de controlar uma situação epidemiológica e de restabelecer a normalidade sanitária, a peste bubónica de 1899 funcionou como um teste concreto à capacidade política da higiene científica.

O resultado que esta alcançou foi-lhe consideravelmente vantajoso pois a pedagogia higienista, que Ricardo Jorge sempre fazia nos seus relatórios <sup>(125)</sup> dirigidos às autoridades políticas, acabou por se traduzir, em primeiro lugar, na sua nomeação para o cargo de *Inspector Geral* <sup>(126)</sup> dos Serviços Sanitários do Reino. Em segundo lugar, na publicação do Decreto de 28 de Dezembro de 1899 <sup>(127)</sup> "reorganizando os serviços de saúde pública do reino" em serviços externos e internos e prevendo a sua regulamentação. Em terceiro

*contemporânea portuguesa (homenagem ao Professor Victor de Sá)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1991, pp. 421-431, tomou o governo da epidemia do Porto como paradigmático da vontade e da capacidade médicas de disciplinar a sociedade em todos os planos da vida social e não só na instância orgânica. Portanto, o controlo daquela epidemia, sendo representativo da eficácia higienista, documenta a afirmação da *cultura oitocentista da vida*. Esta inspirava-se nas ciências biomédicas, aquelas que na época ocupavam a posição de modelo epistemológico para outras disciplinas do homem como a antropologia e a sociologia e que afinal construíram a diferença da cultura burguesa relativamente à cultura teo-aristocrática.

<sup>(125)</sup> Por exemplo, Ricardo Jorge, *A peste bubónica no Porto — 1899. Seu descobrimento. Primeiros trabalhos*, ob. cit..

<sup>(126)</sup> Vide: *Diário do Governo*, nº 226, 6 Out. 1899, pp. 2569-2570. Publicação do Decreto de 4 de Outubro, "Aprovando a reforma da organização superior dos serviços de saúde, hygiene e beneficencia publica". No artº 2º prevê-se a nomeação de um Inspector Geral que seria também o Chefe da Repartição de Saúde. Este decreto extingue a Junta de Saúde Pública (1868) já referida e cria a Direcção Geral de Saúde e Beneficência pública (artº 1º), reconhecendo competência deliberativa e executiva ao poder médico na matéria em causa, o que foi, logicamente, bem visto pela classe médica. Veja-se, por exemplo, a opinião de Miguel Bombarda, nos artigos: "Reorganização sanitaria", *A Medicina Contemporanea*, sér. 2, vol. 17. nº 41, 8 Out. 1899, p. 358; "Reorganização sanitaria", *A Medicina Contemporanea*, sér. 2, vol. 17, nº 42, 15 Out. 1899, pp. 359-360.

<sup>(127)</sup> Vide: *Diario do Governo*, nº15, 19 Jan. 1900, pp. 157-159.

lugar, dois anos depois, na publicação do *Regulamento geral dos serviços de saúde e beneficência pública* <sup>(128)</sup> da autoria de Ricardo Jorge.

Para corroborar o que acabamos de afirmar basta atender ao que se diz no Relatório que precede o articulado da lei de 28 de Dezembro de 1899, assinado pelo Conselheiro José Luciano de Castro. Esse relatório deixa transparecer a inequívoca influência da doutrina higienista de Ricardo Jorge junto do legislador. Por outro lado, assume explicitamente a relação entre a peste bubónica do Porto e a reorganização sanitária do país:

**"SENHOR.— Uma crise epidémica recente, que surgiu inesperada num grande e laborioso centro de população, gerando sobressaltos e danos, veio demonstrar quanto importa estar apercebida e organizada a defesa sanitária do país; a calamidade fez cintilar aos olhos de todos uma verdade que hoje empolgou as nações civilizadas e que nas mais avantajadas em disciplina administrativa se salienta como um princípio dominante de gerência social. E essa verdade é que os sacrifícios impostos em favor da saúde pública, sobre serem obra redentora de vidas, são protectores dos interesses públicos e privados"** <sup>(129)</sup>.

Assim sendo, compreende-se também que a elite médica do tempo não tenha deixado passar a ocasião para apresentar à consciência pública e ao poder político o alto valor da investigação científica, a sua eficácia real no combate epidemiológico e a necessidade de uma administração *efectiva* das condições sanitárias das populações, segundo os modelos advogados pela higiene científica. Por exemplo, *A Medicina Contemporanea*, pela voz de Miguel Bombarda e seus colaboradores, em 1899 e 1900, praticamente desde a declaração da peste, divulga os trabalhos laboratoriais realizados no âmbito da epidemia, pugna pela *religião da ciência* <sup>(130)</sup> e pela memória dos seus mártires <sup>(131)</sup>, no caso, Câmara Pestana, "*o apóstolo e mártir da nova fé em terras portuguesas*" <sup>(132)</sup>, nas palavras de Ricardo Jorge.

<sup>(128)</sup> Vide: *Diário do Governo*, nº 292,26 Dez. 1901, pp. 3598-3615

<sup>(129)</sup> Cf. *Diário do Governo*, nº 15,19 Jan. 1900, p. 157. Sublinhado nosso.

<sup>(130)</sup> Vide, por exemplo, Miguel Bombarda, "A peste em Portugal", *A Medicina Contemporanea*, sér. 2, vol. 17, nº 35,27 Ago. 1899, pp. 293-295.

<sup>(131)</sup> Vide, Miguel Bombarda, "Prof. Camara Pestana", *A Medicina Contemporanea*, sér. 2, vol. 17, nº 47,19 Nov. 1899, p. 403-405.

<sup>(132)</sup> Ricardo Jorge, "Camara Pestana", *O Dia*, 15 Nov. 1900. Artigo reproduzido por Fernando da Silva Correia, *A vida, obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge*, ob. cit., p. 143.

Apesar do que se disse sobre a eficácia da higiene científica e a consagração legal do seu poder, o historiador não pode deixar-se iludir pelo optimismo profético de alguns dos cultores do sanitarismo oitocentista. Com efeito, a doença do século — a tuberculose <sup>(133)</sup> — constantemente denunciava de forma cruel e dramática os limites do poder higienista, tanto mais que esse minúsculo ser vivo, o *bacillus tuberculi*, atacava preferencialmente a juventude entre os 20 e os 40 anos <sup>(134)</sup> e matava por ano cerca de 15 000 pessoas em Portugal <sup>(135)</sup>, em todas as idades e classes sociais <sup>(136)</sup>.

Significativamente, o primeiro trabalho de interpretação médico-filosófica e política da tuberculose, entre nós, é da autoria de Augusto Filipe Simões e intitula-se *A civilização, a educação e a phthisica*. Foi publicado em 1879, numa época em que a classe médica não acreditava na contagiosidade da doença <sup>(137)</sup>. Por não haver um consenso científico para se afirmar que a tuberculose era contagiosa,

<sup>(133)</sup> Conforme se lê no jornal da Liga Nacional contra a Tuberculose, "Há sobretudo uma doença que ainda hoje é o maior flagelo da humanidade, uma doença mais mortífera que todas as epidemias que têm alastrado pela Europa nos últimos cem anos, uma doença que só à sua conta chama a quinta ou a sexta parte de todos os óbitos, pelo menos nos povos onde se fazem estatísticas, isto é, nos povos civilizados. É a Tuberculose", *Guerra à Tuberculose!*, Lisboa, vol. 1, nº 1, Dez. 1900, p. 2. Veja-se também J. Weill-Mantou, *Guerre à la tuberculose!*, Paris, Librairie Armand Colin, s. d..

<sup>(134)</sup> Vide *Guerra à Tuberculose!*, Lisboa, vol. 1, nº 2, Abr. 1902, p. 36.

<sup>(135)</sup> No rosto da *Guerra à Tuberculose!*, lê-se: "A tísica mata por ano em Portugal 15:000 pessoas! Tanto como a população de Évora! E todavia a tuberculose é uma doença evitável...", Lisboa, vol. 1, nº1, Dez. 1900. Também José Cid na obra intitulada *Coimbra. Demographia e hygiene*, concluiu que em Coimbra "a patologia microbiana produz directamente 94,5 vítimas em média por ano, cerca de um terço — 30,8% — do obituário total. A tuberculose vem na cabeça do rol, cabe-lhe no obituário a parte do leão. Primeiramente surge a tuberculose pulmonar com 46,7 vítimas por ano, depois a tuberculose mesentérica, a meningea, e outras tuberculosas", Parte segunda, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1902, p. 29.

<sup>(136)</sup> Veja-se A. Filipe Simões, *A civilização, a educação e a phthisica*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1879, p. 21 ss.

<sup>(137)</sup> Veja-se Maximiano Lemos, "O contagio da tuberculose", *Gazeta Illustrada*, Coimbra, vol. 1, nº 13, Ago. 1901, pp. 102-103. Veja também Irene Vaquinhas, "O conceito de 'decadência fisiológica da raça' e o desenvolvimento do desporto em Portugal (finais do século XIX/ princípios do século XX)", *Revista de História das Ideias*, Coimbra, vol. 14, 1992, p. 376.

é que a questão da obrigatoriedade da denúncia à autoridade sanitária dos casos de tuberculose era muito delicada <sup>(138)</sup>. Talvez esta não seja uma razão menor para se entender a demora de um combate organizado contra a tuberculose que viria a encetar-se na viragem do século XIX para o século XX com Augusto Rocha, Miguel Bombarda <sup>(139)</sup>, Clemente Pinto e outros, e por iniciativa governamental que em 1899 funda a Assistência Nacional aos Tuberculosos. Esta demora retratou-a a palavra de Ricardo Jorge que não resistimos a transcrever: "Despontam no horizonte o bacilo de Koch em 1882 e o vibrião do mesmo em 1884, trazendo a chave causal de duas pragas homicidíssimas — a tuberculose e o cólera. O Portugal oficial olhou para essa descoberta como boi para palácio, e quedou-se ainda — deixar lá estar em paz o bacilo e rabiar o vibrião" <sup>(140)</sup>. É certo que, até ao final do século, o poder político não criou as melhores condições para que a investigação científica e particularmente as pesquisas bacteriológicas se pudessem cultivar da forma mais eficiente. Mas é preciso dizer que a classe higienista escudando-se neste tipo de argumentação colocava os limites do seu próprio poder fora do seu território e não reconhecia que, no fundamental, esses limites lhe eram intrínsecos.

Portanto, para nós, a tuberculose era o símbolo perfeito da ilusão de onipotência partilhada por muitos higienistas do século XIX. Ela era a fronteira real da utopia higienizadora do corpo individual e social, o *pathos* que refutava a auto-sacralização da higiene científica e lhe mostrava a sua condição de obra humana <sup>(141)</sup>, isto

<sup>(138)</sup> Vide A. X. Lopes Vieira, *Notas e Additamentos ás Lições de hygiene publica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1899, pp. 34-35.

<sup>(139)</sup> Veja-se "Lucta contra a Tuberculose. Relatórios apresentados à Sociedade das sciencias medicas pela commissão da tuberculose (cons. Silva Amado, presidente, Miguel Bombarda, Bettencourt Raposo, Eduardo Bumay, D. António de Lencastre, Alfredo Costa e Câmara Pestana)", *A Medicina Contemporanea*, Lisboa, sér. 2, vol. 17, nº 22, 28 Maio 1899, pp. 179-191; "Congresso dos Nucleos da Liga contra a Tuberculose", *A Medicina Contemporanea*, Lisboa, sér. 2, vol. 19, nº 15, 14 Abr. 1901, pp. 118- 132; vol. 19, nº 16, 21 Abr. 1901, p. 133 ss.

<sup>(140)</sup> Ricardo Jorge, "A propósito de Pasteur" reproduzido por Fernando da Silva Correia, *A vida, obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge*, ob. cit., p. 190

<sup>(141)</sup> Vide Miguel Baptista Pereira, "Sobre a condição humana da ciência", *Biblos*, vol. 35, 1989, pp. 1-33.



é, imperfeita e limitada. A tuberculose funcionava, então, como instância humanizadora do poder higienista. E, se pensarmos que a tuberculose era também um efeito das múltiplas deficiências do quadro geral das condições sanitárias das populações, como a higiene científica reconhecia, então ela materializava, para lá de si mesma, a não coincidência e a distância entre o ideal higienista de governo do corpo individual e social e a entropia resultante da acção do patológico que não se deixava estancar <sup>(142)</sup>, culminando na morte, impossível de contornar. Mas, por tudo isto, a tísica provava também que nenhum poder se exercia sem a ilusão de poder.

## 12. *Cuidar o seu corpo*

No decurso desta segunda metade do século XIX, e a par do progresso da higiene pública, começa a cultivar-se a higiene privada também com um fundamento científico. Com efeito, depois da experimentalização da fisiologia com Claude Bernard <sup>(143)</sup> e seus seguidores estabeleceram-se novos alicerces, e estes de tipo científico, para a higiene privada <sup>(144)</sup>. Na verdade, sem conhecimentos histológicos e fisiológicos sobre determinadas partes do organismo, nomeadamente pele e anexos cutâneos (mucosas, unhas, pelos e cabelos), não teria sido possível a expansão social e o alargamento do campo da higiene privada. Também o conhecimento microbiológico forneceu à higiene privada meios para que determinados produtos de higiene corporal actuassem com uma eficácia cientificamente fundada. Por exemplo: sem o conhecimento dos microorganismos que se desenvolvem no decurso da transpiração, era impensável a criação de produtos de desodorização corporal com caução científica

<sup>(142)</sup> João Manuel Pacheco de Figueiredo, *Os grandes problemas de tisiologia. As mutações do bacilo de Koch. O ultravirus. A hereditariedade. A vacina B.C.G.*, Bastorá, Tipografia Rangel, 1929.

<sup>(143)</sup> Veja-se Claude Bernard, *De la physiologie générale*, Paris, Librairie Hachette, 1872.

<sup>(144)</sup> Não admira que tenham sido estampadas obras com títulos tão sugestivos como esta de Mrs. Bray, *Physiologia e Hygiene expostas em lições facéis para uso das escolas*, Tradução de Alberto Telles, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciendas, 1891. Deste livro fizeram-se 4500 exemplares que foram distribuídos pelas escolas. Cf. p. 126.

e eficácia comprovada <sup>(145)</sup>. Por outro lado, tem de se referir que o desenvolvimento da indústria química foi, igualmente, relevante para a divulgação e, até mesmo, democratização do uso dos cosméticos e dos produtos de higiene corporal. Com efeito, duas aquisições fundamentais foram determinantes para a aplicação da química, nomeadamente da química industrial, à produção de artigos de beleza e de cosméticos. São elas: 1º a *síntese química*, isto é a criação laboratorial de produtos <sup>(146)</sup>; 2º o *isolamento* de substâncias activas a partir de matérias-primas de origem natural. Como exemplos destas inovações científico-tecnológicas, que muitas vezes andam associadas, citem-se, *inter alia*, as seguintes: síntese da ureia (Wöhler-1828); descoberta do nitrobenzeno (Mitscherlich-1834); descoberta do benzaldeído (Wöhler e Liebig-1837); descoberta do petróleo (U.S.A.-1845); descoberta do isopropanol (Berthelot-1855); síntese da cumarina (Perkin e Graebe-1868); síntese da cânfora (1896). Será ainda oportuno salientar que em função de todos estes subsídios técnicos e científicos <sup>(147)</sup> a indústria cosmética inicia a produção de preparações até então obtidas a uma escala reduzida ou mesmo totalmente desconhecidas como, por exemplo, preparações para a barba, pastas dentífricas, desodorizantes, diversas preparações capilares, etc.. Assim, surgem na comunidade industrial unidades produtoras de artigos químicos ou medicamentosos que se dedicam também à produção de cosméticos e de preparações de higiene corporal. Igualmente se instalam indústrias dedicadas especialmente a estas mesmas preparações. Em 1806, nos Estados Unidos da América, William

<sup>(145)</sup> O que não significa que houvesse fiscalização da qualidade dos produtos colocados no mercado. Logo, o que afirmámos não quer dizer que todos os produtos disponíveis na época respeitassem as directivas traçadas em função da prática científica.

<sup>(146)</sup> A síntese química proporcionava a obtenção laboratorial de produtos existentes na natureza. Exemplo: a ureia é um produto natural orgânico e a partir de 1828 (Wöhler) pode ser produzido laboratorialmente. Mais tarde, pela síntese química obtêm-se produtos até então desconhecidos na própria natureza. Por isso, é corrente dizer-se, desde a revolução lavoisieriana, que a química se tomou "rival" da natureza no sentido em que ela é capaz de alcançar artificialmente resultados que a natureza oferece à observação comum. Mas mais do que isso. A química viria a transcender e ultrapassar a própria natureza, no seu poder criador.

<sup>(147)</sup> Veja-se Bernard Vidal, *História da química*, Lisboa, Edições 70, 1986, p. 51 ss.

Colgate instala uma fábrica de sabões e gomas; em 1820 é fundada em França a empresa produtora de perfumes, E. Pinaud; em 1828 abre as suas portas, em França, a Casa Guerlin, perfumaria; em 1834 Eugene Rimmel abre em Londres uma empresa produtora e comercializadora de perfumes; em 1852 a Beecham Ltd., na Grã-Bretanha, desenvolve preparações capilares; em 1887 a Johnson & Johnson inicia a sua laboração produzindo diversos artigos para bebé e outros cosméticos <sup>(148)</sup>.

O ramo da higiene privada que teve maior impacto, designadamente através da publicidade, foi a cosmética. Como é óbvio, esta receptividade pública não se traduzia automaticamente em acesso ao consumo de produtos de beleza. Mas reflectiu-se na construção social da *imagem do belo* alicerçado no *higiénico*. Não podia ser de outro modo. O cuidado com a imagem exterior de si devia ser reflexo do bom estado orgânico interno, tal como, no plano epistemológico, a investigação dos interiores do corpo, que havia de passar mesmo pela sua visibilidade total — raios X <sup>(149)</sup>, se reflectia nas pesquisas da superfície externa do mesmo corpo.

O que queremos sublinhar aqui é que o processo de cientificação da higiene conduziu também ao alargamento do seu raio de acção muito para lá do combate à doença por um lado e da conservação da saúde pública, por outro lado. A higiene apodera-se do *belo*, molda-o de acordo não só com os meios científicos e técnicos de correcção do mórbido e do inestético mas também em consonância com os protótipos de beleza criados pela mentalidade científica e cientista do tempo.

Na verdade, o culto das formas do corpo e o seu embelezamento plástico, mediante o recurso aos variados produtos sintéticos disponíveis num mercado competitivo, não é um fenómeno estranho

<sup>(148)</sup> Sobre as descobertas químicas que mais influenciaram a produção de cosméticos *vide*: Florence E. Wall, "Historical Development of Cosmetics Industry", M.S. Balsam; Edward Sagarin (ed.), *Cosmetics science and technology*, 2<sup>a</sup> ed., vol. 3, New York, John Wiley & Sons, 1974, pp. 99-106. Uma visão geral sobre a historia dos cosméticos foi dada por João Rui Pita e M.L. Rebelo, "Cosméticos: sua evolução", *Medicamento, historia e sociedade*, vol. 3, n<sup>o</sup>8, 1988, pp. 1-6.

<sup>(149)</sup> *Vide* João Rui Pita, "Mme Curie: contexto, importância e impacto da sua obra ñas ciencias da saúde", in *Em torno da vida e obra de Pierre e Marie Curie*, Coimbra, Direcção Regional de Educação do Centro, 1992, pp. 25-56.

às preocupações higienistas da época. Pelo contrário, o belo associa-se ao bem-estar físico e moral e o embelezamento em lugar de mascarar defeitos, era suposto corrigi-los e assim transparecer a boa forma do indivíduo. Portanto, a relação entre o *belo* e o *saudável* não se reduzia a uma simples associação. A beleza (verdadeira) era entendida como o culminar da saúde. O belo adquiriu esta conotação médica após as revoluções científicas da química e da microbiologia e, obviamente, no decurso da industrialização farmacêutico-cosmética.

Neste sentido, não há dúvida que a indústria cosmética de base científica <sup>(150)</sup>, sobretudo a americana, a francesa e a alemã, apostou calculadamente na construção de uma nova consciência do valor da beleza tomando-a como sinónimo de saúde plena. Não deixa de ser pertinente lembrar que o termo *cosmética* provém do termo grego *kosmos* que significa *ordem* <sup>(151)</sup>. Este sentido do termo deve ser considerado para melhor se compreender que a *ordem estética do corpo* (beleza) estava estreitamente ligada com a *ordem anatomo-funcional do corpo* (saúde) e com a *ordem política do corpo social* (disciplina pública), conforme julgamos. Mas, mais do que isto: a saúde tomou-se sinónimo de "felicidade, vigor físico, popularidade e desejabilidade sexual". Concordamos com W. F. Bynum: "As the metaphor of health has been commercialized, the individual's right to health has been championed: because health is equated with happiness, physical vigour, popularity and sexual desirability" <sup>(152)</sup>. Esta relação de quase identificação da saúde privada com o sucesso físico, moral e social abre logicamente o caminho à equivalência entre o *bem* e o *belo*, pelo que se compreende todo o investimento realizado no ramo da estética do corpo e do rosto da grande "árvore" que é a higiene privada.

<sup>(150)</sup> Para uma visão cronológica da indústria cosmética, *vide* Florence E. Wall, "Historical Development of Cosmetics Industry", in M.S. Balsam; Edward Sagarin(Ed.), *Cosmetics Science and Technology*, 2ª ed, vol. 3, New York, John Wiley & Sons, 1974, pp. 37-161.

<sup>(151)</sup> Sobre este assunto *vide* João Rui Pita; Maria de Lourdes Godinho Rebelo, "Cosméticos: sua evolução", *art. cit.*, pp. 1-6.

<sup>(152)</sup> W. F. Bynum, "Health and disease", in *MacMillan dictionary of the history of science*, Edited by W. F. Bynum, E. J. Browne, Roy Porter, London-Basngstoke, MacMillan Reference Books, 1983, reimpressão de 1988, p. 177.

13. *Objectivação publicitária*

Em termos genéricos, pode afirmar-se que o impacto publicitário, entre nós, de normas, comportamentos e de produtos higiénicos e de beleza do foro privado não foi inferior à divulgação dos temas capitais da saúde pública em que também a higiene da espécie conheceu alguma expressão publicitária, até ao final do século XIX <sup>(153)</sup>.

Mesmo a nível local, em revistas e jornais como o *Commercio de Coimbra* entre 1860-1865, *O Commercio Conimbricense* entre 1889-1890, *O Conimbricense* entre 1854-1907, a *Literatura Ilustrada* em 1860, *O Reclame* em 1885 e a *Gazeta Ilustrada* em 1901, tanto se difundem os benefícios do termalismo, dos banhos de mar, do consumo de águas mineromedicinais, de produtos dietéticos, de leites, preparações cosméticas, de perfumes, de vestuário e calçado obedecendo a requisitos médico-higiénicos, como o combate de epidemias de cólera, de febre amarela, de tifo exantemático, de peste bubónica, legislação sanitária, vacinação, e outros temas.

Esta projecção da temática higienista <sup>(154)</sup> junto do público em

<sup>(153)</sup> Veja-se, entre outros, Femão Boto Machado, "Cazar por annuncio", *O Mundo legal e judiciario*, Lisboa, vol. 8, nº 10, 25 Fev. 1894, pp. 159-160; Lima Duque, "A consanguinidade e o matrimonio", *A Academia de Coimbra*, Coimbra, vol. 1, nº 5, 1886, pp. 1-3; Lima Duque, "A nubilidade e a lei", *A Academia de Coimbra*, vol. 1, nº 9, 1886, pp. 1-2; Miguel Bombarda, "Degenerescencia da raça", *Medicina Contemporanea*, Lisboa, série II, vol. 3, nº 27, 8 Jul. 1900, pp. 217-218. Como é sabido, só depois da descoberta de Mendel em 1900 e do impacto europeu dos trabalhos de Galton, também a partir da primeira década do século XX, é que se regista um tratamento mais significativo desta área da higiene na imprensa periódica portuguesa.

<sup>(154)</sup> Neste âmbito merecem também especial referência duas obras: *Hygiene*, Lisboa, David Corazzi, Editor, s. d.— Bibliotheca do Povo e das Escolas; 1ª edição 20.000 (vinte mil) exemplares. Conforme se lê na página 5, trata-se de uma obra "destinada às crianças e aos que não tiveram uma educação científica". A outra obra intitula-se *Gymnastica*, Lisboa, David Corazzi, Editor, 1882, igualmente na célebre coleção Bibliotheca do Povo e das Escolas. A ginástica foi um método de higienização que conheceu larga difusão já no século XX. A higienização ginástica podia ser *correctiva*, *preventiva* e/ou *perfectiva* conforme se lê na obra citada: "Por meio de movimentos sistematicamente ordenados e individualizados propõe-se a Ginástica: 1º Fazer voltar à sua harmonia natural um organismo enfraquecido e que padeça de tal ou tal doença crónica (*tratamento curativo*); 2º Desenvolver

geral é testemunhada por muitas revistas e vários semanários e jornais diários de orientações políticas e culturais diversas, desde aquelas publicações dirigidas pela classe médica como é o caso da *Coimbra Medica* <sup>(155)</sup> até às revistas de actualidades com um carácter pluridisciplinar como são, por exemplo, *A Ilustração* (1884-1892) e a bem conhecida *Ilustração Portuguesa*.

Pela grande maioria dos periódicos portugueses que compulsámos também perpassa uma exaltação das conquistas científicas da época e dos seus protagonistas, como é o caso de Claude Bernard e de Pasteur <sup>(156)</sup>, sendo este visto como "a encarnação da ciência no século XIX", por Joaquim Martins Teixeira de Carvalho <sup>(157)</sup>. Em larga medida, o optimismo cientista da época espelha-se nos

nos homens são a robustez e o vigor, conservando-lhes as condições de perfeita saúde e opondo-se indirectamente à manifestação de qualquer estado doentio (*tratamento profilático*)", p. 13. Esta ginástica (com aparelhos ou sem eles) dos ginásios e outros espaços fechados foi considerada artificial e anti-higiénica por alguns médicos. Entre estes, saliente-se Miguel Bombarda que defendia a *ginástica natural* dos exercícios livres, dos jogos à maneira dos ingleses ou como aqueles que eram preconizados pela Liga nacional da educação física de França, fundada em Paris em 1888. Cf. Miguel Bombarda, "A gymnastica de hoje e a gymnastica de amanhã", *A Medicina Contemporanea*, Lisboa, vol. 9, nº 20, Maio 1891, pp. 153-155; vol. 9, nº 21, Maio 1891, pp. 161-163. Também as práticas desportivas se legitimaram em função de *uma cultura do saudável* e não (apenas) no horizonte dum sentido lúdico da existência. Vide Irene Vaquinhas, "O conceito de "decadência fisiológica da raça" e o desenvolvimento do desporto em Portugal (finais do século XIX/ princípios do século XX)", *Revista de História das Ideias*, Coimbra, vol. 14, 1992, pp. 365-388.

<sup>(155)</sup> Não sendo um jornal científico especializado em higiene a *Coimbra Médica* de 1881 a 1900 apresenta cerca de 220 títulos sobre o grande campo da higiene, incluindo a privada e a pública.

<sup>(156)</sup> Veja-se, por exemplo: João Diogo/Claude Bernard e os seus contraditores perante os progressos da *physiologia moderna*", *O Positivismo*, Porto, vol. 1, 1878-1879, pp. 464-469; Mathias Duval, "Claude Bernard", *Estudos Medicos*, Coimbra, 1- sér. vol. 7, Jim. 1878, pp. 65-67; vol. 8, Jul. 1878, pp. 75-77; vol. 9, Ago. 1878, pp. 86-88; vol. 10, Set. 1878, pp. 96-97. Traduzido e comentado por Eduardo Bumay. Vide também Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, "Pasteur", *Gazeta Ilustrada*, Coimbra, vol. 1, nº 2, 8 Jun. 1901, pp. 9-10; vol. 1, nº 6, 6 Jul. 1901, pp. 41-42.

<sup>(157)</sup> Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, "Pasteur", *Gazeta Ilustrada*, Coimbra, vol. 1, nº 2, 8 Jun. 1901, p. 10.

O Assombro da Ciencia!!

AGUA "CALDAS SANTAS" DE CARVALHELHOS



HYPOSALINA - BICARBONATADA  
MISTA - SILICATADA E RADIO-ACTIVA  
DIGESTIVA DIURETICA E DE PALADAR AGRAVAVEL.

**INFALLIVEL**  
EM TODAS AS DOENÇAS  
DE PELLE: **ECZEMAS, UL-  
CERAS, IMPIGENS, PSO-  
RIASIS, DARTROS, ETC., ETC.**  
OITENTA ANNOS DE EXPERIENCIA  
COM MILHARES DE CURAS

TOMADA AS  
REFEIÇÕES E FÓRA D'ELLAS, LIMPA  
O RIM, FIGADO, ESTOMAGO E INTES-  
TINOS DESEMBARAÇANDO-OS DOS  
CRYSTAES URICOS, BILIS E TODAS AS  
TOXINAS E IMPUREZAS QUE SE ACCU-  
MULAM NO ORGANISMO, ETC., ETC.

PEDIR O LIVRO DESCRIPTIVO

DEPOSITARIO GERAL  
**Mario de Lima Neto**  
LARGO DE S. JULIÃO, 12, 1.

Depositos em todo o paiz (continente e colonias). Brazil: Republica Argentina etc. A venda em  
todas as boas casas de aguas, farmacias, drogarias, etc. A copo, garrafas e garrafas.  
TELEFONE 246

Fig. 10 — Publicidade na revista *Illustração Portuguesa* (2ª série, nº 533, 1916). A vulgarização das águas mineromedicinais e a sua promoção em jornais e revistas de actualidades relacionam-se intimamente com o desenvolvimento das análises hidrológicas. Sem uma firme base química e físico-química seria impensável a inscrição alusiva à composição química das águas "Caldas Santas" de Carvalhelhos: "hyposalina-bicarbonatada-mista-silicatada e radio-activa-digestiva-diuretica e de paladar agradável".

periódicos de divulgação para o grande público, a ponto de se constatar uma certa crença no ilimitado da investigação científica. Isto é: os progressos científicos tinham sido tantos e tais, mesmo considerando apenas o domínio do higienismo que se julgava que o poder da razão científica não tinha limites. Por outro lado, nesses periódicos, por diversos meios, fazia-se um apelo à consciência higienista individual e pública perante situações morbíficas, em regra, do foro epidemiológico.

Também em muitos jomáis e revistas deparamos com estímulos publicitários que facultavam ao leitor uma tomada de consciencia do valor (social, económico, demográfico e outros) do higienismo na sua época. O que estamos a dizer é que os periódicos da época contribuem largamente para a difusão da higiene *científica*, não só através da publicidade figurativa, mas por outros meios como sejam: exposições de epidemias de uma forma narrativa e figurativa de tipo realista; versões poéticas, dramáticas e mesmo pictóricas de vivências físicas e espirituais de contaminados, intensamente sensibilizantes para a época. A par destes modos de apresentar a higiene, abrangendo tanto o domínio privado como a esfera pública ou epidemiológica, sublinhe-se também a divulgação da actividade científica através de bio-bibliografias de grandes nomes da ciência da época, nomeadamente Pasteur, como já referimos, e Koch <sup>(158)</sup>, o que gerava na consciência do leitor comum o sentimento de proximidade e até de partilha do "mistério" da ciência. Mas, dizendo isto, não afirmamos que se tratava de um processo de dessacralização da imagem da ciência. O que pretendemos explicitar é que a vulgarização da prática científica é um tópico que importa sublinhar dados os seus efeitos pedagógicos tanto no plano da vida privada como na sua vertente pública. De facto, a ciência tornou-se 'familiar' para o cidadão-leitor, sobretudo com a publicitação de descobertas científicas como as efectuadas por Pasteur <sup>(159)</sup> e aquelas que vieram dar resposta às duas maiores

<sup>(158)</sup> Veja-se, Miguel Bombarda, "O segredo de Koch", *A Medicina Contemporanea*, Lisboa, vol. 9, nº 1, Jan. 1891, pp. 1-2.

<sup>(159)</sup> Em anexo apresentamos um documento que ilustra a vulgarização dos trabalhos de Pasteur. É da autoria de Teixeira de Carvalho ("Pasteur", *Gazeta Illustrada*, Coimbra, vol. 1, nº 2,8 Jun. 1901, p. 10) que em larga medida reproduz o resumo dos trabalhos de Pasteur que Paul Bert fez para a França. Mas nem por isso o seu artigo perde a qualidade de fonte ilustrativa da publicitação da ciência junto do público leitor, em geral.



entidades morbíficas que o século XIX conheceu: a cólera <sup>(160)</sup> e a tuberculose.

#### 14. *A Ilustração*

Debruçámo-nos em especial sobre a revista *A Ilustração* por vários motivos. Primeiro: não é uma revista da especialidade higienista nem sequer uma revista médica. Segundo: publica-se entre 1884 e 1892, um período chave da história da higiene (Koch, Pasteur, Roux, etc.). Terceiro: trata-se de uma revista com uma tiragem muito significativa (15 000 exemplares), sendo o jornal ilustrado de maior circulação em Portugal e no Brasil na década de oitenta e princípios de noventa. Quarto: é um periódico feito sob o modelo dos grandes jornais europeus como o *Monde Illustré*, a *Illustration*, o *Graphic*, a *Illustrated London News* e a *Illustrirte Zeitung*. Quinto: reserva páginas exclusivamente para a publicidade e, "é o unico jomal portuguez onde o annuncio litterario é mais lido", conforme se diz na rubrica "Aos Editores Portuguezes" publicada em vários números da mesma revista. Sexto: porque esta publicação periódica assumiu a missão pedagógica de difundir a higiene científica não se limitando, por isso, a ser apenas porta-voz dos interesses económicos e comerciais ligados ao mundo da indústrias química e farmacêutica.

É por demais significativo que dos 3 588 anúncios publicados na revista *A Ilustração* entre 1884 e 1892 <sup>(161)</sup>, 1 802 se reportem a publicidade a cosméticos e a produtos de higiene corporal.

Dos restantes, 1 233 diziam respeito exclusivamente a medicamentos, águas mineromedicinais e alimentos.

<sup>(160)</sup> Recorde-se que a primeira epidemia de cólera-morbus registou-se no Porto em 1833 e atingiu mortalmente cerca de 3500 pessoas. Seguiram-se outras invasões de cólera sendo a de 1853-1856 de âmbito nacional. Sobre as medidas preventivas tomadas pelo Conselho de Saúde Pública do Reino antes da declaração desta epidemia (circular de 3 de Outubro de 1853; ofício de 5 de Outubro de 1853, etc.) e sobre outras disposições legislativas emitidas no decurso da invasão, vide *Collecção de Leis e Regulamentos Geraes, ob. cit.*, Tomo 1, p. 170; p. 172; Tomo 2, p. 360.

<sup>(161)</sup> Estes dados numéricos resultam de um estudo exaustivo realizado na revista *A Ilustração*, entre 1884 e 1892, anos correspondentes aos da sua publicação.

Quadro 1

**Publicidade na revista *A Ilustração*, 1884-1892**

Tipo de Publicidade	Anos de publicação									
	1884	1885	1886	1887	1888	1889	1890	1891	1892	Total
Cosméticos e produtos de higiene	37	132	166	316	269	279	356	245	2	1.802
Medicamentos, águas mineromedicinais e alimentos	31	207	165	174	128	166	206	156	0	1.233
Vária	23	90	68	64	52	50	80	124	2	553
										3.588

Quadro 2

**Publicidade na revista *A Ilustração*, 1884-1892  
em valores percentuais**

Tipo de Publicidade	Quantidade
<b>Cosméticos e produtos de higiene</b>	<b>50,2 %</b>
<b>Medicamentos, águas mineromedicinais e alimentos</b>	<b>34,4 %</b>
<b>Vária</b>	<b>15,4%</b>

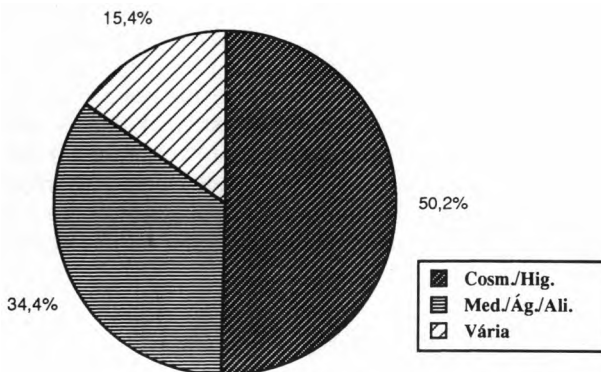


Gráfico 1 — Gráfico comparativo, em termos percentuais, dos tipos de publicidade na revista *A Ilustração*, 1884-1892.

O gráfico seguinte confirma que os medicamentos mais publicitados são os tónicos (e), os anti-anémicos e reconstituintes (f), os aconselhados para o tratamento das vias respiratórias, especialmente da tísica (d) e (j). Verificamos, assim, que as colunas mais elevadas estão inter-relacionadas. Sendo a tuberculose a grande doença da época, era óbvio que o maior volume publicitário se prendia com os medicamentos classificados na coluna (e), (f), (d) e (j).

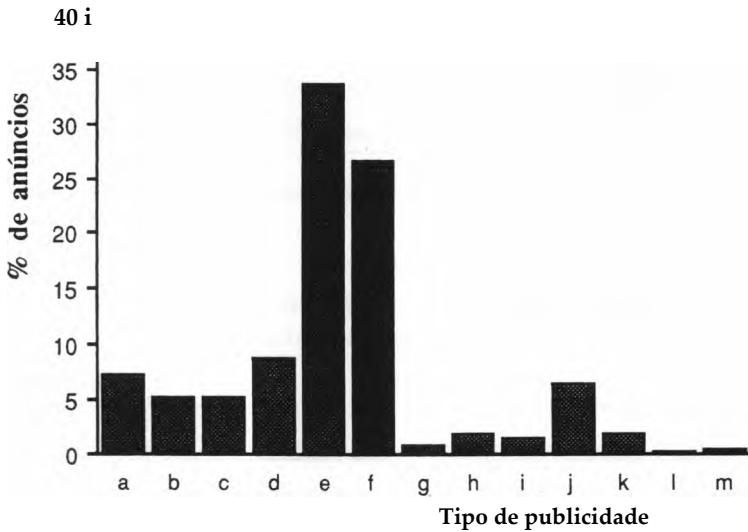


Gráfico 2 — Gráfico comparativo, em termos percentuais, dos tipos de publicidade a medicamentos, alimentos e águas mineromedicinais na revista *A Ilustração*, 1884-1892: (a) água mineral; b) alimento para crianças; c) analgésico contra enxaquecas e nevralgias; d) medicamento para a tosse, catarro, constipação e nevralgias; e) tónico digestivo; f) tónico e anti-anémico. Reconstituintes de um modo geral; g) laxante; h) vermífugo; i) antitússico; j) medicamento para o tratamento de afecções das vias respiratórias, particularmente da tísica; k) medicamento de aplicações variadas; l) publicidade a A.L. Simpton para o tratamento da surdez (técnica terapêutica); m) livro).

Tratamento curativo da PHTISICA PULMONAR e das AFLICÇÕES chronicas das VIAS RESPIRATORIAS

Winho Creosotado

Oleos Creosotados

CAPSULAS MOLLES  
DE  
BOURGEAUD  
DE

**CREOSOTE VERDADEIRO**

(do Alcatrão de faia) com **OLEO** de **FIGADO** de **BACALHAO PURO**

Recompensa unica na Exposição Universal de Paris 1878

**BOURGEAUD**, Pharmacienico de 1<sup>a</sup> class, Fabricante de Capsulas Molles, Fornecedor dos Hospitais de Paris

**PARIS, 20, RUA RAMBUTEAU, 20, PARIS**

Estas Capsulas (Winho e Oleos) unicas experimentadas e empregadas nos Hospitais de Paris pe'os Prof<sup>tes</sup> e Dout<sup>res</sup> BOUCHARD, VIELHAN, POTAIN, BOCHET, etc., deram resultados tão positivos no tratamento das Moléstias do Peito, dos Bronchios, Tosse, Catarrhos, etc., que são as unicas receitadas pelas celebriidades Médicas de França e outros paizes.

Como garantia deve-se exigir que sobre as caixinhas e garrafas se ache o rotulo tendo impresso as medalhas e a assignatura **BOURGEAUD**, ex-Pharmacienico dos Hospitais de Paris

! Leia-se o Prospecto). — Preço de cada Caixinha: 4 fr. — **VINHO** ou **OLEO CREOSOTA** O cada Garrafa: 5 fr.

**DEPOSITO NAS PRINCIPAES PHARMACIAS**

Fig. 11 — Publicidade a Capsulas molles de Bourgeaud de creosote verdadeiro cujas indicações terapêuticas eram: "Tratamento curativo da PHTISICA PULMONAR e das afecções chronicas das VIAS RESPIRATORIAS" (Extraída de *A Illustração*, vol. 1,1885).

No bloco da publicidade cosmética, não deixa de ser sintomático que os produtos branqueadores da pele, especialmente do rosto e das mãos, ocupem um lugar de destaque. A título de exemplo, leia-se o anúncio mais publicado na revista *A Illustração*: "O Leite Antephelico puro ou misturado com agua, dissipa **SARDAS**, **TEZ CRESTADA**, **PINTAS RUBRAS**, **BORBULHAS**, **ROSTO SARBULHENTO** E **FARINACEO**, **RUGAS**, & toma e conserva a cutis liza e clara" (162).

(162) Publicado cento e setenta e duas vezes de 1884 a 1892. Ver anexo.

**ALIMENTO PARA AS CRIANÇAS**  
 Almoço das senhoras e das pessoas jovens.  
**PARA** fortificar as Crianças e as pessoas fracas de peito, de estomago, ou que soffrem de *Chlorosis* ou d'*Anemia*, o melhor e o mais agradável almoço é o **RACAHOOT** dos **ARABES**, alimento nutritivo e reconstituinte de **DELANGRENIER**, de Paris. — Depósitos em todas as Pharmacias do **Brasil**.



**OPPRESSIONS** **ASTHMA** **NEURALGIAS**  
 TOSSZ. CATARRHOS, CONSTIPAÇÃO CURADAS Pelas CIGARRILHAS ESPIC

Aspirando o fumo, penetra no Peito, calma o systema nervoso, facilita a expectoração e favorece as funcções dos orgaos respiratorios. (Exigir a assignatura: J. ESPIC.)

Venda por maior 128, rua Srint-Lazare, Paris.  
 E nas principaes Pharmacias do PORTUGAL: 2 fr. a caixa.



**VERMES INTESINAES.** Estes parasitos que põem em perigo a vida das crianças pelas **Convulsões**, **Meningites** e outras molestias que elles occasionam, são exterminados pelos **Confeitos vermífugos de ROYER**.  
**PHARMACIE, 225, rua St.-Martin, PARIS**

**MÃOS BRANCAS** finas e doces com o uso da *Pâte des Prélats*. Evitar as imitações e contrabandos dirigindo apenas os pedidos á *Parfumerie Exotique, 35, rue du Quatre-Septembre, Paris*.

DEPOSITOS: Em *Madrid*, sr. conde de Portes, calle Preciados n.º 9. — PASCUAL-2, Arenal Em *Barcelona*, D. José Lafont, 32, calle del Call.

"NÃO MAIS ANEMICOS"  
 Não mais *thysicos*  
 Não mais pessoas debéis com o uso da **FARINHA ENIOVÁ** plus ultra dos alimentos para as crianças.  
 Rue de Chabrol, 48, Paris  
 N. B. Enviando 2 francos em estampilhas do correio o estabelecimento expede F\* a título de prova uma caixa de 250 grammas.

**DESAPARECEM OS TONS BISTRADOS** que escurecem de manhã as physionomias fatigadas, com o *Duvel de Ninon*, da *Parfumerie Ninon, 31, rue du Quatre-Septembre, Paris*, o mais hygienico de todos os pós d'arroz, como o tem provado o doutor *Constantin James* nas suas conferencias.  
 DEPOSITOS: Em *Madrid*, Grand bazar de Ibo Esparza, 34, carrera de San Jerónimo, e em casa do sr. conde de Portes, Montera principal 20; em *Barcelona*, D. José Lafont, 32, Calle del Call.

Fig. 12 — Alguma da publicidade mais representativa a medicamentos e a alimentos na revista *A Illustração*.

**Fallencia de Forças**  
ANEMIA.—CHLOROSE  
**O FERRO BRAVAIS**

Segundo as experiencias dos mais conhecidos medicos tem uma accão immediata sobre a economia, sem que d'ahi resulte a menor perturbação, e do mesmo passo que restitue ao sangue a sua côr natural da lizo o vigor necessario reconstituição-o liza toda a familia com as limitações ou Contrafeições.

Exigir Ferro R. Bravais, imprimido vernheira DEPOSITO NA. DE PARTE DAS PHARMACIAS POR ATACADO. 40 et 42, rue St-Lazare, Paris

**PILULAS de PEPSINA**  
DE  
**HOGG** Pharmaceutico  
EM PARIZ  
2, rua de Castiglione

**1º PILULAS NUTRITIVAS**  
de Pepsina acidificada contra as affecções gastralgicas, dispepticas, etc., e nos casos em que a digestão é difficil ou impossivel. — 5 Fr. o frasco de 10 pilulas. 2 Fr. o meio frasco.

Dose: 2 pilulas antes e outra depois das refeições.

**2º PILULAS de Pepsina e de Ferro reduzido pelo hydrogenco** contra as molestias chronicas e as affecções que dependem dellas (perdas brancas, côres pallidas, menstruações difficéis) e para fortificar os temperamentos debilitados. — 4 Fr. o frasco. 2 Fr. 50 o meio frasco.

Dose: de 2 a 4 pilulas por dia pela manhã e a noite.

**3º PILULAS de Pepsina e Ioduro de Ferro** contra as molestias escrofulosas, lymphaticas e syphiliticas, a phthisica, a cachexia chlorotica e as affecções atonicas geraes da economia. — 4 Fr. o frasco, 2 Fr. 50 o meio frasco.

Dose: 2 a 4 pilulas por dia pela manhã e a noite.

Estas tres sortes de pilulas são prescriptas diariamente pelos mais conceituados medicos.

DEPOSITO nas principais PHARMACIAS do BRAZIL

Fig. 13 — Publicidade a medicamentos: Ferro Bravais e Pilulas de Pepsina de Hogg. Ambos os medicamentos tinham como acção terapêutica primordial a reconstituição do organismo. De resto, as pilulas de pepsina eram indicadas "contra molestias escrofulosas, lymphaticas e syphiliticas, a phthisica, a cachexia chlorotica e as affecções atonicas geraes da economia", reflectado estas patologias algumas das principais preocupações médicas oitocentistas (A *Illustração*, vol. 1,1890).



**CUTIS DO ROSTO**  
— LAIT ANTEPHELIQUE —  
**O LEITE ANTEPHELICO**  
puro ou misturado com água, dissipa  
SARDAS, TEZ CRESTADA  
PINTAS-RUBRAS, BORBULHAS  
ROSTO SARABULHENTO  
E FARINACEO  
RUGAS  
&  
torna e conserva a cutis liza e clara.  
GANDES & C<sup>o</sup> B<sup>o</sup> St-Denis, 28

**VINAGRE DE TOILETTE**  
DE  
**JEAN-VINCENT BULLY**  
67, rua Montorgueil, Paris  
MEDALHAS NAS EXPOSIÇÕES UNIVERSAES  
PRIMEIRAS RECOMPENSAS EM 1867-1878

Este Vinagre deve a sua reputação universal e a sua superioridade incontestavel sobre a agua de Colonia como sobre todos os productos analogos, não só pela distincção e pela suavidade do seu perfume, como tambem por suas propriedades extremamente preciosas para todos os tratos de hygiene:

O Vinagre de **JOÃO VICENTE BULLY** goza, além d'isso, para todos os usos da toilette, de um favor tal que por si só constitue o seu maior elogio.

A unica cousa que resta pois a recomendar ao publico é de evitar as falsificações procurando o nas casas de confiança.

**EXIJA O ROTULO AQUI JUNTO**



**VIDE A NOTA QUE ACCOMPANHA O FRASCO**

Fig. 14 — Publicidade a dois productos cosméticos: o Leite antephelico e o Vinagre de toilette de Jean-Vincent Bully. O Leite antephelico, o produto cosmético mais publicitado na revista *A Illustração* (1884-1892), destinava-se em larga medida a branquear a pele. A preocupação da pele clara ocupava uma larga parte do pensamento cosmético oitocentista (Anúncios extraídos de *A Illustração*, vol. 1,1888).

# PERFUMARIA-ORIZA

**L. LEGRAND, de PARIZ**  
11, Place de la Madeleine, (antes 207, Rue St-Honore) PARIZ

**PRODUCTOS RECOMMENDADOS**

<p><b>SABONETE ORIZA MACIO</b></p> <p><b>CREME-ORIZA</b></p> <p><b>ORIZA-LACTEO</b></p> <p><b>ORIZA-OLEO</b></p> <p><b>ORIZA-TONICA</b></p>	<p>Belleza do rosto.</p> <p>Asseio dos Cabellos.</p>	<p><b>ORIZALINA</b>, tintura instantanea.</p> <p><b>ESS-ORIZA</b>, de todos os perfumes.</p> <p><b>ORIZA-HAY</b>, agua de toucador.</p> <p><b>ORIZA-POWDER</b> pó de arroz aveludado.</p> <p><b>ORIZA-VELOUTE</b>.</p>
---	--	--



*Ultima Novidade*

Productos especiais De **VIOLLETA do CZAR**

**ESS-ORIZA SOLIDIFICADO**, debaixo da forma de Lapis e Pastilhas de 12 Cheiros.  
*A varejo em todos os cabelleiros e casas de Perfumarias.*

CAUTELA COM AS CONTRAFACCOES

Em todos os Perfumistas e Cabelleiros  
de França e do Extranjeiro

# A VELOUTINE

Pó d'Arroz  
especial

PREPARADO COM BISMUTO

Por **CH<sup>es</sup> FAY**, Perfumista

9, rue de la Paix, PARIS

**A LA ROSEE DU PARADIS**

10 medalhas nas Exposições

**OGER** Cruz da Legião d'Honra

CASA FUNDADA EM 1804

## Perfumaria Medicis

INVENÇÃO NOVA

*Extracto, Agua, Pó, Sabonete, Oleo*

*Sachet, Brilhantina Medicis.*

6, Boul. de Strasbourg, PARIS. Fabrics em Vanves (Seine)

Fig. 15 — Alguma da publicidade mais representativa a produtos cosméticos e de higiene corporal na revista *A Ilustração*.



**KANANGA DO JAPÃO**  
RIGAUD y C<sup>a</sup> Perfumistas  
PARIS — 8, Rue Vivienne, 8 — PARIS

*A Agua de Kananga* é a loção a mais refrigerante, a que mais vigor dá á pelle e a que mais branquea a cutis, perfumando-a delicatamente.

*Extracto de Kananga*, suavissimo e aristocratico perfume para o lenço.

*Oleo de Kananga*, thesouro dos cabellos, que abrilhanta, faz crescer e impede de cair.

*Sabonêtede Kananga*, o mais agradável e macio, conserva á cutis sua nacarada transparencia.

*Pós de Kananga*, branqueão a tez dando-lhe elegante côr mate e a preserváo de sardas.

Depósito nas principaes Perfumarias



Fig. 16 — Publicidade a Kananga do Japão produzida por Rigaud y C<sup>a</sup>. Perfumistas (Extraída de *A Illustração*, vol. 16,1886).

Este tipo de anúncios responde a necessidades que estão para lá do propriamente hígido: necessidades do ser humano *vivente* e *vivido* e não apenas *vivo*. Necessidades que se dirigem ao ser humano enquanto ser social <sup>(163)</sup>, irredutível a um ser vivo submetido ao jugo

<sup>(163)</sup> Vide: Thomas F. Cash e Diane Walker Cash, "Women's use of cosmetics: psychosocial correlates and consequences", *International Journal of Cosmetic Science*, vol. 4, n<sup>o</sup> 1,1982, pp. 1-14.

da ordem e da desordem orgânicas. Assim, também a higiene estética tem um sentido social muito claro. Ela fornece o conceito de pele ideal (a pele *branca e lisa*), ela indica o modelo de imagem a cultivar pelo indivíduo, masculino ou feminino, enquanto sujeito singular de uma sociedade liberalizante em franca ascensão. Compreende-se que assim seja pois a ideologia liberal funda o equilíbrio, a coesão e o progresso sociais no individualismo, isto é, no princípio da *afirmação individual*

Portanto, se a publicidade cosmética apresenta ao público técnicas, produtos e outros meios de afirmação pessoal no plano da atractividade física, os seus utilizadores podem ganhar vantagens no relacionamento interpessoal. Com efeito, a avaliação que os outros fazem do indivíduo que se *cuida* em termos de higiene estética confirma a auto-avaliação positiva do próprio utilizador <sup>(164)</sup>. Assim, a cosmética dá vantagens ao indivíduo moldando uma imagem positiva de si <sup>(165)</sup> que se reflecte na auto-estima e que se traduz na sensibilidade comunicacional. O sentido social da higiene estética é evidente: os produtos cosméticos, *inter alia*, funcionam como mediadores *da e na* sociabilidade <sup>(166)</sup>, actuando como factores de auto e de heteroavaliação dos indivíduos contribuindo, assim, para manter a coesão social.

Portanto, todo o interesse que a mentalidade cientista e

<sup>(164)</sup> Vide Jean Ann Graham e A.J. Jouhar, "The effects of cosmetics on person perception", *International Journal of Cosmetic Science*, vol. 3, nº 5, 1981, pp. 199-210. Os autores realizaram uma investigação psico-social e chegaram à seguinte conclusão: existe um estereótipo positivo que se traduz nestes termos: 1º "what has been cared for is good"; 2º "what is beautiful is good"; 3º "what has been made beautiful is good". Portanto, cuidar do seu aspecto mediante o recurso à cosmética é benéfico para o indivíduo trazendo-lhe vantagens sociais. Isto é assim, segundo a conclusão dos autores, em virtude do estereótipo que associa o *bonito* ao *bom*, o *belo* ao *bem*.

<sup>(165)</sup> Vide Jean Ann Graham e A.J. Jouhar, "Cosmetics considered in the context of physical attractiveness: a review", *International Journal of Cosmetic Science*, vol. 2, nº 2, 1980, pp. 77-101. As vantagens que o utilizador da cosmética ganha são de tipo social. Não são vantagens sexuais segundo a conclusão tirada pelos autores. Vide, também, Jean Ann Graham e Albert M. Kligman, "Physical attractiveness, cosmetic use and self-perception in the elderly", *International Journal of Cosmetic Science*, vol. 7, nº 2, 1985, pp. 85-97.

<sup>(166)</sup> Vide T J. Elliot, "Cosmetics — functional and aesthetic?", *International Journal of Cosmetic Science*, vol. 6, nº 5, 1984, pp. 231-239.

higienista revelou pela área da cosmética e do embelezamento significava que, em causa, não estava apenas a saúde das populações no sentido primário do termo, isto é, no sentido de bem-estar físico e fisiológico. Em questão encontrava-se também a necessidade de *disciplinar as relações inter-pessoais em função do ideal bio-estético das burguesias ascendentes*. Reafirmamos: o higienismo não era uma questão estritamente médica. O seu raio de acção estendia-se para lá do campo da doença e da morbidez. Não tinha apenas como alvo combater as entidades morbíficas, curar, restituir a saúde aos corpos ameaçados de morte por "indigencia orgânica". É que, os cuidados

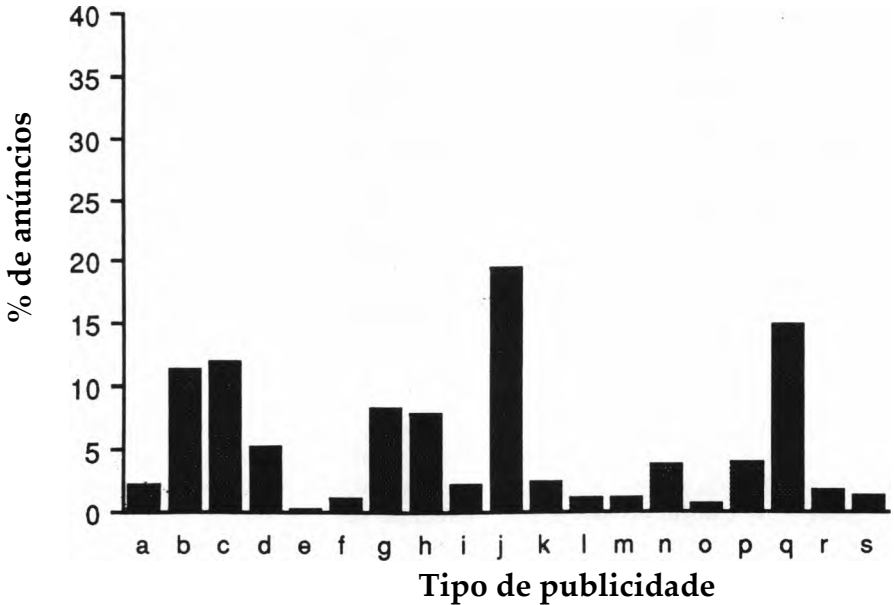


Gráfico 3 — Gráfico comparativo, em termos percentuais, dos tipos de publicidade a cosméticos e produtos de higiene corporal na revista *A Ilustração*, 1884-1892 (a) água de toucador de usos variados; b) branqueador; c) branqueador e anti-rugas; d) pós corantes; e) produtor de joias para ornamento do cabelo; f) limpeza da pele; g) pó de arroz; h) depilatório; i) perfume; j) publicidade a uma empresa produtora e/ou comercial; k) tónico capilar; l) produto para desenvolvimento do peito; m) produto destinado a cosmética ocular; n) dentífrico; o) produto de higiene corporal (banho); p) vestuário; q) linha de produtos variada; r) livro; s) vinagre de toucador).

com o corpo de tipo cosmético, designadamente o uso de branqueadores da pele, de perfumes e de desodorizantes, não reflectem exigências médicas, mas realizam uma função de comunicação<sup>(167)</sup> no relacionamento social.

Abstraindo da publicidade das colunas (j) e (q) referente a comércio, indústrias e a linhas de produtos cosméticos, verificamos que os produtos mais anunciados são os branqueadores (b) e os branqueadores associados aos anti-rugas (c), logo seguidos das colunas (g) e (h), respectivamente, pó de arroz e depilatorios.

As águas de toucador (a), os perfumes (i) e os tónicos capilares (k) apresentam valores muito próximos. Com valores quase irrelevantes temos a publicidade a produtos de higiene corporal no sentido de *lavagem do corpo*. Mas, curiosamente, no plano dos dentífricos a coluna (n) revela um valor mais significativo<sup>(168)</sup>.

Para se compreender este sentido social da higiene cosmética deve ter-se sempre presente que as revoluções burguesas e liberais na Europa oitocentista desestruturaram a economia relacional familiar<sup>(169)</sup> e social do *antigo regime*. Neste contexto, os indivíduos masculinos ou femininos adaptando-se às exigências dos novos tempos industrialistas conheceram novas situações de exposição social<sup>(170)</sup> para lá do núcleo familiar. Digamos que, já não apenas o rei, a rainha e o número restrito de figuras públicas<sup>(171)</sup> tinham de cuidar a sua imagem. Agora, é o corpo social no seu todo que se encontra exposto e, cada vez mais, à medida que se avança no sentido da democratização das sociedades liberais.

Necessariamente, impunha-se encontrar novos mecanismos de *normalização* e controlo das relações extra-familiares entre os indivíduos de ambos os sexos. Um desses mecanismos é a cosmética,

<sup>(167)</sup> Neste sentido também se pronunciaram Jacques Pinset e Yvonne Deslandres, *Histoire des soins de beauté*, Paris, P.U.F., 1960, p. 93 ss.

<sup>(168)</sup> Para uma apreciação quantitativa veja-se o quadro anexo, no fim do artigo.

<sup>(169)</sup> Cf. Philippe Ariès; Georges Duby (dir.), *História da vida privada*, vol. 4, Círculo de Leitores, 1990, pp. 9-323.

<sup>(170)</sup> Vide, entre muitos outros, José Pereira de Sampaio, "A educação feminina", *O Século*, Lisboa, nº 596 19 Dez. 1882, p. 1. Publicado sob o pseudónimo de Bruno.

<sup>(171)</sup> É o caso das mulheres públicas. Cf. Jacques Pinset e Yvonne Deslandres, *oh. cit.*, p. 96 ss.

enquanto factor interveniente na dinâmica relacional de aproximação e de distanciamento entre os indivíduos. Não estamos propriamente a dizer que a mentalidade higienista da época hipervalorizava o *belo*, mas apenas a afirmar que a higiene cosmética, como toda a higiene privada e pública, participou na construção da nova disciplina social do industrialismo burguês.

Com efeito, tomando a higiene corporal como sinónimo de corpo *saudável* e simplesmente *lavado*, toma-se mais nítida a função comunicacional do branqueador, do perfume, etc., nas relações interpessoais. Neste sentido, os cosméticos ganham o estatuto cultural de linguagem que transmite a vontade do seu utilizador de partilhar um determinado espaço de sociabilidade e de se identificar com determinado protótipo de beleza. Portanto, a comunicação interpessoal também se dá através do branqueador, do perfume, entre outros, e a sociedade no seu todo funcional retira vantagens deste tipo de práticas.

#### 15. *Consciência: corpo de poder inalienável*

Perante esta extensão da higiene para lá do estritamente *saudável*, torna-se ainda mais evidente que não é possível sustentar a sua neutralidade política. E, julgamos até que a expressão *polícia médica* designativa da higiene deve ser tomada à letra e não encarada como sintoma de algo que diz mas esconde porque, justamente, ao longo de todo o século, a higiene se assume como o BEM político, isto é como o ideal de governo da cidade. Por outro lado, parece-nos lícito afirmar que a higiene privada apenas reproduzia à escala do indivíduo o espírito disciplinar que presidia à higiene pública. Assim como a sociedade se fazia vigiar por entidades públicas multidisciplinares (políticos, administradores, médicos, farmacêuticos, químicos, juristas e outros), cada indivíduo em particular também deveria ser o polícia de si mesmo, o que nos leva a entender a consciência higienista de oitocentos como uma consciência *una*, para lá da distinção entre o privado e o público. É, aliás, este o sentido de alguns projectos de pedagogia higienista elaborados ao longo do século e dirigidos tanto à consciência pública como à consciência individual. Entre eles merece particular referência o ideal higienista de Augusto Filipe Simões. Segundo este ideal, o indivíduo devia receber uma educação que o formasse nos princípios científicos para que nele emergisse uma consciência moral higienista de tal modo recta e justa que se pudesse mesmo dispensar a (pressão exercida

pela) própria legislação estatal: "Tela educação antiga preparavam-se os homens para ser governados. A educação moderna deveria preparar os homens para se governarem a si mesmos" (172). Filipe Simões propunha que toda a sociedade fosse educada a pautar o seu comportamento em função do interesse perfectibilista da espécie humana, e em especial o seu comportamento sexual (173), o que decorria do facto de considerar hereditárias muitas doenças como a tuberculose, a escrófula e outras.

Assim, a sua *Educação physica* era a educação do corpo em todas as dimensões da sua existência, desde o plano biológico até ao nível ético e social. É num quadro mental de tipo naturalista que se torna compreensível a sua tese enunciada nestes termos: "*a civilização extinguirá a física se a educação impedir a degeneração humana*" (174). Isto equivale a dizer o seguinte: se os indivíduos constitucionalmente inaptos ou condicionados sob o ponto de vista orgânico renunciarem à sua descendência, a espécie humana, em lugar de degenerar, aperfeiçoar-se-á e, portanto, determinadas doenças como a tuberculose, não podendo atingir os corpos bem formados, extinguir-se-ão. Por isso, a própria física é vista em termos biologists "como um obstáculo à degeneração física, por extinguir indivíduos profundamente alterados e incapazes de gerar filhos válidos e robustos" (175).

Vendo bem, todo o higienismo, desde Ribeiro Sanches, está atravessado por uma tensão fundamental entre o que era realisticamente possível ir *corrigindo, reformando e prevenindo* e o ideal de "moralidade física dos povos" (Ricardo Jorge). E o meio que se privilegiava em Portugal para se atingir a máxima consciência higienista era, em última análise, uma pedagogia da saúde que, ao implicar necessariamente outras instruções e outras educações, a começar pela alfabetização, chocava com as mais dramáticas carências dos indivíduos, tão insuspeitadamente espelhadas nos resultados das inspecções dos recrutas (176) para o serviço militar.

(172) Augusto Filipe Simões, *Educação physica*, 3ª ed., Lisboa, Livraria Ferreira, 1879, p. 319.

(173) *Idem, ibidem*, p. 48.

(174) Augusto Filipe Simões, *A civilização, a educação e a phthisica*, ob. cit., p. 53. Sublinhado nosso.

(175) *Idem, ibidem*, p. 23.

(176) Por exemplo, Augusto Filipe Simões diz-nos o seguinte: "No relatório

O que se pretendia atingir com a pedagogia do higienismo? Visava-se, justamente, formar uma *consciência* higienista privada e pública na base do princípio segundo o qual o indivíduo tinha direito a receber a informação científica necessária para alcançar a *máxima auto-determinação moral possível* nesta matéria e o dever de agir de acordo com ela.

Este "malthusianismo" higienista foi exemplarmente protagonizado por Augusto Filipe Simões. E, apesar da sua defesa da educação e da consequente responsabilização do indivíduo pela "indigência orgânica" da sua pessoa e dos seus descendentes, ou por causa disto mesmo, não põe de lado a via da chamada *zootecnia*. Mas, não concebe esta via, que é a da *selecção artificial da descendência*, como uma imposição legislativa caucionada pelas ciências médicas. Antes, dir-se-ia que Filipe Simões articula a zootecnia com a educação:

"Com evidência nos mostra a zootecnia o que se poderia fazer relativamente no homem por meio da educação (...). Muitos julgariam talvez rebaixar a dignidade humana admitindo semelhante correlação. Mas o homem é organizado à maneira dos animais, e portanto os princípios fundamentais dos métodos que servirem para aperfeiçoar a organização animal servirão também para aperfeiçoar a organização humana. Ora esses métodos têm por base a *selecção artificial*, a

apresentado neste ano de 1874 à junta geral do distrito de Coimbra pelo digno governador civil o sr. visconde de Villa-Mendo, lê-se o seguinte: 'foram inspeccionados no ano último 1062 recrutas e só foram apurados 388 isto é, pouco mais de um terço. O resto foram isentos por estarem compreendidos nas disposições da tabela; sendo muito para notar que 360 o foram por falta de robustez e por falta de altura. É facto bastante grave e que não deve passar despercebido, este de aparecer na população, na sua quase totalidade rural, em 1062 mancebos na flor da idade mais de um terço sem altura nem robustez para poderem entrar no serviço militar', *Educação physica, ob. cit.*, p. 374. E acrescenta-se esta nota agravante: "em geral os homens e as mulheres do campo são mais robustos que os das cidades, embora os alimentos dos primeiros sejam inferiores tanto em qualidade como em quantidade aos dos segundos". *Idem, ibidem*, p. 365. Em 1889, chega-se a idênticas conclusões. Segundo uma notícia publicada em *A Medicina Contemporanea* ("Estatura dos Portuguezes", Lisboa, vol. 9, nº 46, Nov. 1891, pp. 367-368), a lei de 12 de Setembro de 1887, artº 39, exigia a altura mínima de *metro e meio* para a marinha e de *1, 54 m* para o exército. Pois mesmo assim, a percentagem dos que não atingem o mínimo de altura é significativa e chega a atingir 9,67% no distrito da Guarda.

**alimentação e o exercício, que na espécie humana são de tal sorte desprezados ou mal dirigidos (...)" (177).**

Quer dizer: na reflexão de Filipe Simões o indivíduo devia ser educado a *fazer seu* o ideal de perfectibilidade da espécie humana, cultivando a sua boa forma física e mental, lutando por uma boa descendência ou abdicando dela se fosse tuberculoso, sífilítico ou portador de "outra moléstia incurável e hereditária" (178).

Assim, em termos sumários, o pedagogismo que Filipe Simões advogava para a higienização do indivíduo e da espécie, traduzia-se numa *educação física*, implicando esta expressão o cultivo da auto-consciência sexual e reprodutiva, da auto-consciência alimentar e da consciência da máquina corporal. É que, a organização jurídico-político-sanitária, só por si, por mais bem iluminada que fosse pelos ditâmes científicos, não podia atingir a raiz da problemática higienista do tempo. Essa raiz era a ignorância, o desconhecimento, a *inconsciência* higiénica. Logo, impunha-se dar prioridade à *educação física* no sentido apontado, na medida em que esta se dirigia directamente à consciência do indivíduo. Julgava-se que a divulgação da higiene e a interiorização dos seus princípios científicos era o meio mais eficiente para fazer com que cada indivíduo assumisse como *seu* o interesse meliorista da humanidade. Este ideal foi também partilhado por Miguel Bombarda, entre outros médicos. Vários artigos que publicou em *A Medicina Contemporanea*, sublinham o valor último da consciência higienista: "Imaginemos que *todos se possuem da ideia* que não há direito de transmitir ao próximo uma doença (...). Coroemos esta fantasia com uma vulgarização de factos de higiene, que imbuindo os espíritos, *faça a todos* capazes de *conhecer* o perigo e de *evitar asi...* e aos *outros* " (179). É neste território da interioridade de cada um e de todos, é na esfera do poder inalienável da consciência que a utopia higienista tem de se instalar porque, ao fazê-lo, inactiva-se a mais poderosa fonte morbífica — a *inconsciência*— aquela que os laboratórios médicos não poderiam controlar sem o concurso do estado, da escola, da família, da igreja, e outras instituições sociais.

(177) A. Filipe Simões, *A civilização, a educação e a phthisica*, ob. cit., p. 48-49. Sublinhado nosso.

(178) A. Filipe Simões, *Educação physica*, ob. cit., p. 48.

(179) Miguel Bombarda, *A Medicina Contemporanea*, vol. 9, nº 16, 19 Abr. 1891, p. 123. Sublinhado nosso.



Sem o concurso de *todos*, numa palavra, isto é sem a *consciência de cada um*.

Assim, por exemplo, o que era a *Guerra à Tuberculose!* posta a circular pela Liga Nacional contra a Tuberculose em Dezembro de 1900? Em última análise tratava-se da guerra que cada um tinha de fazer ao seu estilo de vida, guerra tanto mais dura quanto mais anti-higiênico fosse o seu meio físico-químico intracorporal e eco-social. Esta guerra tinha de ser travada *em consciência*. Por isso, também a prevenção da tuberculose era, em último reduto, uma questão de auto-defesa <sup>(180)</sup> gerida conscientemente. Com efeito, a profilaxia sanitária da tuberculose, como das restantes doenças infecciosas e outras era, em última instância, uma questão de ilustração, de consciência higiénica, de conhecimento dos processos de transmissão do bacilo e, portanto, de auto-prevenção contra as entidades morbíficas. Por isso, alguns dos objectivos da Liga Nacional contra a Tuberculose foram a constituição de uma *biblioteca circulante* <sup>(181)</sup> para os associados e de um *centro de informações*, a realização de *curtos de higiene popular* <sup>(182)</sup> e a publicação do *catecismo contra a tuberculose* <sup>(183)</sup>.

O mesmo sentido presidia a outras publicações, com intenção pedagógica, dadas à estampa neste final do século XIX. Entre elas, destacamos a *Pastoral sobre a tuberculose* datada de 1900 <sup>(184)</sup> da autoria de D. Manuel Correia de Bastos Pina. Esta pastoral, apoiando-se nas aquisições das ciências médicas e nos resultados obtidos pelo

<sup>(180)</sup> Veja-se *Cartilha de preceitos para a defesa individual da tuberculose*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1901; *Instruções populares contra a tuberculose*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1901; *Como se pôde evitar a tísica*, Lisboa, Liga Nacional contra a Tuberculose, 1900; José Alberto Pereira de Carvalho, *Breves considerações sobre tuberculose e meios de a evitar*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1901.

<sup>(181)</sup> Veja-se *Guerra à Tuberculose!*, Lisboa, vol. 1, nº 1, Dez. 1900, pp. 43-45. Em 1900 a *biblioteca circulante* dispunha apenas de vinte e um títulos sobre questões da tuberculose.

<sup>(182)</sup> Veja-se *Guerra à Tuberculose!*, Lisboa, vol. 1, nº 2, Abr. 1902, p. 12 ss.

<sup>(183)</sup> Veja-se *Guerra à Tuberculose!*, Lisboa, vol. 1, nº 2, Abr. 1902, p. 40-44. Para comprovar a nossa perspectiva, transcrevemos em anexo o *Catecismo contra a tuberculose* de 1902.

<sup>(184)</sup> D. Manuel Correia de Bastos Pina, *Pastoral sobre a tuberculose*, Coimbra, Imprensa Academica, 1900.

Congresso Nacional de Tuberculose de 24 a 27 de Março de 1895 <sup>(185)</sup> apela à consciência de todos para colaborarem na luta contra o *bacillus tuberculi* (Koch) cumprindo os preceitos básicos de higiene privada e também de higiene pública, em especial das Igrejas para que estas não se convertam "em foco de infecção e germen de morte para o corpo" <sup>(186)</sup>.

Por tudo isto, toma-se ainda mais significativo que a imprensa da época tenha funcionado como instância pedagógica do higienismo. É que, a sua actividade difusora, junto do público leitor em geral, não se limitava à publicitação dos fundamentos científicos e da materialidade institucional da dinâmica higienista do tempo, mas compreendia também a *valorização da auto-consciência higienista*.

### III. REVISÃO – CONCLUSÃO

1. A higiene não era pertença exclusiva de uma comunidade científica ainda que compreendesse uma diversidade plural de olhares desde o químico ao médico. Também não era uma competência exclusiva dos poderes públicos. Enquanto campo disciplinar do estado físico e moral da sociedade e de cada indivíduo em particular, a higiene envolvia todo um conjunto de saberes, de poderes, de sensibilidades ideológicas e de interesses político-pedagógicos, irreduzível ao discurso científico e à administração pública de programas sanitários. Assim se compreende que a higiene não possa limitar-se ao sentido técnico de área da medicina e que, mesmo enquanto tal, ela não possa estruturar-se à margem da consciência pública, do comportamento colectivo e individual, da vontade política do estado, da acção do legislador e de outros factores sociais.

2. Claro que os trabalhos laboratoriais e as técnicas higienistas constituem a *primeira diferença específica* da higiene oitocentista relativamente às preocupações pretéritas com a saúde das populações. Se a higiene oitocentista passou pela descoberta, por exemplo, dos

<sup>(185)</sup> Veja-se Augusto António da Rocha, *Actas*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1898.

<sup>(186)</sup> D. Manuel Correia de Bastos Pina, *Pastoral sobre a tuberculose*, Coimbra, Imprensa Academica, 1900, p. 15.

microorganismos da tuberculose e da cólera, por Koch, respectivamente em 1882 e 1883; se a higiene compreendia também um conjunto de técnicas médico-farmacêuticas como a vacina e um conjunto de estruturas e tecnologias de base como o tratamento de águas; se a higiene passava ainda pela legislação sanitária —tudo isto não esgota o sentido da higiene oitocentista. A sua realidade científica, jurídica e médica conjuga-se com preocupações pedagógicas e culturais que se prendem directamente com o governo dos habitantes da *cidade* tanto no plano público como na esfera privada.

3. Se a higiene *científica* se assumiu como uma higiene *social* foi também porque as suas duas vertentes relacionáveis mas diferenciadas, a higiene pública e a higiene privada, espelhavam a distinção política tipicamente liberal entre o *público* e o *privado*. Na verdade, a higiene *científica* isto é *social* dava cobertura a todo um conjunto de aspirações pedagógicas e políticas que inscreviam o problema da conservação da vida, fisicamente considerada, na *humanidade* da espécie<sup>(187)</sup> isto é, na sua consistência cultural, para lá da ordem da natureza, propriamente dita. Por isso, *a saúde das populações era irreduzível ao sentido primário de ausência de doenças*. Compreende-se que assim fosse, até porque o sentido social da higiene científica decorria também do carácter contagioso das figuras morbíficas que singularizaram a época: a cólera e a tuberculose. Era a sociedade no seu todo que estava em causa. Por isso, a nosso ver, a perigosidade epidemiológica foi um dos factores decisivos na determinação do significado social da higiene.

4. O combate à doença significava não só a restituição da saúde aos corpos afectados mas a reposição da ordem social, já que a doença ao expandir-se por toda a comunidade, por assim dizer, sem distinção de classes, introduzia a *desordem* na vida social. Se a contaminação se dava independentemente da vontade dos indivíduos, se todos estavam sujeitos a contrair a doença, mesmo os soberanos, então aquelas entidades morbíficas, que podiam não ser fatais para o corpo social sob o ponto de vista da sua sobrevivência física, marcavam profundamente o estado geral do organismo social em todos os seus níveis, compreendendo mesmo a sua auto-representação. Os distúrbios vividos pelo espírito público, provocados pelo *modus*

<sup>(187)</sup> Sobre esta temática vide P. Lain Entralgo, *El cuerpo humano. Teoría actual*, 2ª ed., Madrid, Espasa-Calpe, 1989.

*operandi* dos agentes epidémicos desencadearam vários efeitos no social. Entre outros é de sublinhar o reforço do estatuto social da classe médica e de todos os profissionais ligados à saúde. Sem dúvida, as entidades morbíficas de tipo contagioso funcionaram como factores de reforço do poder médico. É para ele que se volta a consciência pública; é dele que se espera a 'salvação' e não admira, por isso, que a medicina higienista se converta progressivamente e a passos largos, de década para década, num saber-poder legitimador de outros saberes e de outros poderes.

5. É por isso que o termo higienismo tem pleno direito de cidadania historiográfica. Com efeito, depois das revoluções química, vacínica, pasteuriana, e de um modo mais global, depois do experimentalismo ter renovado as diversas áreas biomédicas; depois da revolução cosmética e da emergência de novos valores mais concordantes com as condições existenciais dos indivíduos - depois de tudo isto (que não é tudo mas uma parte), o termo higiene ganha uma carga semântica complexa. O seu sentido médico adquire uma conotação social e política <sup>(188)</sup> irrefutável: a higiene devém higienismo, em função do alargamento do seu campo <sup>(189)</sup> e da

<sup>(188)</sup> Não admira que Emilio Balaguer Periguell e Rosa Balles ter Añon em "Medicina e sociedad — La enfermedad y su prevención" in P. Lain Entralgo, *Historia Universal de la Medicina*, tomo VI, Barcelona, Salvat Editores, 1982, pp. 363-370, defendam que a dimensão social e política da higiene pública se reforçou depois da sua experimentalização com Max Von Pettenkofer, Pasteur e Koch.

<sup>(189)</sup> Este alargamento compreenderá também uma vertente eugénica ampla e diversificada. A este título, por exemplo, Paul Weindling, *Health, race and german politics between national unification and nazism 1870-1945*, Cambridge University Press, 1993, prova que a higiene científica, embora conservando o seu sentido médico originário, caucionou a ideologia panóptica racalista e eugenista que conheceu uma larga difusão, *grosso modo*, na 1ª metade do século XX. Entre nós, um higienismo eugénico moderado foi assumido, por exemplo, por Mendes Correia: "É pois, urgente e indeclinável pôr em prática entre nós os princípios racionais de eugénica positiva (*favorecendo a procriação sã*), da eugénica negativa (*combatendo a procriação mórbida*) e da eugénica preventiva (*combatendo os factores degenerativos*). Estabeleça-se o *pedigree das famílias*, a *segregação de criminosos recidivistas*, a *esterilização* e o *neomalthusianismo* em casos de grandes taras e doenças profundas, o *exame ante-nupcial* com *regulamentação sanitária do casamento*, a *propaganda popular e escolar da eugénica* (incluindo a *educação sexual* e a *profilaxia anti-venérea*), a *protecção às gestantes*, a *regulamentação médica*

autoridade que outros saberes e outros poderes lhe atribuem em concordância com a valoração que ela se dá a si mesma. Assim, o termo *higienismo* sintetiza também o *modus operandi* das burguesias triunfantes face à necessidade de disciplinar o corpo social, no horizonte de uma cultura laica da vida onde a própria *ciência* devém *cientismo*, não só pelo entusiasmo de agentes culturais extra-científicos desde juristas a poetas mas também pela voz dos próprios cientistas como se pode confirmar através da palavra poderosa de Ricardo Jorge:

"Ora, quais são os conhecimentos que habilitam o homem a converter as forças da natureza em utilidade própria, a conservar a saúde, a regular a vida de família no cumprimento das funções paternas, a cooperar na acção do organismo social e político, na consciência completa do mecanismo nacional, a disciplinar-se intelectual, moral e fisicamente ? É a ciência e só a ciência" (190).

Então, é lícito afirmar, ainda, que a consciência higienista de oitocentos, sendo uma consciência científica, era também uma consciência cientista que se via a si mesma como o saber-poder anunciador do governo hígido da vida social na longa duração dum futuro irreversível.

6. Por paradoxal que possa paracer, num século obcecado com os segredos da morte e sobretudo daquela morte que attingia o homem

da imigração; enfim a luta contra todos os factores disgenizantes (alcooolismo, uso de alcaloides, prostituição, imoralidade, etc.). São estes os processos preconizados pelos eugenistas. São estes os processos que nos cumpre pôr em prática em Portugal, para evitarmos que aos varões robustos retratados nas tábuas atribuídas a Nuno Gonçalves, a essa falange vitoriosa de gigantes e de heróis não venha um dia a suceder num triste fim de raça, uma geração miserável e incapaz, de ineptos, de malvados, de covardes, de dissipadores, de preguiçosos, de impotentes, de tarados, de extropiados do corpo e alma", Mendes Correia, *O problema eugénico em Portugal*, Porto, Tipografia da Enciclopédia Portuguesa, 1928, pp. 7-8. Sublinhado nosso. Imediatamente se constata que este programa eugénico novecentista reflecte um optimismo científico sem limites, inspirado numa razão científica que foi conquistando a sua soberania à medida que ia descobrindo e pondo à prova o seu poder de higienização perfectiva.

(190) Ricardo Jorge, "Prefacio" datado de 1884 à obra de Herbert Spencer, *Educação intellectual, moral e physica*. Versão da ultima edição ingleza por Emygdio d' Oliveira, Porto, Livraria Moderna, s. d., p. XII. Sublinhado nosso.

no peito e o levava tísico ou apaixonado <sup>(191)</sup>, era a vida e sobretudo a vida saudável e aberta ao belo que constituía o seu interesse primordial.

Não podia ser de outro modo num século em que as revoluções científicas, bio-médicas, objectivavam os interiores do corpo e o tornavam transparente (raios X); num século em que a medicina denunciava comportamentos sexuais (sífilis e outras), anacronismos mentais (psicopatologias), patogenias ecológicas e sociais (cólera e outras); num século em que as burguesias convertiam o seu optimismo político numa estratégia disciplinar da sociedade de tipo médico-higienista; num século dominado por um espírito científico que não recalcava o mórbido mas que o colocava ao serviço da vida, analisando-o experimentalmente; num século que se movia pela vontade positiva de superar os sinais e as marcas do patológico, da deficiência e da fealdade, não temendo o mórbido nem receando perturbar a obra da Divina Providência ou desvirtuar a lógica natural das coisas, em ordem a alcançar a boa forma estética e funcional.

Num século que ambicionou superar a distância entre o real e o ideal mediante a concretização de modelos de higidez e de beleza que desafiavam até os limites internos das tecnologias química, farmacêutica e médica da época, como podia a higiene científica não devir higienismo?

7. Assim sendo, se toda a vida nas suas diferentes e variadas realidades (desde a *água* e o *ar* até à sua complexa organização nos *corpos* individuais e sociais) era higienizável, não admira que também a mente humana fosse objectivada no horizonte da higiene científica. Com efeito, a esta competia também o trabalho científico de demarcar o *saudável* do *patológico* no plano mental e de abrir o caminho da institucionalização dessa diferença. Sabe-se que nesta área a *polícia médica* assume, ainda mais explicitamente do que noutras áreas, a defesa dos valores liberais hegemónicos na época <sup>(192)</sup>.

<sup>(191)</sup> Cfr. José António de Freitas, "O coração do jovem tuberculoso", in *Guerra à tuberculose!*, Liga nacional contra a tuberculose, vol. 1, nº 1, Dez. 1900, pp. 22-29.

<sup>(192)</sup> Vide Ana Leonor Pereira, "Normatividades ideo-morais e 'patologias do espírito'. Compromissos históricos", *Actas, 1º Encontro de Psiquiatria do Hospital do Lorrvão, 15-16-17 de Novembro de 1990*. Coimbra, 1993, pp. 40-45.

É, por exemplo, bem expressiva do cientismo higienista, a posição de Ricardo Jorge sobre a "higiene" teológica e as suas práticas ritualistas. Tal como outros rituais higienistas extra-científicos, as "teoterapias" eram interpretadas por Ricardo Jorge como sintomas de uma patologia do espírito que podia adquirir as dimensões de uma epidemia<sup>(193)</sup>, sobretudo em períodos de crise bio-social.

Ainda que a concepção teológica da morte e da vida tivessem, noutros tempos, dominado a razão social, pública e privada, após as conquistas científicas de oitocentos, a sobrevivência das práticas teoterápicas mesmo no povo analfabeto, denotava apenas a necessidade de expandir pedagógica e politicamente o higienismo científico. Quer dizer: os rituais da fé<sup>(194)</sup>, organizados em tomo do par *pecado humano-castigo divino* não tinham mais sentido face à lógica da razão científica teórica e prática. Ou melhor: o sentido que esta lhes atribuía era linearmente o de manifestação patológica. Aquilo que agora é valorizado pela "civilização higiénica" (Ricardo Jorge) é a relação entre o saudável e o patológico sem outra mediação que não seja o poder técnico da prática científica, tanto laboratorial como clínica. O que se visa é a *cura*, a reposição da ordem funcional orgânico-psíquica segundo o modelo cientista. Já não é problema a salvação do indivíduo no quadro da sua relação de fé com Deus. A cidade dos vivos vale por si só e na sua consistência histórica ela abre-se ao futuro na preocupação do presente, demarcando-se do seu pretérito imperfeito gravado na sua memória como uma experiência a não reviver. Acima de tudo estava a vida, a sua

<sup>(193)</sup> Vide Ricardo Jorge, *Higiene social applicada à Nação Portuguesa, oh. cit.*, p. 355. A sobreposição epidémica verificou-se, por exemplo, durante a peste bubónica no Porto. Nas palavras de Ricardo Jorge, "sobre a pestilência bacilar, recaiu uma pestilência psíquica (...); e a revivescência da barbarie medieval foi a ponto, que se reproduziu até a lenda e a perseguição dos semeadores da peste", "Camara Pestana", in *O Dia*, 15 Nov. 1900. Artigo reproduzido por Fernando da Silva Correia, *A vida, obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge, oh. cit.*, p. 144.

<sup>(194)</sup> Exemplarmente representados no *Tratado da peste* de Curvo Semedo, onde se lê que: "o primeiro e mais eficaz preservativo da peste é chegar a Deus, por meio das confissões, penitências e esmolos, porque é de fé, que por causa dos pecados dá Deus muitas vezes as doenças... limpe-se antes de mais nada a alma dos pecados pela confissão e aplaque-se a justiça divina pelo arrependimento e penitencias". Cit. por Ricardo Jorge, *Higiene social applicada à Nação Portuguesa, oh. cit.*, p. 12.

conservação num nível hígido <sup>(195)</sup> concordante com as possibilidades técnicas da ciência.

8. Todas as figuras envolvidas na liturgia social tinham um papel a cumprir: médicos, veterinários, farmacêuticos, químicos e outros, autoridades políticas e administrativas, arquitectos e engenheiros, professores, educadores, padres, polícias, fiscais e juizes e cada um dos habitantes da cidade. Em suma: uma liturgia social higienista sem margens já que todos eram chamados a ser autores-actores da "civilização higiénica".

As frentes que o século XIX abriu, dizem expressivamente que o higienismo estava a assumir-se como a religião do *homo higienicus-docilis*, para o corpo social público e para cada cidadão em particular. É tanto mais legítimo para o historiador colocar o problema nestes termos quanto se sabe que a higiene científica se estendeu muito para lá dos domínios referidos, como sejam, a análise química das águas e dos alimentos, a indústria farmacêutica e cosmética, o combate epidemiológico, a construção de infra-estruturas sanitárias, o ideal da "boa descendência", a orgânica legislativa e policial da saúde privada e pública, a "educação física", a institucionalização médica e jurídica dos "parasitas". Esta interpretação nada tem de original. Apenas eco da profissão de fé daquele que, até aos anos 40 do século XX, seria o maior nome do higienismo português.

Ricardo Jorge dixit:

"A voz da ciência, pregando a redenção física do homem, irmana-se com a voz divina daquele que anunciou a sua redenção moral. E ao seu apelo também agora uma religião se inaugura, a da salvação corporal dos povos; a sua crença é a exterminação dos flagelos, o seu rito é um perscrutar incessante no altar da experiência, nos seus templos nunca se apaga o fogo sagrado; o fervor oficiante e a vigilância do espírito nem às dos ascetas se comparam. Dum extremo ao outro do mundo civilizado criou devotos e evangelistas; quantas vezes sobre a glória do apostolado se não cruzam as palmas do martirio!" <sup>(196)</sup>.

<sup>(195)</sup> Vide Miguel Bombarda, "A hygiene das escolas e a hygiene dos governos", *A Medicina Contemporanea*, Lisboa, vol. 9, nº 16, 19 Abr. 1891, pp. 121-123.

<sup>(196)</sup> Ricardo Jorge, "Camara Pestana", *O Dia*, 15 Nov. 1900. Artigo reproduzido por Fernando da Silva Correia, *A vida, obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge*, ob. cit., p. 143.



Esta nova religião que cultivava a vida nos limites da sua materialidade biológica era uma religião fiscalista e geométrica, experimentalista e tecnicista. Ela colocava no altar a própria razão científica enquanto figura providencial que desvelava à humanidade, no curso do devir histórico, o caminho da "moralidade física dos povos" pela assunção e consumação do *bem corporal* que é o *bem político* primeiro, fundante de outros *bens*: "não se pregue só a higiene em nome do Deus-vida; pregue-se ainda em nome do Deus-dinheiro" (197)

9. O que o arquivo histórico nos diz é, justamente, que a cultura (culto) da boa forma física e moral se alicerçava no poder higienista da ciência médica. Ricardo Jorge não se cansará de reivindicar para a medicina "esse papel supremo que à nossa ciência cabe na direcção mental e social (...), porque *só ela* conhece o homem em corpo e espírito, nas suas imperfeições e nos seus vícios, nas suas misérias e fraquezas; porque *só ela* pela higiene, o mais belo florão da sua coroa, pode promover o bem estar físico e moral, a evolução meliorista da actividade somática e intelectual da humanidade" (198). "*Só ela*" \ Vendo bem, a redenção moral da humanidade pelo cristianismo não tem propriamente lugar (199) na missão salvífica dos individuos e dos povos já que a higiene científica se toma a si mesma como *A Redentora*. Por isso, também Miguel Bombarda pregava que os médicos são "os grandes e verdadeiros santos que as raças humanas têm de venerar e adorar no mais sagrado dos seus santuários" (200) porque eles são os novos apóstolos do "*bem da raça*" (Miguel Bombarda), mediadores entre o presente crítico e o futuro ideal, caminho único para atingir esse "*fim único*" (Miguel Bombarda) que é a "*civilização higiênica*" (Ricardo Jorge). Os cientistas e, em especial, os médicos higienistas encarnam "a consciência íntima, profunda, inabalável, de que a humanidade é *uma*" (201). Sendo a sua consciência

(197) Vide Ricardo Jorge, *Saneamento do Porto*. Relatório apresentado à Comissão Municipal de Saneamento, 1888, in Fernando da Silva Correia, *A vida, obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge*, ob. cit., p. 63.

(198) Ricardo Jorge, *Hygiene social applicada à Nação Portuguesa*, ob. cit., p. 41.

(199) Por todos, veja-se Fernando Catroga, *A militância laica e a deschristianização da morte em Portugal, 1865-1911*, 2 vols. Coimbra, Ed. do Autor, 1988.

(200) Miguel Bombarda, "Prof. Camara Pestana", *A Medicina Contemporanea*, sér. 2, vol. 17, nº 47, 19 Nov. 1899, pp. 404.

(201) *Idem, ibidem*.

*universal*, a ciência não é mais uma religião a juntar a outras. Ela é A RELIGIÃO, aquela que cuida do "fim único" da humanidade o qual é perpetuar-se no tempo higienicamente, sem outro além que não seja o da boa forma física e moral *perfectível* de geração em geração graças à militância científica-médica.

O século que se abre em 1900 levará mais longe e tornará mais nítido o império das leis, dos cálculos e das previsões na *religião higienista* da vida privada e pública. Por demais singular é que, à medida que o poder da ciência cresce na primeira metade do século XX, em paralelo crescem os seus fantasmas e as suas ilusões, o que torna a história do higienismo novecentista ainda mais fascinante do que já é neste inteligente século XIX.

#### Fontes e Bibliografia:

##### I – Fontes Manuscritas

Arquivo da Universidade de Coimbra

Actas da Faculdade de Medicina, 1822-1841 (IV-1ºD-3-1-85).

MELO, Jerónimo José de (IV-1ºD-7-4).

PINTO, José Ferreira de Macedo (IV-1ºD-7-4).

VIEIRA, Adriano Xavier Lopes (IV-1ºD-9-3). II

##### II – Fontes Impressas

*Actas das Congregações da Faculdade de Medicina (1772-1820)*, 2 vols., Coimbra, Arquivo da Universidade, 1982-1985.

ALMEIDA, António de – *Historia da febre que grassou na cidade de Penafiel*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1792.

ALMEIDA, António de – "Annaes vaccinieos de Portugal ou Memoria Chronologica da Vaccinação em Portugal, desde a sua introdução até o estabelecimento da Instituição Vaccinea da Academia Real das Sciencias de Lisboa", *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. 4, nº 2, 1816, pp. 40-64.

ALMEIDA, Francisco José de – *Tractado da educação physica dos meninos, para uso da nação portugueza*, Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1791.

ALVES, Joaquim José – "Falsificações do oleo de fígado de bacalhau, pelo Sr. Berthé", *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*, 3ª série, vol. 2, 1856, pp. 417-418.

*Annaes das Sciendas, das Artes, e das Letras* (1818-1822).

- BELÉM, A. M. da Cunha; ENES, Guilherme José — "O Congresso Internacional de hygiene e demografia de Viena de 1887", *Coimbra Médica*, Coimbra, vol. 9, nºs 8/10, 1889, pp. 117-123 e 156-159.
- BENEVIDES, Inácio Antonio da Fonseca — "Discurso historico sobre os trabalhos da Instituição Vaccínea, recitado na sessão publica da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 24 de Junho de 1818", *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. 6, nº 2, 1819, pp. XXVI-XLV.
- BENEVIDES, J. — "A vacinação obrigatória", *Gazeta Illustrada*, vol. 1, nº 26, 1901, pp. 201-202.
- BERNARD, Claude — *De la physiologie générale*, Paris, Librairie Hachette et Cie, 1872.
- BEZANÇON, Fernand — *Précis de microbiologie clinique*, Paris, Masson & C<sup>a</sup>, 1910.
- BOERHAAVE, Hermanni — *Methodus Studii Medici*, Venetiis, Typographia Remondiniana, 1753.
- BOMBARDA, Miguel — "O segredo de Koch", *A Medicina Contemporanea*, Lisboa, vol. 9, nº 1, Jan. 1891, pp. 1-2.
- BOMBARDA, Miguel — "A hygiene das escolas e a hygiene dos governos", *A Medicina Contemporanea*, Lisboa, vol. 9, nº 16, 19 Abril 1891, pp. 121-123.
- BOMBARDA, Miguel — "A gymnastica de hoje e a gymnastica de amanhã", *A Medicina Contemporanea*, Lisboa, vol. 9, nºs 20/21, Maio 1891, pp. 153-155 e 161-163.
- BOMBARDA, Miguel — "Prof. Camara Pestana", *A Medicina Contemporanea*, sér. 2, vol. 17, nº 47, 19 Nov. 1899, pp. 404.
- BOMBARDA, Miguel — "A peste em Portugal", *A Medicina Contemporanea*, sér. 2, vol. 17, nº 35, 27 Ago. 1899, pp. 293-295.
- BOMBARDA, Miguel — "Degenerescencia da raça", *Medicina Contemporanea*, Lisboa, Série II, vol. 3, nº 27, 8 Jul. 1900, pp. 217-218.
- BRAY, Mrs — *Physiologia e Hygiene expostas em lições facéis para uso das escolas*, Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias, 1891.
- BUCHAN, Guilherme — *Medicina domestica*. Trad. Manuel Joaquim Henriques de Paiva, Lisboa, Typografia Morazziana, 1787.
- BURNET, Etienne — *Microbes et toxines*, Paris, Ernest Flammarion, 1917.
- CABRAL, Filomeno da Câmara Mello — *Principios geraes da medicação thermal com uma noticia sobre as aguas mineraes do Valle das Fumas*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1873.
- CARNEIRO, Heleodoro Jacinto de Araújo — *Reflexoens e Observaçoens sobre a pratica da inoculação da vaccina e as suas funestas consequendas feitas em Inglaterra*, Londres, Mr. Cox, Filho, e Baylis, 1808.
- Cartilha de preceitos para a defesa individual da tuberculose*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1901.
- CARVALHO, J.M. Teixeira de — "Exposição de hygiene urbana em Paris

- (notas de viagem)", *Coimbra Médica*, vol. 6, nº 15, 1886, pp. 228-232; vol. 6, nº 16, 1886, pp. 249-253; vol. 6, nº 17, 1886, pp. 264-267; vol. 6, nº 18, 1886, pp. 283-286; vol. 6, nº 19, 1886, pp. 297-301; vol. 6, nº 20, 1886, pp. 313-316; vol. 6, nº 21, 1886, pp. 327-331; vol. 6, nº 22, 1886, pp. 344-347; vol. 7, nº 2, 1887, pp. 26-27; vol. 7, nº 3, 1887, pp. 38-43.
- CARVALHO, Joaquim Martins Teixeira de, — "Pasteur", *Gazeta Illustrada*, Coimbra, vol. 1, nºs. 2/6, 8 Jun./6 Jul. 1901, pp. 41-42.
- CARVALHO, José Alberto Pereira de — *Breves considerações sobre tuberculose e meios de a evitar*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1901.
- CID, José — *Coimbra. Demographia e hygiene*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1902.
- Coimbra Médica* (1881-190)
- Collecção de Leis, Regulamentos Geraes de sanidade urbana e rural (Edição official)*, 2 vols., Lisboa, Imprensa Nacional, 1878.
- Como se pôde evitar a tísica*, Lisboa, Liga Nacional contra a Tuberculose, 1900.
- "Congresso dos Nucleos da Liga contra a Tuberculose", *A Medicina Contemporanea*, Lisboa, sér. 2, vol. 19, nºs 15/16,14/21 Abr., 1901, pp. 118-132 e 133.
- CONSTANCIO, Francisco Solano — "Breve instrução sobre os meios de prevenir os contagios e de suster os progressos das febres epidemicas", *Annaes das Sciendas, das Artes e das Letras*, Paris, vol. 3, Jan. 1819, pp. 112-143.
- CORIVEAUD, A. — *A saúde dos nossos filhos. Hygiene da primeira infância*, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, s.d..
- CORREIA, Mendes — *O problema eugénico em Portugal*, Porto, Tipografia da Enciclopédia Portuguesa, 1928.
- "Cremação", *Gazeta de Pharmacia*, Lisboa, vol. 1, nº 12, 1883, pp. 8-9.
- Diario do Governo*, nº 226, 6 Out. 1899.
- Diario do Governo*, nº 15,19 Jan. 1900.
- Diario do Governo*, nº 292,26 Dez. 1901.
- Diario do Governo* 1- sér., nº 113,21 Maio 1929.
- "Diario que offerecem ao publico os DD. Thomé Rodrigues Sobral e Jeronymo Joaquim de Figueiredo das operações por elles executadas em as vistas de attalhar o contagio, que nesta cidade de Coimbra se começava a experimentar", *Minerva Lusitana*, Coimbra, nº 143,9 Set. 1809, não paginada.
- DIOGO, João — "Claude Bernard e os seus contradictores perante os progressos da physiologia moderna", *O Positivismo*, Porto, vol. 1, 1878-1879, pp. 464-469.
- DUQUE, Lima — "A consanguinidade e o matrimonio", *A Academia de Coimbra*, Coimbra, vol. 1, nº 5,1886, pp. 1-3.
- DUQUE, Lima — "A nubildade e a lei", *A Academia de Coimbra*, Coimbra, vol. 1, nº 9,1886, pp. 1-2.
- DUVAL, Mathias — "Claude Bernard", *Estudos Medicos*, Coimbra, 1ª sér., nº

- 7, Jun. 1878, pp. 65-67; nº 8, Jul. 1878, pp. 75-77; nº 9, Ago. 1878, pp. 86-88; nº 10, Set. 1878, pp. 96-97.
- "Estatuta dos Portuguezes", *A Medicina Contemporanea*, Lisboa, vol. 9, nº 46, Nov. 1891, pp. 367-368.
- Estatutos da Universidade de Coimbra (1772)*, 3 vols., Coimbra, Universidade, 1972.
- FIGUEIREDO, João Manuel Pacheco de — *Os grandes problemas de tisiologia. As mutações do bacilo de Koch. O ultravirus. A hereditariedade. A vacina B.C.G.*, Bastorá, Tipografia Rangel, 1929.
- FONSECA, Angelo da — *A peste*, Porto, Typographia Occidental, 1902.
- FONSECA, M.D. Tello da — *História da Farmácia através da sua legislação*, 3 vols., Porto, Empresa Industrial Gráfica do Porto, 1935-1941.
- FRANCO, Mello — *Elementos de hygiene*, 3ª ed., Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1823.
- FRANK, Johann Peter — *System einer vollstandigen medicinischen Polizey*, 6 vols., Mannheim, 1786-1819.
- FREITAS, José Antonio de — "O coração do jovem tuberculoso", in *Guerra à tuberculose!*, Liga nacional contra a tuberculose, vol. I, nº 1, Dez. 1900, pp. 22-29.
- GALTIER-BOISSIERE — *Hygiène nouvelle*, Paris, Libraire Larousse, s.d..
- GALVÃO, Januário Peres Furtado — *Curso Elementar d'Hygiene*, Porto, Typographia Commercial, 1845.
- GALVÃO, Januário Peres Furtado — *Tratado elementar de medicina legal*, Porto, Typographia de Sebastião José Pereira, 1855.
- GALVÃO, Januário Peres Furtado; PINTO, José Ferreira Macedo — *Tratado elementar de medicina legal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1858.
- Gazeta Illustrada* (1901).
- GOMES, Bernardino António — "Conta dada na congregação dos membros da Instituição Vacciniea da Academia Real das Sciencias em 15 de Outubro de 1812", *Collecção de opúsculos sobre a vaccina*, vol. 2, 1812, pp. 19-24.
- GOMES, Bernardino António — "Recopilação historica dos trabalhos da Instituição Vacciniea durante o seu primeiro anno", *Memorias de Mathematica e Physica da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. 3, nº 2, 1814, pp. LXXVI-XCIX.
- GOMES, Bernardino Antonio — "Conta annual da Instituição Vacciniea da Academia Real das Sciencias de Lisboa, pronunciada na sessão publica de 1815", *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. 4, nº 2, 1816, pp. XXX-LVI.
- GOMES, Bernardino Antonio - *Aperçu historique sur les épidémies de choléra-morbus et de fièvre jaune en Portugal, dans les années de 1833-1865*, Constantinople, 1866.
- Guerra à Tuberculose!*, Lisboa, vol. 1, nº 1/2, Dez. 1900, pp. 43-45/40-44.

- Gymnastica* (Biblioteca do Povo e das Escolas), Lisboa, David Corazzi Editor, 1882.
- Hygiene*, 2ª ed., (Biblioteca do Povo e das Escolas), Lisboa, David Corazzi Editor, 1882.
- Hygiene Popular* (A) (1909 -1910).
- Ilustração* (A) (1884 -1892).
- Instruções populares contra a tuberculose*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1901.
- "Investigação do bacillus thyphicus", *Gazeta de Pharmacia*, Lisboa, 2- série, vol. 6, nº 25,1888, pp. 184-185.
- Investigador* (O) *Portuguez em Inglaterra* (1811-1818).
- J.A.M.A.G., *Manual da vacinação*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1822.
- JENNER, Edward — *Indagação sobre as causas, e efeitos das bexigas de vacca. molestia descoberta em alguns condados occidentaes da Inglaterra, particularmente na comarca de Gloucester, e conhecida pelo nome de vaccina*, Lisboa, Regia Officina Typographica, 1803.
- JORGE, Ricardo — *Hygiene social applicada à Nação Portuguesa. Conferencias feitas no Porto*, Porto, Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos-Editor, 1885.
- JORGE, Ricardo — *Ensaios Scientificos e Criticos*, Porto, Typographia Occidental, 1886.
- JORGE, Ricardo — *Saneamento do Porto. Relatório apresentado à Comissão Municipal de Saneamento*, 1888, in CORREIA, Fernando da Silva, *A vida, obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge*, Lisboa, Edição do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge, 1960, pp. 54-65.
- JORGE, Ricardo — *A peste bubonica no Porto — 1899. Seu descobrimento-Primeiros trabalhos*, Porto, Repartição de Saude e Hygiene da Camara do Porto, 1899.
- JORGE, Ricardo — *Demographia e Hygiene da cidade do Porto. I Clima-População-Mortalidade*, Porto, Repartição de Saude e Hygiene da Camara do Porto, 1899.
- JORGE, Ricardo — "Camara Pestana", *O Dia*, 15 Nov. 1900. Artigo reproduzido por CORREIA, Fernando da Silva — *A vida, obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge*, Lisboa, Edição do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge, 1960, pp. 143-144.
- JORGE, Ricardo — "A propósito de Pasteur" reproduzido por Fernando da Silva Correia, *A vida, obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge*, Lisboa, Edição do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge, 1960, pp. 189-198.
- Jornal Encyclopedico* (1779-1791).
- "Jubileu (O) do Professor Pettenkofer", *Coimbra Médica*, vol. 9, nº 1,1889, p. 15.
- JUNIOR, Souza — *Peste bubónica (estudos da epidemia do Porto)*, Porto, Typ. de Arthur José de Souza & Irmão, 1902.
- LEMONS, Maximiano — "O contagio da tuberculose", *Gazeta Illustrada*, vol. 1, nº 13,1901, pp. 102-103.
- Literatura Illustrada* (1860)

- "Lucta contra a Tuberculose. Relatórios apresentados à Sociedade das sciencias medicas pela commissão da tuberculose (cons. Silva Amado, presidente, Miguel Bombarda, Bettencourt Raposo, Eduardo Burnay, D. António de Lencastre, Alfredo Costa e Câmara Pestana)", *A Medicina Contemporanea*, Lisboa, sér. 2, vol. 17, nº 22, 28 Maio, 1899, pp. 179-191;
- MACHADO, Femão Boto — "Cazar por annuncio", *O Mundo legal e judiciario*, Lisboa, vol. 8, nº 10, 25 Fev. 1894, pp. 159-160.
- MARTINS, J. T. de Sousa — *Relatório dos trabalhos da Conferência Sanitária Internacional reunida em Viena de Austria em 1874*, Lisboa, 1874.
- MELO, Jerónimo José de — *Memoria Filosófica sobre a Megalanthropogenesis*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1822.
- Minerva Lusitana* (1809-1811).
- PAIVA, Manuel Joaquim Henriques de — *Preservativo das bexigas e dos seus terriveis estragos ou historia da origem e descobrimento da vaccina, dos seus symptomas, e do methodo de fazer a vaccinação &c*, Lisboa, Officina de João Procopio Corrêa da Silva, 1801.
- PALMBERG, Albert — *Traité de l'hygiène publique*, Paris, Octave Doin, 1891.
- PASTEUR, L. — *Le traitement de la rage*, Paris, Marpon et Flammarion, Éditeurs, 1886.
- PASTEUR, L. — *Œuvres complètes*, 7 vols. (Réunies par Pasteur Vallery-Radot), Paris, Masson et C<sup>ie</sup> Editeurs, 1922-1939.
- PETTENKOFER, Max von — *Cholere: how to prevent and resist it*, London, Baillière, Tindall, & Cox. 1883 (tradução e apêndice de Thomas Whiteside Hime)
- "Pettenkofer", *A Medicina Contemporanea*, Lisboa, sér. 2, vol. 19, nº 8, 1901, p. 67.
- Pharmacopeia Geral para o reino e dominios de Portugal*, 2 vols., Lisboa, Regia Officina Typografica, 1794.
- PIMENTEL, Júlio Maximo d'Oliveira — "Memoria e estudo chymico da agua mineral de S. João do Deserto, em Aljustrel", *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*, 2- série, vol. 3, 1852, pp. 102-122;
- PINA, D. Manuel Correia de Bastos — *Pastoral sobre a tuberculose*, Coimbra, Imprensa Academica, 1900.
- PINTO, Agostinho Albano da Silveira — *Código Pharmaceutico Lusitano*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1835.
- PINTO, José Ferreira de Macedo — *Toxicologia judicial e legislativa*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1860.
- PINTO, José Ferreira de Macedo — *Medicina administrativa e legislativa — Hygiene pública*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1862.
- PINTO, José Ferreira de Macedo — *Medicina administrativa e legislativa — Policia higiênica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1863.
- "Regulamento da Instituição Vaccinea da Academia Real das Sciencias de Lisboa", *Collecção de opúsculos sobre a vaccina*, vol. 1, 1812, pp. 7-16.
- "Reorganisação sanitaria", *A Medicina Contemporanea*, sér. 2, vol. 17, nºs 41/42, 8/15 Out. 1899, p. 358 e 359-360.

- ROCHA, Augusto — "Portugal no Congresso de Hygiene e demographia de Londres", *Coimbra Medica*, vol. 11, nº 17,1891, pp. 253-255.
- ROCHA, Augusto — "Instituto bacteriológico de Lisboa (criação)", *Coimbra Medica*, vol. 13, nº 2,1893, pp. 17-19;
- ROCHA, Augusto (red.) — *Congresso Nacional de tuberculose — Actas*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1898.
- SAMPAIO, José Pereira de — "A educação feminina", *O Século*, Lisboa, ano 2, nº 596, 19 Dez. 1882, p. 1. Publicado sob o pseudónimo de Bruno.
- SANCHES, Antonio Nunes Ribeiro — "Tratado da conservação da saude dos povos", in *Obras*, vol. 2, Coimbra, Universidade, 1966, pp. 149-391.
- SANCHES, António Nunes Ribeiro — "Método para aprender e estudar a Medicina", in *Obras*, vol. 1, Coimbra, Universidade, 1959, p. 1-200.
- SEIÇA, Vicente José de; LEPIERRE, Charles — *Analyse chimica das aguas de Coimbra sob o ponto de vista hygienico*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1898.
- SILVA, A.J. Ferreira da — *Documentos sobre os trabalhos de chimica applicada à hygiene*, Porto, Imprensa Portugueza, 1904.
- SILVA, João Serras e — *O clima d'altitude e a tuberculose pulmonar*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1898.
- SIMÕES, António Augusto da Costa — *Elementos de physiologia humana*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1861.
- SIMÕES, Augusto Fillipe — *Educação physica*, 2- ed., Lisboa, Livraria de Ferreira Lisboa & C-, 1874.
- SIMÕES, Augusto Filipe — *A civilização, a educação e a phthisica*, Lisboa, Livraria Ferreira, 1879.
- SOARES, José Maria — "Discurso historico sobre os trabalhos da Instituição Vaccinea lido na sessão publica de 24 de Junho de 1820", *Historia e Memorias da Academia Real das Sciendas de Lisboa*, vol. 7, 1821, pp. XXVIII-XLII.
- SOARES, José Pinheiro de Freitas — "Memoria sobre a preferencia do leite de vaccas ao leite de cabras para o sustento das crianças, principalmente nas grandes casas dos expostos; e sobre algumas outras materias, que dizem respeito à criação delles", *Memorias Económicas da Academia Real das Sciendas*, vol. 5,1815, pp. 278-335.
- SOARES, José Pinheiro de Freitas — *Tratado de Policia Medica*, Lisboa, Typografia da Academia Real das Ciências, 1818.
- SOUSA, Joaquim de Jesus Cardoso e — *Valor Hygienico e processos actuaes de analyse das aguas potáveis*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1904.
- SPENCER, Herbert — *Educação intellectual, moral e physica*, Porto, Livraria Moderna, s. d..
- VEIGA, Joaquim Urbano da — "Nota sobre a conservação das substâncias alimentares e organicas", *Jornal da Sociedade Pharmaceutica*, 4ª série, vol. 4,1863, pp. 21-22.
- VIEGAS, Aureliano José dos Santos; SANTOS, José António dos — *Analyse*



- chimica das aguas da arrifana (trabalho do Laboratorio chimico da Eschola Brotero)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1898.
- VIEIRA, A.X. Lopes — "Hygiene publica e policia sanitaria com vista aos governantes", *Coimbra Medica*, vol. 15, nº 7, Mar. 1885, pp. 97-102.
- VIEIRA, A.X. Lopes — *Hygiene das familias*, Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira-Editor, 1896.
- VIEIRA, A.X. Lopes — *Lições de hygiene publica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1896.
- VIEIRA, A.X. Lopes — *Notas e additamentos ás Lições de hygiene publica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1899.
- VIEIRA, A.X. Lopes — *Manual de medicina legal*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1900-1901 (2ª edição em 1903)
- VIEIRA, A.X. Lopes — *Notas e additamentos e correções ao Manual de medicina legal*, Coimbra, Typ. Minerva Central, 1902.
- VIEIRA, Agostinho da Silva — *Adultrações e pureza das principaes substancias alimenticias, obra escrita quanto possivel ao alcance de todas as intelligencias*, Porto, Vieira e Reis & Monteiro, 1882.
- WEILL-MANTOU, J. — *Guerre à la tuberculose!*, Paris, Librairie Armand Colin, s. d..

### III — Bibliografia subsidiária

- ACCIAIUOLI, Luiz de Menezes — *Esboço histórico das águas minerais de Portugal*, Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa, 1940.
- ACKERNECHT, Erwin H. — "Medicina y sociedad en la ilustración", in LAIN ENTRALGO, P., *Historia Universal de la Medicina*, vol. 5, Barcelona, Salvat, 1984.
- ACKERNECHT, Erwin H. — *La médecine hospitalière à Paris (1794-1848)*, Paris, Payot, 1986.
- ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges — *Historia da vida privada*, vol. 4, Círculo de Leitores, 1990.
- BALAGUER PERIGUELL, Emilio; BALLESTER ANON, Rosa — "Medicina y Sociedad — I. La enfermedad y su prevención", in LAIN ENTRALGO, P., *Historia Universal de la Medicina*, vol. 6, Barcelona, Salvat Editores, 1982, pp. 363-370.
- BARROSA, Hernani — "A vacina em Portugal", *Arquivos de História da Medicina Portuguesa*, vol. 14, 1923, pp. 33-54.
- BENSAUDE-VINCENT, Bernardette — "Lavoisier: une révolutin scientifique" in SERRES, Michel — *Éléments d'histoire des sciences*, Paris, Bordas, 1989.
- BRATESCU, G. — *Dictionar cronologic de medicina si farmacie*, Bucaresti, Editura Stiintifica si enciclopedica, 1975.

- BYNUM, W. F. — "Health and disease", *MacMillan dictionary of the history of science*, Edited by W. F. Bynum, E. J. Browne, Roy Porter, London-Basingstoke, MacMillan Reference Books, 1983, reimpressão de 1988.
- CARVALHO, Silva — *História da Medicina Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1929.
- CASCÃO, Rui — "Demografia e sociedade" in MATTOSO, José (dir.) — *História de Portugal*, vol. 5, O Liberalismo (1807-1890), coordenado por Luís Reis Torgal e João Lourenço Roque, Círculo de Leitores, 1993, pp. 424-439.
- CASH, Thomas F.; CASH, Diane Walker — "Women's use of cosmetics: psychosocial correlates and consequences", *International Journal of Cosmetic Science*, vol. 4, nº 1, 1982, pp. 1-14.
- CATROGA, Fernando — *A militância laica e a descristianização da morte em Portugal, 1865-1911*, 2 vols., Coimbra, Ed. do Autor, 1988.
- CORREIA, Fernando da Silva — *Portugal Sanitário*, Dissertação de Doutoramento, Coimbra, 1937.
- CORREIA, Fernando da Silva — *A protecção à primeira infância em Portugal*, Lisboa, Tipografia Labor, 1930.
- CORREIA, Fernando da Silva — *A vida, obra, o estilo, as lições e o prestígio de Ricardo Jorge*, Lisboa, Edição do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge, 1960.
- DARMON, Pierre — "A cruzada antivariólica", in LE GOFF, Jacques — *As doenças têm história*, Mem Martins, Terramar, 1985.
- DEJUST, L.H. — *Répertoire d'hygiène et de médecine sociales*, Paris, Union des Syndicats Médicaux de France, 1923.
- DONOVAN, Arthur — "The origins of modern chemistry", *Osiris*, vol. 4, 1988, pp. 214-231.
- ELLIOT, T.J. — "Cosmetics — functional and aesthetic?", *International Journal of Cosmetic Science*, vol. 6, nº 5, 1984, pp. 231-239.
- FERREIRA, F.A. Gonçalves — *Moderna Saúde Pública*, 5- ed., 2 vols, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.
- FERREIRA, F.A. Gonçalves — *História da saúde e dos serviços de saúde em Portugal*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- GARRETT, Almeida — "Cem anos de ensino medico no Porto", *Portugal Medico*, vol. 17, nº 4, 1925, pp. 126-166.
- GRAHAM, Jean Ann; JOUHAR, A.J. — "Cosmetics considered in the context of physical attractiveness: a review", *International Journal of Cosmetic Science*, vol. 2, nº 2, 1980, pp. 77-101.
- GRAHAM, Jean Ann; JOUHAR, A.J. — "The effects of cosmetics on person perception", *International Journal of Cosmetic Science*, vol. 3, nº 5, 1981, pp. 199-210.
- GRAHAM, Jean Ann; KLIGMAN, Albert M. — "Physical attractiveness, cosmetic use and self-perception in the elderly", *International Journal of Cosmetic Science*, vol. 7, nº 2, 1985, pp. 85-97.
- GRMEK, Mirko — "Préliminaires d'une étude historique des maladies",

- Annales*, vol. 24, nº 6, 1969, pp. 1473-1483.
- GRMEK, Mirko — "Louis Pasteur, Claude Bernard et la méthode expérimentale", in MORANGE, Michel (dir.) — *L'Institut Pasteur. Contributions à son histoire*, Paris, Éditions La Découverte, 1991.
- GUERRA, Francisco, *Historia de la Medicina*, 3 vols., Madrid, Ediciones Norma, 1985.
- HUARD, Pierre — *Sciences, médecine, pharmacie. De la Révolution à l'Empire (1789-1815)*, Paris, Éditions Roger Dacosta, 1970.
- JORGE, Ricardo — *Les anciennes épidémies de peste en Europe, comparés aux épidémies modernes*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1932.
- LAIN ENTRALGO, P. — "Farmacologia, farmacoterapia y terapêutica general", in LAIN ENTRALGO, P., — *Historia Universal de la Medicina*, vol. 6, Barcelona, Salvat, 1982, pp. 259-267.
- LAIN ENTRALGO, P. — *Historia de la Medicina*, Barcelona, Salvat, 1982.
- LAIN ENTRALGO, P. — *El cuerpo humano. Teoría actual*, 2- ed., Madrid, Espasa Calpe, 1992.
- LEMOS, Maximiano — *A obra científica de Ricardo Jorge*, Porto, Typographia a vapor de Arthur José de Souza e Irmão, 1905.
- LEMOS, Maximiano — *Ribeiro Sanches. A sua vida e a sua obra*, Porto, Eduardo Tavares Martins, 1911.
- LEMOS, Maximiano — *História da Medicina em Portugal. Doutrinas e instituições*, 2- ed., 2 vols., Lisboa, Publicações Dom Quixote/Ordem dos Médicos, 1991.
- LEONARD, Jacques — *La médecine entre les pouvoirs et les savoirs*, Paris, Éditions Aubier Montaigne, 1981.
- LEPIERRE, Charles — *Laboratoire de microbiologie et de chimie biologique. Notice historique*, Coimbra, Imprimerie de TUniversité, 1906.
- LIEBNAU, Jonathan; HIGBY, Gregory J.; STROUD, Elaine (ed.) — *Essays on the History of the Pharmaceutical Industry*, Madison, American Institute of the History of Pharmacy, 1990.
- Ligeiro Resumo Histórico sobre o Laboratório de Microbiologia e Química Biológica*, Coimbra, Atlântida, 1937.
- LOPEZ PIÑERO, José M<sup>a</sup> — *Ciencia y enfermedad en el siglo XIX*, Barcelona, Ediciones Peninsula, 1985.
- MARSET CAMPOS, Pedro; RAMOS GARCIA, Elvira — "Medicina y sociedad en el romanticismo", in LAIN ENTRALGO, P. — *Historia Universal de la Medicina*, vol. 5, Barcelona, Salvat, 1984, pp. 337-347.
- MIRA, M. Ferreira de — *Historia da Medicina Portuguesa*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1947.
- MIRABEAU, Bernardo Antonio Serra de — *Memoria historica e commemorativa da Faculdade de Medicina*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872.
- MORANGE, Michel (dir.) — *L'Institut Pasteur. Contributions à son histoire*, Paris, La Découverte, 1991.
- MORRIS, Desmond — *O macaco nú*, 3- ed., tradução de Hermano Neves, Publicações Europa-América, 1970.

- PELICIER, Y.; MOUCHEZ, Ph. — *Abrégé de sociologie et économie médicales*, Paris, Masson, 1973.
- PEREIRA, Ana Leonor — "Novas sensibilidades científico-culturais em Portugal na aurora do século XX", in *Estudos de História Contemporânea Portuguesa (Homenagem ao Professor Victor de Sá)*, Lisboa, Livros Horizonte, 1991, pp. 421-431.
- PEREIRA, Ana Leonor — "Normatividades ideo-morais e 'patologias do espírito'. Compromissos históricos", in *Actas*, 1º Encontro de Psiquiatria do Hospital do Lorvão, 15-16-17 de Novembro de 1990. Coimbra, 1993, pp. 40-45.
- PEREIRA, Ana Leonor; PITA, João Rui — "Ciências" in MATTOSO, José (dir.) — *História de Portugal*, vol. 5, O Liberalismo (1807-1890), coordenado por Luís Reis Torgal e João Lourenço Roque, Círculo de Leitores, 1993, pp. 652-667.
- PEREIRA, Miguel Baptista — "Sobre a condição humana da ciência", *Biblos*, vol. 35, 1989, pp. 1-33.
- PERRIN, C.E. — "Research traditions, Lavoisier, and the chemical revolution", *Osiris*, vol. 4, 1988.
- PESET, José Luis — "Terapêutica y medicina preventiva", in LAIN ENTRALGO, P. — *Historia Universal de la Medicina*, vol. 5, Barcelona, Salvat, 1984, pp. 99-103.
- PINA, Luís de — *A marca setecentista de Ribeiro Sanches na historia da higiene político-social portuguesa*, Sep. de *O Médico*, vol. 283, 1953.
- PINA, Luís de — "Um capítulo portuense da historia da higiene em Portugal", *Portugal Médico*, Porto, vol. 39, nºs 8-9-10, 1955, pp. 461-477; 538-572.
- PINHEIRO, Magda A. — "Crescimento e modernização das cidades no Portugal oitocentista", *Ler Historia*, vol. 20, 1990, pp. 79-107.
- PINSET, Jacques; DESLANDRES, Yvonne — *Histoire des soins de beauté*, Paris, Presses Universitaires de France, 1960.
- PITA, João Rui — "O ensino da farmácia na reforma pombalina da Universidade de Coimbra", *Kalliope — De medicina*, vol. 1, nº 2, 1988, pp. 41-45.
- PITA, João Rui — "Mme Curie: contexto, importância e impacto da sua obra nas ciências da saúde", in *Em torno da vida e obra de Pierre e Marie Curie*, Coimbra, Direcção Regional de Educação do Centro, 1992, pp. 25-56.
- PITA, João Rui — "Breve historia da Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra. Uma perspectiva científico-profissional", *Munda*, vol. 24, 1992, pp. 3-16.
- PITA, João Rui; REBELO, Maria de Lourdes — "Cosméticos: sua evolução", *Medicamento, Historia e Sociedade*, vol. 8, 1988, pp. 1-6.
- RIERA, Juan — *Historia, Medicina y Sociedad*, Madrid, Pirámide, 1985.
- RODRIGUES, Manuel Augusto — *Memoria Professorum Universitatis*

- Conimbrigensis, 1772-1937*, Coimbra, Arquivo da Universidade, 1992.
- SALOMON-BAYET, Claire — *Pasteur et la révolution pasteurienne*, Paris, Payot, 1986.
- SIEGFRIED, Robert — "The chemical revolution in the history of chemistry", *Osiris*, vol. 4, 1988.
- SOURNIA, Jean-Charles; RUFFIE, Jacques — *As epidemias na historia do homem*, Lisboa, Edições 70, 1986.
- THÉODORIDES, Jean — "La mentalidad etiopatológica. La microbiologia médica", in LAIN ENTRALGO, P. — *Historia Universal de la Medicina*, vol. 6, Barcelona, Salvat, 1982, pp. 175-192.
- VAQUINHAS, Irene — "O conceito de 'decadência fisiológica da raça' e o desenvolvimento do desporto em Portugal (finais do século XIX/princípios do século XX)", *Revista de História das Ideias*, Coimbra, vol. 14, 1992, pp. 365-388.
- VIDAL, Bernard — *História da Química*, Lisboa, Edições 70, 1986.
- VIGARELLO, Georges — *Le propre et le sale. L'hygiène du corps depuis le Moyen Age*, Paris, Editions du Seuil, 1985.
- WALL, Florence E. — "Historical Development of Cosmetics Industry", in BALSAM, M.S.; SAGARIN, Edward (Ed.) *Cosmetics Science and Technology*, 2- ed., vol 3, New York, John Wiley & Sons, 1974, pp. 37-161 e 99-106.
- WEATHERALL, M. — *In search of a cure*, Oxford, Oxford University Press, 1990.
- WEIDLING, Paul — *Health, race and german politics between national unification and nazism 1870-1945*, Cambridge University Press, 1993
- WILLIEMSE, David — *Antonio Nunes Ribeiro Sanches — élève de Boerhaave et son importance pour la Russie*, Leiden, E. J. Brill, 1966.

Abreviaturas utilizadas:

- A. U.C. — Arquivo da Universidade de Coimbra.  
B. G.U.C. — Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.  
B.N.L. — Biblioteca Nacional de Lisboa.

Agradecimentos:

Os autores agradecem à Sra. Dra. Lúcia Veloso e à Sra. D. Manuela Branquinho dos Serviços de Referência da B.G.U.C. o empenho revelado na obtenção da obra de Johann Peter Frank, *System einer vollstandigen medicinischen polizey*, da Staatsbibliothek Preuffischer Kulturbesitz — Berlim — Alemanha e da Universitätsbibliothek — Universität Rostock — Alemanha.

## Anexo I

### Documento referente à organização da higiene em pública e privada

Teses de 1841 a 1897

- ABREU, Eduardo — *Theses de Medicina Theorica e Practica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1887.
- ALVES, Francisco Antonio — *Theses ex Universa Medicina, Conimbricae, Typis Academicis*, 1857.
- AZEVEDO, Lourenço de Almeida e — *Theses ex Universa Medicina, Conimbricae, Typis Academicis*, 1858.
- BASTO, Francisco José da Silva — *Theses de Medicina Theorica e Practica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1894.
- CABRAL, Filomeno da Câmara Mello — *Theses ex Universa Medicina, Conimbricae, Typis Academicis*, 1870.
- CARVALHO, Adelino Vieira de Campos de — *Theses de Medicina Theorica e Practica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1897.
- CARVALHO, Jacinto Alberto Pereira de — *Theses ex Universa Medicina, Conimbricae, Typis Academicis*, 1853.
- CARVALHO, Joaquim Martins Teixeira de — *Theses de Medicina Theorica e Practica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1888.
- COSTA, Luís Pereira da — *Theses de Medicina Theorica e Practica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1887.
- CUNHA, António Gonçalves da Silva e — *Theses ex Universa Medicina, Conimbricae, Typis Academicis*, 1848.
- DÓRIA, João António de Sousa — *Theses ex Universa Medicina, Conimbricae, Typis Academicis*, 1843.
- FERRAZ, Zalisto Inácio de Almeida — *Theses ex Universa Medicina, Conimbricae, Typis Academicis*, 1854.
- GAIO, António d'Oliveira Silva — *Theses ex Universa Medicina, Conimbricae, Typis Academicis*, 1858.
- GAMA, Raimundo Francisco da — *Theses ex Universa Medicina, Conimbricae, Typis Academicis*, 1857.
- JUNIOR, Daniel Ferreira de Matos — *Theses de Medicina Theorica e Practica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1876.
- MEIRELES, António da Cunha Vieira — *Theses ex Universa Medicina, Conimbricae, Typis Academicis*, 1863.
- MOREIRA, António Carlos de Guimarães — *Theses ex Universa Medicina, Conimbricae, Typis Academicis*, 1844.
- PINTO, José Ferreira de Macedo — *Theses ex Universa Medicina, Conimbricae, Typis Academicis*, 1844.
- REFOIOS, Joaquim Augusto de Sousa — *Theses de Medicina Theorica e Practica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1879.

- RIBEIRO, José Gomes — *Theses ex Universa Medicina, Conimbricae, Typis Academicis*, 1842.
- ROCHA, Augusto António da — *Theses de Medicina Theorica e Pratica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1876.
- ROCHA, Lúcio Martins da — *Theses de Medicina Theorica e Pratica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1894.
- SENA, António Maria — *Theses de Medicina Theorica e Pratica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1870.
- SILVA, António Maria Henriques da — *Theses de Medicina Theorica e Practica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1890.
- SILVA, João Serras e — *Theses de Medicina Theorica e Pratica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1897.
- SIMÕES, António Augusto da Costa — *Theses ex Universa Medicina, Conimbricae, Typis Academicis*, 1848.
- SOUSA, Manuel Pais de Figueiredo e — *Theses ex Universa Medicina, Conimbricae, Typis Academicis*, 1841.
- TORRES, Francisco Maria da Silva — *Theses ex Universa Medicina, Conimbricae, Typis Academicis*, 1843.
- VASCONCELOS, António Egípcio Quaresma de Carvalho e — *Theses ex Universa Medicina, Conimbricae, Typis Academicis*, 1845.
- VIEIRA, Adriano Xavier Lopes — *Theses de Medicina Theorica e Pratica*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1875.

## Anexo II

### Documento que ilustra a vulgarização dos trabalhos de Pasteur

O estudo da cólera das galinhas levou Pasteur à descoberta das vacinações e da imunidade. Ao utilizar na inoculação da cólera das galinhas uma cultura, que datava de algumas semanas, viu que os animais em experiência não sucumbiam, e que assim inoculados, nada sofriam, quando se lhes injectavam culturas de maior virulência. Daqui deduziu Pasteur a possibilidade de tornar os animais resistentes à invasão das doenças contagiosas pela introdução no organismo do micróbio que as produziu em culturas atenuadas. Paul Bert encarregado de elaborar o relatório dos serviços de Pasteur à França, que lhe valeram a pensão do estado, resumiu assim os trabalhos de Pasteur: "Podem ser classificados em três séries, constituem três grandes descobertas. A primeira pode ser formulada assim: cada fermentação é o produto do desenvolvimento dum micróbio especial. A segunda tem por fórmula: cada doença infecciosa é produzida pelo desenvolvimento dum micróbio especial no organismo. A terceira pode ser expressa assim: o micróbio duma doença infecciosa, cultivado em certas e determinadas

condições, atenua-se na sua actividade nociva; transforma-se de virus em vacina. Como consequência prática da primeira descoberta, Pasteur deu regras para fabrico do vinagre e da cerveja, e mostrou como se pode preservar a cerveja e o vinho das fermentações secundárias, que o tomam doente, e se opõem ao seu transporte e mesmo à sua conservação no local. Como consequências práticas da segunda, Pasteur deu as regras a seguir para pôr os rebanhos ao abrigo da contaminação carbunculosa, e os bichos da seda ao abrigo das doenças, que os destruíam. Por outro lado os cirurgiões, tomando-o por guia, chegaram a fazer desaparecer quase completamente as erisipelas e as infecções purulentas, que outrora produziam a morte de tantos operados. Como consequências práticas da terceira, Pasteur deu as regras a seguir para preservar, como de facto preservou, cavalos, bois e carneiros da doença carbunculosa, que causa cada ano em França um prejuízo de vinte milhões de francos. Os porcos e as galinhas vão ser preservados também. E acabava profeticamente: tudo faz esperar, que a raiva há-de ser domada também". Os trabalhos sobre a raiva iam dar um fecho triunfal ao ciclo dos trabalhos de Pasteur. Este homem de génio soube transformar a raiva, doença insidiosa, caprichosa, na sua evolução, e cujas condições de transmissão eram em grande parte desconhecidas, numa doença de laboratório sempre inoculável. Tendo achado o meio seguro e fatal de produzir esta doença terrível, Pasteur descobriu a sua vacina, e demonstrou, em animais, que eles se poderiam imunizar e resistir às culturas mais virulentas da raiva.

J. M. Teixeira de Carvalho — "Pasteur",  
*Gazeta Illustrada*, Coimbra, vol. 1, nº 2, 8 Jun. 1901, p. 10.

### Anexo III

#### CRÓNICA-BÓRICA

O edital do sr. governador civil de Lisboa, proibindo o uso das *cocottes* e outros amáveis projecteis carnavalescos, foi um golpe de morte no Entrudo.

O pensamento de tão ilustre funcionário — nós sabemos-lo! — foi sanear o Carnaval, o que, na crise de epidemias de todo o género que atravessamos, não pode deixar de ser considerado como um pensamento de salutar higiene pública.

Mas — permita-se-nos sua ex.<sup>a</sup> — se o seu pensamento é sanear, o seu edital é insuficiente.

Para que o Entrudo em Portugal, nas condições de geral infecção em que vivemos, seja verdadeiramente um entrudo higiénico, cumprir-lhe-ia antes de mais nada desinfectá-lo, o que conseguiria mediante as sábias medidas que passamos a propôr:



1º — Substituição das águas aromáticas das bisnagas, por dissoluções concentradas de sublimado corrosivo — 1 por mil.

2º — Substituição dos pós carnavalescos pelo pó de iodofórmio.

3º — Adopção das máscaras anti-infecciosas do dr. Affonso de Lemos.

Numa palavra, nós propomos ao sr. governador civil de Lisboa que complete o seu pensamento de um carnaval limpo com o pensamento melhor de um carnaval higiénico — um carnaval de laboratório, um carnaval de botica.

E assim, propomos também que a direcção de todos os serviços de ordem, relativos a esta diversão, seja confiada à pessoa que verdadeiramente nestes assuntos pontifica, ou seja o Doutor Ricardo Jorge, a quem nós nos permitiremos chamar o Inocencio VI da Higiene.

Desta forma, o sr. governador civil não só mata o Carnaval, como o salva.

in *A Parodia*, Lisboa, nº 6,21 de Fevereiro de 1900, p. 12.



Fig. 17 — Reprodução de uma página do periódico *A Parodia* animado artisticamente por Rafael Bordalo Pinheiro. Nesta página, intitulada "Chronica-bórica" satiriza-se o Carnaval aplicando-lhe as mais genuínas técnicas e práticas higienistas. E, por isso, se recomendam regras básicas "para que o Entrudo em Portugal, nas condições de geral infecção em que vivemos, seja verdadeiramente um entrudo higiênico" (*A Parodia*, vol. 1, nº 6, Lisboa, 21 de Fevereiro de 1900, p. 12).

## Anexo IV

### Catecismo contra a tuberculose

O que é a *Tuberculose*?

A maior parte das vezes é uma doença dos pulmões que se chama *tísica*.

*São os pulmões somente que podem ser atacados pela Tuberculose?*

Não; todos os nossos órgãos, quer dizer, todas as partes constituintes do nosso corpo, baço, fígado, rins, intestinos, cérebro, ossos, pele, músculos, podem ser atacados pela Tuberculose, mas a maior, parte das vezes são os pulmões os órgãos invadidos pela doença.

*Qual é a causa da Tuberculose?*

A Tuberculose é devida ao desenvolvimento no nosso corpo de um micróbio especial que se chama bacilo tuberculoso ou bacilo de Koch, do nome do sábio alemão que o descobriu em 1882.

*O que é um micróbio?*

É um ser infinitamente pequeno, com a forma de um ponto ou de uma vareta, e que é caracterizado por uma grande vitalidade e por um enorme poder de reprodução.

*Porque motivo é tão perigoso o micróbio da Tuberculose?*

Porque, invadindo os pulmões, multiplica-se nestes órgãos e produz uns caroços duros, que reunindo-se acabam por formar uns tubérculos amarelados que se parecem com queijo.

*O que é que sucede depois?*

Os tubérculos, que chegam a ter o tamanho de uma laranja, amolecem e no centro forma-se uma cavidade que pouco a pouco se vai estendendo.

*Que nome têm estas cavidades?*

Chamam-se cavernas tuberculosas. Vão sempre crescendo e destruindo os pulmões, a ponto do doente acabar por não poder respirar e morrer.

*A Tuberculose é uma doença temível?*

Sim, a mais temível de todas as doenças.

*Porque razão?*

1<sup>o</sup> Porque é a doença que mata mais gente.

2<sup>o</sup> Porque mata na flôr da vida.

3<sup>o</sup> Porque se pega muito facilmente.

4<sup>o</sup> Porque só muito dificilmente se cura, se não é bem tratada desde o princípio.

*Diga porque é tão devastadora a Tuberculose?*

Só ela, faz mais vítimas do que todas as outras doenças juntas. Em Portugal, anda por 15.000 o número dos tuberculosos que morrem todos os annos. Em França são 150.000 tuberculosos por anno. E na Alemanha para cima de 160.000.

*Em que idade se morre da Tuberculose?*

Pode-se dizer que em todas as idades, mas é a mocidade que é mais

castigada. Depois dos 50 anos a doença é rara.

*Como se pega a Tuberculose ?*

De muitos modos.

*Diga qual é o modo mais frequente ?*

O modo mais frequente são os escarros: 90 por cento dos casos devem-se atribuir a esta causa.

*Como é que se faz isso ?*

Os doentes tosse e escarram muito, e os escarros contêm uma infinidade de bacilos tuberculosos; se por qualquer meio esses bacilos se introduzem no corpo de um indivíduo são, este pode ter a doença.

*Porque meios se introduzem os bacilos no corpo ?*

Quando os escarros secam, os bacilos espalham-se no ar, e depois, pela respiração, introduzem-se nos pulmões.

*Há outros meios ?*

Há. Por exemplo, as pessoas que lavam os lençóis, as roupas dos tuberculosos, também podem contrair a doença, se tiverem feridas ou esgarçaduras nas mãos; é então por aí que o micróbio penetra.

*O que é que se deve fazer aos escarros que são tão perigosos ?*

Duas coisas:

1<sup>o</sup> Não escarrar no chão;

2<sup>o</sup> Utilizar para esse fim recipientes apropriados (escarradores), e destruir os escarros assim recolhidos.

*Qual é o melhor meio de destruir os escarros ?*

É fazê-los ferver durante 5 minutos em água adicionada de sal de soda (20 gramas ou um bocado como uma noz para um litro de água).

*Não há outro modo da Tuberculose nos atacar ?*

Há pela carne ou pelo leite proveniente de animais tuberculosos, porque o leite e a carne destes animais podem conter bacilos.

*Há muitas vacas tuberculosas ?*

Pode-se dizer que a quarta parte das vacas têm a doença.

*Quais são as precauções que se devem tomar ?*

Não se deve beber o leite como sai da teta, quando não há a certeza da vaca estar sã.

*Como se deve beber o leite ?*

Deve-se beber depois de fervido.

*Pode-se conhecer se uma vaca está tuberculosa ?*

Sim, recorrendo a um veterinário que faça uma injeção de tuberculina.

*Que vantagens vêm da injeção de tuberculina ?*

A injeção de tuberculina permite apurar os animais suspeitos de tuberculose, e empregar na alimentação uma carne sã e um leite puro.

*Pode-se generalizar este processo ?*

Devia sê-lo, como o prescrevem os regulamentos. No entretanto, as administrações públicas deviam, pelo menos, exigir dos donos das vacarias que fornecem leite e manteiga às creches, colégios, hospitais e asilos a aplicação das injeções de tuberculina às vacas leiteiras.

*Porque razão disse que se pode ter a doença, quando os bacilos se introduzem no corpo ?*

Porque nem todos adoecem apesar do bacilo se introduzir no corpo. Há pessoas que são refractárias à doença, assim como há outras nas quais o micróbio se desenvolve fatalmente.

*A Tuberculose é hereditária ?*

Não, os filhos dos tuberculosos não nascem tuberculosos, mas têm mais predisposição para a doença. Os exemplos do Tuberculose hereditária real são tão raros que não entram em linha de conta.

*A Tuberculose pode-se pegar pelo suor ?*

Não, é um preconceito; no suor dos doentes não se encontra nunca o bacilo.

*Pode-se curar a Tuberculose ?*

Sim. Pode-se curar, mas é muito difícil, não havendo condições especiais em que o doente possa estar.

*Que condições especiais são essas ?*

A vida ao ar livre, o repouso, e uma alimentação forte, sobretudo pelos ovos, pela carne e pelo leite.

*Cada qual em, sua casa, pode arranjar essas condições ?*

Não, nem os ricos nem os pobres.

*E nos hospitais ?*

Nos hospitais ainda menos, porque a pureza do ar é a condição essencial da cura.

*Então são precisos estabelecimentos especiais ?*

Sim, são precisos estabelecimentos em que se faça o tratamento pelo ar livre e puro, e de preferência em lugares altos, fora das cidades e quanto possível onde haja matas.

*Já existem estabelecimentos desses ?*

Sim, são os sanatórios, que há em grande número na Alemanha, na França e na Suíça.

*E em Portugal ?*

A Assistência Nacional aos Tuberculosos pensa em construir sanatórios populares.

*Nos sanatórios curam-se os tísicos ?*

Somando-se as curas certas, as curas prováveis e as melhoras, pode-se calcular em 70 % os resultados alcançados nos sanatórios. Desta percentagem pertencem 14 às curas prováveis e 42 às melhoras duradouras.

*A residência nos sanatórios é agradável ?*

Sim, os doentes estão aí muito bem, porque recebem cuidados muito atentos e constantes. Além disso são submetidos a um regimen reconstituente: muita carne, ovos e leite.

*Qual é o melhor ensejo para o doente entrar no sanatório ?*

Logo que aparecem os primeiros sintomas do mal.

*Como pode saber o doente que está tuberculoso ?*

A Tuberculose manifesta-se quase sempre pela tosse. Quando a tosse

fôr teimosa, deve-se pedir para mandar analisar os escarros no Instituto Bacteriológico de Lisboa, ou noutro instituto ou laboratório da mesma índole. No Instituto Bacteriológico de Lisboa a análise é gratuita para os indigentes e para as pessoas que não ganham mais de 800 réis diários.

*Porque motivo se deve recorrer mediatemente aos sanatórios ?*

1º Porque só nos sanatórios pode o doente curar-se.

2º Porque ficando em casa pode comunicar a doença aos outros: o marido à mulher, os pais aos filhos, etc.

*A Liga Nacional contra a Tuberculose tem por fim a construção de sanatórios?*

Não, porque isso demanda grandes capitais, e a Liga não tem recursos para tanto. Por isso ela limita-se a vulgarizar, por meio de conferências, folhetos e outras publicações, o conhecimento dos meios que permitem a cada qual defender-se contra a invasão da doença.

*Que votos fazeis vós ?*

Faço votos porque os poderes públicos e as pessoas abastadas se unam para organizar em Portugal o mais depressa possível, sanatórios que recebam os tuberculosos e porque todas se prestem às providências de defesa recomendadas pelo presente catecismo.

(Modificação do *Catecismo contra a tuberculose*,  
redigido pela Secção do Hainaut  
da Liga nacional belga c. a tub.)

in *Guerra à Tuberculose!*, vol. 1, nº 2, Abr. 1902, pp. 40-44.

## Anexo V

**Quadro geral**  
**Publicidade a medicamentos, águas minerais e alimentos feita na**  
**revista *A Illustração* (1884-1892)**

Produto publicitado	Total	Tipo
Anti-migraine do Dr. Alquié	12	c)
Aos surdos	2	1)
Bismutho albuminoso Boille	98	e)
Capsulas molles de Bourgeaud de creosote verdadeiro	26	j)
Cigarrilhas Espie	107	d)
Confeitos vermífugos de Royer	23	h)
Elixir Grez	166	e)
Farinha Eniova	7	b)
Ferro Bravais	87	f)
Ferro Quevenne	53	f)
Grãos de bromohvdrato de quinina boille	53	c)
Grãos de saúde do Dr.Franck	70	e)
Manuel d'Anatomie Comparé	1	m)
Manuel d'Anatomie Comparée des Vertébrés	2	o)
Óleo de Fígado de Bacalhau de Chevrier	52	f)
Oleo de Hogg	41	f)
Orezza	90	a)
Pasta peitoral e xarope de nafé	54	i)
Pastilhas Géraudel	1	f)
Pílulas de pepsina de Hogg	34	f)
Pó laxante de Vichy	11	g)
Quina laroche	26	f)
Racahout dos Arabes	57	b)
Traité d'Anatomie Comparée Pratique	1	n)
Traité d'Anatomie Humaine	1	m)
Vinho de chassaing	81	e)
Vinho de Millet	36	f)
Xarope e pílulas de Rébillon	24	k)
Xarope Zed	17	i)

Total — número de vezes que o produto é publicitado.

Tipo — classificação do produto publicitado em: a) água mineral; b) alimento para crianças; c) analgésico contra enxaquecas e nevralgias; d) tosse, catarro, constipação e nevralgias; e) tónico digestivo; f) tónico e anti-anémico. Reconstituintes de um modo geral; g) laxante; h) vermífugo; i) antitússico; j) tratamento de afecções das vias respiratórias, particularmente da tísica; k) aplicações variadas; 1) publicidade a A.L. Simpton para o tratamento da surdez; m) livro. Autor: C. Gegenbaur; n) livro. Autores: Carl Vogt e Emile Yung; o) livro. Autor: R. Wiedersheim.

## Anexo VI

**Quadro frequencial e tipológico  
Publicidade a medicamentos, águas minerais e alimentos na  
revista *A Illustração* (1884-1892)**

Produto publicitado	Total	Tipo
Elixir Grez	166	e)
Cigarrilhas Espie	107	d)
Bismutho albuminoso Boille	98	e)
Orezza	90	a)
Ferro Bravais	87	f)
Vinho de chassaing	81	e)
Grãos de saúde do Dr.Franck	70	e)
Racahout dos Arabes	57	b)
Pasta peitoral e xarope de nafé	54	j)
Ferro Ouevenne	53	f)
Grãos de bromohidrato de quinina boille	53	c)
Óleo de Fígado de Bacalhau de Chevrier	52	f)
Óleo de Flogg	41	f)
Vinho de Millet	36	f)
Pílulas de pepsina de Hogg	34	f)
Capsulas molles de Bourgeaud de creosote verdadeiro	26	j)
Quina laroche	26	f)
Xarope e pílulas de Rébillon	24	k)
Confeitos vermífugos de Royer	23	h)
Xarope Zed	17	i)
Anti-migraine do Dr. Alquié	12	c)
Pó laxante de Vichy	11	g)
Farinha Eniova	7	b)
Aos surdos	2	l)
Manuel d'Anatomie Comparée des Vertébrés	2	o)
Manuel d'Anatomie Comparé	1	m)
Pastilhas Géraudel	1	i)
Traité d'Anatomie Comparée Pratique	1	n)
Traité d'Anatomie Humaine	1	m)

Total – número de vezes que o produto é publicitado.

Tipo – classificação do produto publicitado em: a) água mineral; b) alimento para crianças; c) analgésico contra enxaquecas e nevralgias; d) tosse, catarro, constipação e nevralgias; e) tónico digestivo; f) tónico e anti-anémico. Reconstituintes de um modo geral; g) laxante; h) vermífugo; i) antitússico; j) tratamento de afecções das vias respiratórias, particularmente da tísica; k) aplicações variadas; l) publicidade a A.L. Simpton para o tratamento da surdez; m) livro. Autor: C. Gegenbaur; n) livro. Autores: Carl Vogt e Emile Yung; o) livro. Autor: R. Wiedersheim.



## Anexo VII

**Quadro frequencial por tipo de produto  
Publicidade a medicamentos, águas minerais e alimentos na  
revista *A Illustração* (1884-1892)**

<b>Tónicos digestivos</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
Elixir Grez	166
Bismutho albuminoso Boille	98
Vinho de chassaing	81
Grãos de saúde do Dr.Franck	70
	<b>Total</b>
	<b>415</b>
	<b>%</b>
	<b>33,7</b>

<b>Tónicos e anti-anémicos. Reconstituíntes gerais</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
Ferro Bravais	87
Ferro Ouevenne	53
Óleo de Fígado de Bacalhau de Chevrier	52
Óleo de Hogg	41
Vinho de Millet	36
Pílulas de pepsina de Hogg	34
Quina laroche	26
	<b>Total</b>
	<b>329</b>
	<b>%</b>
	<b>26.7</b>

<b>Medicamentos para a tosse, catarro, constipações e nevralgias</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
Cigarrilhas Espic	107
	<b>Total</b>
	<b>107</b>
	<b>%</b>
	<b>8.7</b>

<b>Águas minerais</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
Orezza	90
<b>Total</b>	90
<b>%</b>	73

<b>Medicamentos para o tratamento de afecções das vias respiratórias, particularmente da tísica</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
Pasta peitoral e xarope de café	54
Capsulas molles de Bourí reaud de creosote verdadeiro	26
<b>Total</b>	80
<b>%</b>	6.5

<b>Analgésicos contra enxaquecas e nevralgias</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
Grãos de bromohydrato de quinina boille	53
Anti-migraine do Dr. Alquié	12
	65
	5.3

<b>Alimentos para crianças</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
Racahout dos Arabes	57
Farinha Eniova	7
<b>Total</b>	64
<b>%</b>	5.2

<b>Aplicações variadas</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
Xarope e pilulas de Rébillon	24
	24
	1.9

<b>Vermífugos</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
<b>Confeitos vermífueos de Rover</b>	<b>23</b>
<b>Total</b>	<b>23</b>
<b>%</b>	<b>1.8</b>

<b>Antitússicos</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
<b>Xarope Zed</b>	<b>17</b>
<b>Pastilhas Géraudel</b>	<b>1</b>
<b>Total</b>	<b>18</b>
<b>%</b>	<b>1.4</b>

<b>Laxantes</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
<b>Pó laxante de Vichy</b>	<b>11</b>
<b>Total</b>	<b>11</b>
<b>%</b>	<b>0.9</b>

<b>Livros</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
<b>Manuel d'Anatomie Comparée des Vertébrés</b>	<b>2</b>
<b>Manuel d'Anatomie Comparé</b>	<b>1</b>
<b>Traité d'Anatomie Comparée Pratique</b>	<b>1</b>
<b>Traité d'Anatomie Humaine</b>	<b>1</b>
<b>Total</b>	<b>5</b>
<b>%</b>	<b>0,4</b>

<b>Técnicas terapêuticas</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
<b>Aos surdos</b>	<b>2</b>
<b>Total</b>	<b>2</b>
<b>%</b>	<b>0.2</b>

## Anexo VIII

## Quadro geral

Publicidade a preparações cosméticas e de higiene corporal feita na revista *A Illustração* (1884-1892)

Produto publicitado	Total	Tipo
A Higiene das creanças	17	rl
A Jaborandina	7	k)
A Veloutine	114	g)
Actimine do Dr. Harisson	6	c)
Água divina E. Coudray	37	a)
Anti-bolbos	22	f)
Brise exotique	21	c)
Casa De Vertus Soeurs	70	j)
Calliflore	94	d)
Charleux	6	e)
Crème de la Mecque et Charmeresse	1	h)
Duvet de Ninon	22	b)
Eau de Ninon	18	c)
Elixir Dentífrice John Evans	13	n)
Elixir Dentrificio dos RRPP		
Benedictinos da Abadia de Soulac	23	n)
Epilatorios Dusser	141	h)
Espartilhos Léoty	24	p)
Extractos concentrados de Rigaud	23	i)
Gottas concentradas E. Coudrav	14	j)
Guerlain de Paris	113	j)
Kananga do Tapão	11	q)
La charmeresse	44	b)
La diaphane	1	g)
Lait de Mamilla	22	l)
Leite antephelico	172	c)
Manual theorico-pratico de gymnastica	2	r)
Óleo de quina E. Coudray	34	k)
Pasta dentífrica de Botot	18	n)
Pâte Agnel	94	b)
Pâte des Prélats	18	b)
Pelivore	6	b)
Perfumaria Especial de Lacteina E. Coudrav	33	q)
Perfumaria Tynra – F.d Pinaud	32	q)
Perfumaria Médicis	24	j)
Perfumaria Oriza	14?	q)
Phénol – Boboeuf	23	q)
Poudre dentífrice John Evans	12	n)

<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>	<b>Tipo</b>
<b>Poudre Fleur de Pêche</b>	<b>18</b>	<b>b)</b>
<b>Primavera E. Coudray</b>	<b>25</b>	<b>q)</b>
<b>Saboaria Victor Vaissier</b>	<b>10</b>	<b>j)</b>
<b>Sève Sourcillière</b>	<b>18</b>	<b>m)</b>
<b>Société Hygiénique</b>	<b>26</b>	<b>j)</b>
<b>Sulfurine</b>	<b>12</b>	<b>o)</b>
<b>Suspensórios Milleret</b>	<b>47</b>	<b>p)</b>
<b>T. Tones</b>	<b>48</b>	<b>j)</b>
<b>Tsarine</b>	<b>35</b>	<b>g)</b>
<b>Vinaere de Toucador de Jean-Vincent de Bully</b>	<b>26</b>	<b>s)</b>
<b>Violet</b>	<b>59</b>	<b>j)</b>

**Total** — número de vezes que o produto foi publicitado.

**Tipo** — tipo de produto que foi publicitado: a) água de toucador de usos variados; b) branqueador; c) branqueador e anti-rugas; d) pos corantes; e) produtor de jóias para ornamento do cabelo; f) limpeza da pele; g) pó de arroz; h) depilatorios; i) perfume; j) publicidade a urna empresa produtora e/ou comercial; k) tónico capilar; l) desenvolvimento do peito; m) cosmética ocular; n) dentífrico; o) higiene corporal (banho); p) vestuário; q) linha de produtos variada; r) livro; s) vinagre de toucador.

## Anexo IX

Quadro frequencial e tipológico  
Publicidade a preparações cosméticas e de higiene corporal na  
revista *A Ilustração* (1884-1892)

Produto publicitado	Total	Tipo
Leite antephelico	172	c)
Perfumaria Oriza	142	q)
Epilatorios Dusser	141	h)
A Veloutine	114	g)
Guerlain de Paris	113	f)
Calliflore	94	d)
Pate Agnel	94	b)
Casa De Vertus Soeurs	70	i)
Violet	59	j)
T. Tones	48	j)
Suspensorios Milleret	47	p)
La charmeresse	44	b)
Água divina E. Coudray	37	a)
Tsarine	35	g)
Óleo de quina E. Coudray	34	k)
Perfumaria Especial de Lacteina E. Coudray	33	q)
Perfumaria Ixora – Ed. Pinaud	32	q)
Société Hygiénique	26	j)
Vinagre de Toucador de Tean-Vincent de Bully	26	s)
Elixir Dentrificio dos RRPP Benedictinos da Abadia de Soulac	25	n)
Phénol – Boboeuf	25	q)
Primavera E. Coudray	25	q)
Perfumaria Médicis	24	j)
Espartilhos Léoty	24	p)
Extractos concentrados de Rigaud	23	i)
An ti-bolbos	22	f)
Duvet de Ninon	22	b)
Tait de Mamilla	22	l)
Brise exotique	21	c)
Eau de Ninon	18	c)
Pasta dentífrica de Botot	18	n)
Pâte des Prélats	18	b)–
Pondre Fleur de Péche	18	b)
Sève Sourcillière	18	m)
A Hveiene das creancas	17	r)
Gottas concentradas E. Coudray	14	i)

<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>	<b>Tipo</b>
Elixir Dentifrice John Evans	13	n)
Poudre dentifrice John Evans	12	n)
Sulfurine	12	o)
Kananea do Tapão	11	q)
Saboaria Victor Vaissier	10	j)
A Jaborandina	7	k)
Actimine do Dr. Harisson	6	c)
Charleux	6	e)
Pelivore	6	b)
Manual theorico-pratico de gvmnastica	2	r)
Crème de la Mecque et Charmeresse	1	b)
La diaphane	1	g)

**Total** — número de vezes que o produto foi publicitado.

**Tipo** — tipo de produto que foi publicitado: a) água de toucador de usos variados; b) branqueador; c) branqueador e anti-rugas; d) pos corantes; e) produtor de jóias para ornamento do cabelo; f) limpeza da pele; g) pó de arroz; h) depilatorios; i) perfume; j) publicidade a urna empresa produtora e/ou comercial; k) tónico capilar; l) desenvolvimento do peito; m) cosmética ocular; n) dentífrico; o) higiene corporal (banho); p) vestuário; q) linha de produtos variada; r) livro; s) vinagre de toucador.

Anexo X

Quadro frequencial por tipo de produto  
Publicidade a preparações cosméticas e de higiene corporal na  
revista *A Ilustração* (1884-1892)

Publicidade a uma empresa produtora e/ou comercial	
Produto publicitado	Total
<b>Casa De Vertus Soeurs</b>	70
<b>Guerlain de Paris</b>	113
<b>Perfumaria Médicis</b>	24
<b>Saboaria Victor Vaissier</b>	10
<b>Société Hygiénique</b>	26
<b>T. Tones</b>	48
<b>Violet</b>	59
<b>Total</b>	350
<b>%</b>	19.4

Linha de produtos variada	
Produto publicitado	Total
<b>Perfumaria Especial de Lacteina E. Coudrav</b>	33
<b>Kananga do Tapão</b>	11
<b>Perfumaria Ixora — Ed. Pinaud</b>	32
<b>Perfumaria Oriza</b>	142
<b>Phénol — Boboeuf</b>	25
<b>Primavera E. Coudrav</b>	25
<b>Total</b>	268
<b>%</b>	14.9



Branqueadores e anti-rugas	
Produto publicitado	Total
Actimine do Dr. Harisson	6
Brise exotique	21
Eau de Ninon	18
Leite antenhelico	172
<b>Total</b>	<b>217</b>
<b>%</b>	<b>12</b>

Branqueadores	
Produto publicitado	Total
Crème de la Mecque et Charmeresse	1
Duvet de Ninon	22
La charmeresse	44
Pâte Agnel	94
Pâte des Prélats	18
Pelivore	6
Poudre Fleur de Pêche	18
<b>Total</b>	<b>203</b>
<b>%</b>	<b>11.3</b>

Pó de arroz	
Produto publicitado	Total
A Veloutine	
La diaphane	1
Tsarine	35
<b>Total</b>	<b>150</b>
<b>%</b>	<b>8.3</b>

Depilatorios	
Produto publicitado	Total
Epilatórios Dusser	141
<b>Total</b>	<b>141</b>
<b>%</b>	<b>7.8</b>

<b>Pos corantes</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
Calliflore	94
<b>Total</b>	94
<b>%</b>	5.2

<b>Vestuário</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
Espartilhos Léoty	24
	47
<b>Total</b>	71
<b>%</b>	3.9

<b>Dentríficos</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
Elixir Dentífrice John Evans	13
Elixir Dentrificio dos RRPP	
Benedictinos da Abadia de Soulac	25
Pasta dentífrica de Botot	18
	12
<b>Total</b>	68
<b>%</b>	3.8

<b>Tónico capilar</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
A Jaborandina	7
Óleo de quina E. Coudray	34
<b>Total</b>	41
<b>%</b>	2.3

<b>Água de toucador de usos variados</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
Água duvina E. Coudray	37
<b>Total</b>	<b>37</b>
<b>%</b>	<b>2.1</b>

<b>Perfume</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
Extractos concentrados de Rigaud	23
Gottas concentradas E. Coudray	14
<b>Total</b>	<b>37</b>
<b>%</b>	<b>2.1</b>

<b>Vinagre de toucador</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
Vinagre de Toucador de Jean-Vincent de Bully	26
<b>Total</b>	<b>26</b>
<b>%</b>	<b>1.4</b>

<b>Limpeza da pele</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
Anti-bolbos	22
<b>Total</b>	<b>22</b>
<b>%</b>	<b>1.2</b>

<b>Desenvolvimento do peito</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
Lait de Mamilla	22
<b>Total</b>	<b>22</b>
<b>%</b>	<b>1.2</b>

<b>Livros</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
A Hygiene das creanças	17
Manual theorico-pratico de gymnastica	2
<b>Total</b>	<b>19</b>
<b>%</b>	<b>1.1</b>

<b>Cosmética ocular</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
Sève Sourcillière	18
<b>Total</b>	<b>18</b>
<b>%</b>	<b>1</b>

<b>Higiene corporal (banho)</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
Sulfurine	12
<b>Total</b>	<b>12</b>
<b>%</b>	<b>0.7</b>

<b>Produtor de joias para ornamento do cabelo</b>	
<b>Produto publicitado</b>	<b>Total</b>
Charleux	6
<b>Total</b>	<b>6</b>
<b>%</b>	<b>0.3</b>